



COMISSÃO ESTADUAL DA
**MEMÓRIA
E VERDADE**
DOM HELDER CÂMARA

TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO PÚBLICA REALIZADA EM 14/03/2013

LOCAL : AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

DEPOENTES:

- **ROMILDO MARANHÃO DO VALLE**
- **SONIA MARIA DE ARRUDA BELTRÃO**
 - **SONIA COUTINHO CALHEIROS**
 - **RILDETE ALVES RODRIGUES**



Rildete Alves Rodrigues



Sônia Beltrão (terceira, da esquerda para direita)

00:00:00 - FERNANDO COELHO – Eu convido os demais membros da Comissão para que tomem assento na mesa.

00:01:04 – FERNANDO COELHO – Por uma questão técnica, tendo que repetir mais ou menos o que disse, para efeito de gravação da sessão: a sessão de hoje, que eu declaro aberta, porque há número legal de membros da Comissão aqui presentes, a sessão se destina à oitiva dos depoimentos de Sônia Coutinho, Sônia Beltrão, Romildo Maranhão do Valle, Rildete Alves Rodrigues. São relatores os comissionados Nadja Brayner e Roberto Franca. E as investigações dizem respeito aos processos que têm como vítimas Luiz Alberto Andrade de Sá Benevides, Miriam Lopes Verbena, Ezequias Bezerra da Rocha, Almir Custódio de Lima, Ranúzia Alves Rodrigues e Ramires Maranhão do Valle. Convido para que tome assento e seja ouvida inicialmente a doutora Sônia Coutinho. Passo a palavra, inicialmente, ao doutor Roberto Franca.

00:03:21 – ROBERTO FRANCA – Senhor coordenador, demais membros da Comissão, senhoras e senhores, esta sessão de hoje dá prosseguimento à ouvida de testemunhas acerca dos casos que foram priorizados pela Comissão Estadual da Memória e da Verdade. Relembro só que a Comissão fez uma priorização de cinquenta e um casos de mortos e desaparecidos e está ouvindo pessoas que possam dar uma contribuição. Estamos reunindo documentação em Brasília, em outros estados, participando de eventos em outros estados, para reunir informações para acrescentar aquilo que já foi acumulado pelos familiares aos longos desses anos, pelos militantes, pelos militantes dos diversos partidos políticos. E, no momento, eu e Nadja ficamos com uns dez casos de pessoas mortas ou desaparecidas vinculadas, à época, ao PCBR, Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Nós fizemos uma distribuição de relatorias, entre os membros da Comissão, e por uma questão puramente operacional, para obter melhor resultado, nós achamos que era melhor concentrarmos, aglutinando, para obtermos informações mais detalhadas, sobre determinados casos. E a esse respeito, tem sido muito interessante, porque temos descoberto documentos secretos, reservados, do Centro de Informação do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, que fazem exames específicos sobre as organizações, mencionando nomes das pessoas, das lideranças, fazendo todo um organograma das organizações, inclusive, fazendo referência a pessoas que deveriam ser “neutralizadas”. São documentos realmente muito importantes que começam a nos chegar. Mas nos depoimentos de hoje, nós estamos focando o caso de alguns militantes que foram mortos, aqui em Pernambuco, e alguns no Rio de Janeiro, de uma maneira especial, a Ezequias Bezerra da Rocha, o caso já devidamente esclarecido, com relação ao assassinato, na mesma noite em que ele foi preso aqui no Recife, e um caso mais intrigante... um caso mais intrigante que envolve Luiz Alberto Andrade de Sá Benevides e a sua esposa Miriam Lopes Verbena. É um caso que tem preocupado os militantes e a Comissão da Verdade, mas também a Comissão de Anistia, a Comissão dos Mortos e Desaparecidos, porque o casal foi morto...o casal morreu em um acidente de automóvel, no interior, e o processo na Comissão de Justiça, no Ministério da Justiça, Comissão de Reparação Nacional, ela não...ela indeferiu o pedido da família de reconhecimento de que esse casal havia sido morto pelo Estado, por órgãos da repressão. Porque não foram encontrados elementos suficientes que caracterizassem que os dois morreram num acidente provocado pelas forças de repressão ou artificialmente criado. Esse é um caso intrigante porque o Luiz Alberto era um dirigente nacional do PCBR, importante, consta de um documento da Marinha, da Aeronáutica, apontando ele como uma liderança, depois nós vamos examinar... tem informações de prisões que ocorreram de pessoas que falaram dois dias antes da morte dele, aqui no Recife, foram presos no Rio de Janeiro. De forma que é um caso ao qual nós temos que acrescentar alguma coisa a mais. Esse é um desafio para a Comissão, caracterizar melhor essa morte, porque é um acidente que ninguém sabe quem levou os corpos para o hospital. Todos os depoimentos, há muitos detalhes, a Comissão ...é...Iara Xavier, fez um

relatório profundo a respeito do caso de Luiz Alberto e de Miriam Lopes, mas que não foi aprovado, não foi reconhecida a responsabilidade do Estado na morte do casal. Esses são dois casos assim...que ocorreram em 72, que é um período...é um ano imediatamente anterior a 73, em que houve o maior número de mortos e desaparecidos dos casos que nós estamos examinando e me parece que de todo o Brasil. É o período do General Garrastazu Médici; 72 e 73 foram os casos que nós fizemos o levantamento aqui das...desses casos que estamos examinando aqui dos mortos, pela Comissão de Pernambuco, em que houve o maior número de mortos e desaparecidos, e, no caso de 72, se encontra o caso da Miriam, do Miguel Pereira dos Santos, Luiz Alberto Benevides, Lurdes Maria Wanderley, José Inocêncio Pereira, José Bartolomeu, aí já no Rio de Janeiro, mas, enfim. Então nós vamos ouvir Sônia Coutinho como primeira depoente.

00:09:07 – NADJA BRAYNER – Como nessa ouvida de hoje estão envolvidas duas relatorias, então a gente, além de tratar desse caso que envolve Miriam, Ezequias e o Benevides, nós vamos tratar também do caso, num breve resumo, de quatro militantes do PCBR que foram mortos pelos órgãos de segurança em 27 de outubro de 1973. E a cena para legalização das execuções foi montada na Praça Sentinela, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, que envolve Ramires, Almir Custódio, Vitorino, e que os corpos aparecem carbonizados dentro de um Volks, enquanto o corpo de Ranúzia Alves Rodrigues jaz baleado, embora não queimado. Esses foram os últimos membros do PCBR a serem mortos no longo ciclo do regime militar, encerrando a série iniciada com os assassinatos sob tortura de Mário Alves, que foi o principal dirigente do PCBR, em janeiro de 70, no DOI-CODI do Rio de Janeiro. Então em outubro de 73, com essas últimas quatro mortes, o PCBR ficou reduzido a um número pequeno de militantes e de simpatizantes. Eu pedi a Roberto Franca para colocar isso antes porquê...porque tanto a ouvida de Sônia Coutinho, quanto a de Sônia Beltrão, elas envolvem basicamente o caso de Ezequias e de Miriam; enquanto as ouvidas posteriores que vão ser de Romildo e de Rildete Alves, irmã de Ranúzia, vão envolver as duas relatorias. Então só para esclarecer a vocês que, no decorrer das ouvidas, nós, enquanto relatores, faremos perguntas que envolvem os dois casos.

00:11:18 – ROBERTO FRANCA – Eu só queria agradecer a presença de Sônia Coutinho Calheiros e dizer que ela fique bem à vontade. Nós sabemos das dificuldades de depoimentos que são prestados depois, ao longo de tantos anos. Às vezes não é fácil para muitas pessoas – para todos nós – não é fácil às vezes lembrar momentos dolorosos, no caso, prisões e às vezes torturas, e desaparecimento de pessoas conhecidas...não é uma memorização muito fácil. Mas eu queria dizer, Sônia, que você pode ficar à vontade, nós estamos aqui num clima de muito...de muita, é...descontração, nós...essa Comissão ela pretende...ela entende as limitações temporais, a memória que às vezes falha, mas é uma oportunidade às vezes, que um fato lembra outro, que a gente pode ir...é... tomando informações, pequenos detalhes que às vezes são importantes num conjunto. Então não se preocupe se a memória falhar em alguns momentos, mas nós temos um conjunto de outros elementos que vamos compondo com outros depoimentos, com documentos que surgem a cada dia. De forma que eu queria passar a palavra para o coordenador da Comissão.

00:12:32 – FERNANDO COELHO – Antes de passar a palavra para a depoente, eu quero registrar a presença da professora Lúcia Guerra, da Comissão recém constituída e empossada, a Comissão da Verdade da Paraíba, que está nos honrando com sua presença. (aplausos).

12:55 – ROBERTO FRANCA – A nossa sistemática prevê uma introdução que a depoente faça, a seu critério, sobre os fatos da época, que ela julgue livremente de seu interesse, por um tempo não superior a trinta minutos, mas ela pode ficar à vontade da forma como queira abordar esses ...essas lembranças.

00:13:26 – SÔNIA COUTINHO – Bom dia a todos, eu acatei o convite da Nadja Brayner para falar do que a gente viveu naquela época e tentar, com o pouco tempo que eu convivi lá com a Guilhermina, esclarecer um pouco esses fatos. Nessa época, meu marido, Ivaldevan Calheiros, já era formado, eu ainda era estudante de Arquitetura, e ele era um apoio significativo para o PCBR. Da mesma forma que o Ezequias, como formado, era um apoio. E antes da Miriam viajar, ela pediu para uma pessoa ficar lá em casa. E então foi feito, essa pessoa foi pra lá e a gente não sabia quem era, mas era um período curto, enquanto ela fazia uma viagem, a gente ficou com a guarda dessa pessoa lá. E então as coisas se sucederam, que Franca já falou, com o desastre que houve, lá em Caruaru, que na época todos nós comentávamos, ficávamos...supondo, porque tinha marca de tiro, se tinha sido acidente, se não tinha, mas todo mundo já estava atento à essas questões, e começou a desencadear todo um processo de prisões de pessoas amigas, de pessoas que estavam convivendo conosco nessa época, nas lutas dessa época. Eu, na faculdade de Arquitetura, era, no caso, simpatizante da AP, não era engajada no PCBR. Eu era uma simpatizante da AP, então lia textos, prestava apoio, cedia carro, vigia, essa coisa toda, mas bem iniciante nesse processo. E quando ocorreu a nossa prisão, foi logo após, aí a gente soube que Romildo tinha sido preso, Sônia, Pedro, então já estávamos ficando angustiados, mas o rapaz dizia: “não, em breve a gente vai sair. Eu estou prestes a arranjar um outro local”, porque ele sabia que as pessoas que colocaram ele lá, sabiam que ele estava lá. E não deu outra: numa madrugada, acho que do dia quatro de abril, se não me engano, a polícia bateu. Nós morávamos como moramos hoje, num sobrado em Olinda, no primeiro andar, morávamos só no primeiro andar na época, e eles entraram e subiram a escada, e bateram com força na porta. A gente demorou a abrir, porque deu um certo tempo para o João, que era a pessoa que estava lá, saísse, e eles atiraram e o Ivaldevan abriu a porta e quando eles entraram, eles viram a rede, o chinelo e os óculos dele no chão, e o livro e uma janela aberta. E ficaram assim muito agoniados porque eles marcaram só a frente e a lateral da casa, e ele fugiu por uma janela à direita. E eles perderam a pessoa que eles estavam buscando e ficaram já batendo em Ivaldevan e...porque ele fez de propósito de abrir a porta e tal e tal. Mandaram cercar a cidade, tudo por telefone, porque não tinha celular. E essa pessoa conseguiu evadir-se. Ela não foi presa, e agente foi preso, levaram todas as coisas, separaram o material dele, ele era uma pessoa...a gente não sabia, tinha arma, tinha não sei quantos documentos, entendeu...várias identidades e tudo. E aí a gente entrou, descemos, nessa ocasião já era dia, minha empregada já tinha chegado, Maria. Mandei fazer café e aí na hora que a gente desceu, ela desceu na minha frente, aí eu disse: “Maria, vai na casa de Marcos...”, que era a única pessoa que morava perto que ela sabia, pra ele avisar à família, papai. E ela saiu e foi embora. E a gente entrou na Kombi, já tinha uma pessoa lá, deitada, totalmente ensanguentada, que a gente não reconheceu logo, e a gente botou capuz e entramos nessa Kombi e já tinha toda a vizinhança assistindo a essa cena. Ao chegar no DOI-CODI, não sei...estava até comentando agora com Romildo, por um lapso deles, eu e Ivaldevan, eles jogaram a gente na mesma cela. Na hora que a gente entrou. Que a gente não sabia...eu estou falando DOI-CODI porque agora a gente sabe que era o DOI-CODI, mas era um lugar totalmente estranho, cheio de celas, e jogaram a gente. Então ele disse: “Olhe, mantenha a história que a gente construiu!”, que era que esse João era um estudante de Geologia, se eu não me engano, que morava numa república com estudantes, o pessoal se formou e ele estava formando outros grupos para dividir um apartamento. Então era isso que a gente...

00:18:21 – ROBERTO FRANCA – Sônia, por favor, você falou DOI-CODI, mas não foi na secretaria de segurança pública (...) ou foi no quartel ali do 13 de Maio?

00:18:27 – SÔNIA COUTINHO – Não. Do quartel do 13 de Maio, que depois...o DOI-CODI, a gente foi direto pra lá.

00:18:32 – NADJA BRAYNER – Sônia, desculpe, é porque só pra...a pessoa que estava na...quando vocês entraram no carro, você reconheceu? Sabia quem era? Não?

00:18:41 – SÔNIA COUTINHO – Pedro Eugênio.

00:18:43 – NADJA BRAYNER – Pedro Eugênio que estava já na Kombi quando vocês...

00:18:46 – SÔNIA COUTINHO – Na Kombi. Era.

00:18:47 – NADJA BRAYNER – Quando vocês foram presos. Certo.

00:18:48 – SÔNIA COUTINHO – E aí a gente manteve, porque era uma pessoa estranha na nossa casa, então para a empregada, para a família, era essa história que era uma pessoa que estava aguardando formar outro grupo para poder alugar o apartamento formar uma nova república para ele morar. Então estava passando um tempo lá em casa. E foi isso que eu mantive durante todo o interrogatório. Mas logo em seguida, que eles tiraram a gente, separaram, e eu entrei na cela onde estava Guilhermina. Guilhermina, a gente sabia que o casal já tinha sido preso, Ezequias e Guilhermina, porque eram os proprietários do Volks azul que foi emprestado por eles r ...para a viagem de Miriam e Benevides. Então a gente, antes de ser preso, a gente já sabia dos fatos todos que corriam...entre a gente na cidade, e todos os comentários, que o carro era de Ezequias e que eles já estavam presos. E antes de a gente ser preso, a gente sabia também que tinha sido achado um corpo, de cueca, no rio, não-sei-o-quê, que saiu no jornal, e tal, e que correu entre a gente que poderia ser o Ezequias. As pessoas que foram que reconheceram, apesar de estar transformado, mas tinha-se essa grande suspeita. E eu fiquei muito angustiada quando me botaram na cela, eu e Guilhermina. E aí a gente começou a conversar e eu perguntei há quanto tempo ela estava e ela falando “não, que a gente foi preso logo depois...e tal”. Eu disse “e ...”, aí ela falou “não...é, mas..Ezequias quebrou o braço, escorregou no banheiro e ele está no hospital, levaram ele para o hospital.”. E eu...

00:20:37 – ROBERTO FRANCA – Desculpe, Sônia...quanto tempo você ficou presa, aproximadamente? Presa?

00:20:40: SÔNIA COUTINHO – Eu fiquei presa em torno de vinte, dezenove a vinte dias...

00:20:43 – ROBERTO FRANCA – Porque nesse momento...a prisão foi dia quatro...quatro, nesse momento já é...já fazia algum tempo da sua prisão, não foi...isso não foi logo, foi depois, não é? Depois do dia dez...

00:20:52 – SÔNIA COUTINHO – Não. Eu fui presa, acho que quatro, quatro de abril...é.

00:20:55 – ROBERTO FRANCA – Dia quatro...mas o contato com Guilhermina foi...

00:20:57 – SÔNIA COUTINHO – Com Guilhermina foi no dia quatro mesmo! No mesmo dia. Quando eu cheguei no DOI-CODI eu fiquei numa cela poucos segundos com Ivaldevan, depois a gente se separou. Foi nessa hora que a gente manteve essa conversa de que eu ia segurar essa...que eu não conhecia as pessoas. Eu fui depois para a cela com ela. Com Guilhermina. E o que ela me contou, quando a gente ficou conversando, foi que ele tinha se acidentado, quebrado o braço, foi o que tinham contado pra ela e que estava hospitalizado, cuidando do braço. E a gente ficou numa angustia imensa porque a gente tinha essa suspeita, mas não tinha condição de informar a ela, porque a gente não tinha realmente nenhuma confirmação, nenhum dado que pudesse garantir que o corpo achado era dele. Eu não me sentia com nenhuma condição de colocar isso pra ela. E era uma situação muito angustiante porque ela estava crente que ele estava lá. E ficamos eu acho, um ou dois dias, e logo em seguida, retiraram ela e levaram para algum lugar que eu não sei, mais adiante eu a reencontrei já no quartel em Olinda e depois a gente foi tudo transferida aí para o DOPS, na rua da União. Mas isso já, acho que vinte de abril, já mais adiante. Certo? Mas nesse período a gente conviveu...

00:22:22 – NADJA BRAYNER – Só...o roteiro: vocês ficaram no DOI-CODI, depois foram para o quartel em Olinda...

00:22:26 - SÔNIA COUTINHO – No quartel...da polícia em Olinda.

00:22:27 – NADJA BRAYNER – Depois...para o DPOS...

00:22:29 - SÔNIA COUTINHO – Depois para o DOPS onde a gente sentiu que lá começava a formalização da nossa prisão. Que eram esses depoimentos. Certo? Então é nessa convivência com ela, isso, e que depois todos esses fatos foram se comprovando. É...tem um outro fato, você estava falando desse registro de livros, e na época o Miranda passava e dizia assim “Não. Você vai ficar para depois. Você é da AP a gente vai cuidar desse grupo depois.”. Mas aí eles me levavam para eu tentar reconhecer essa pessoa. Davam-me livros e livros que eram essas pastas com plásticos. Em cada página tinha uma ficha, era por partido, de várias pessoas presas, nome, fotografia, onde estavam, para eu tentar reconhecer essa pessoa que estava lá em casa. Essa pessoa, depois a gente soube quem era, conviveu, ele apareceu, é uma pessoa que depois ainda continuou fazendo coisas, que era, não sei se ele tinha algum nome, mas era Preste Paula, alguma coisa assim, que era um dirigente alto do partido, que a gente realmente... eu não tinha nenhum conhecimento da importância dele na estrutura partidária que eles estavam procurando. E ficaram realmente bastante chateados por não terem pego ele lá. Mas era uma coisa totalmente organizada e eu ficava lá, uma pessoa atrás de mim, e eu passando as páginas, pra tentar reconhecer. E nessa passada de página, você via várias pessoas que você conhecia. Meu irmão, por exemplo, lá, que era da ALN, estava lá, nome, onde é que estava, não-sei-o-que e tal, meu irmão Luciano, Carmem, Dulcinha, essas pessoas todas e você passava as páginas, assim olhando, entendeu? Tentando ser a mais discreta, mas eles tinham um nível de conhecimento da...de todas as organizações, de todas as coisas, nesses livros, e eu tinha que tentar localizar a figura que estava hospedada lá em casa. E em seguida a gente saiu de lá, pra ser transferida, a gente conviveu, Romildo, todas as pessoas, a maioria a gente via passar, minha cela era num lugar, acho que era a primeira antes do banheiro, entendeu, e você via todo mundo indo para os depoimentos, e voltando à noite, tudo estraçalhado, era realmente uma tortura muito grande, certo? A gente...minha família, eu acho que intercedeu bastante, e meu pai era médico, era médico de algumas figuras do Exército, amigo de Montezuma, do Coronel Bandeira, entendeu? Então, no segundo dia eu já não sofri mais tortura nenhuma, já foi uma coisa bem mais leve, certo? Eles ficaram só me usando para eu falar tudo o que eu sabia dessa pessoa, que eu não conhecia realmente, e de quem eram as amizades, coisas, de meu marido. E eu acho que foi...

00:25:42 – NADJA BRAYNER – Sônia, me desculpe...umas perguntas que a gente precisa fazer. Você sofreu tortura física? Psicológica é evidente, o tempo inteiro. Mas você sofreu tortura física e quais agentes policiais que você identificaria?

00:25:58 - SÔNIA COUTINHO – Olhe, sofri...sofri choques elétricos, certo? Nas mãos e nos pés. As pessoas eu não conhecia. As únicas pessoas que passavam lá na cela eram o Miranda e aqueles peixinhos, aquelas pessoas que conheciam mais a gente. O outro eram gente de calça jeans, camisa branca, aqueles bolsões, totalmente disfarçados, que não tinha cara de policial, devia ser gente infiltrada, e que faziam os interrogatórios. Certo? Mas eu não os conhecia. Conhecia quem passava que eram as pessoas que já nos fiscalizavam e que eram...que continuaram depois de agente ter saído da prisão, depois de Ivaldevan ter saído, que Ivaldevan foi indiciado. Eu não cheguei a ser indiciada, em termo de processo; eram os mesmos que ficaram, continuaram, em todos os momentos fiscalizando, na porta de casa, Miranda lá, com a mulher, na porta do carro, a gente na janela, parando, entendeu? Qualquer pessoa que saía, que ia visitar a gente, a gente avisava “Olha, esse cara aí é tira, certamente vai lhe seguir e vai não-sei-o-que e tal”. Então foi essa perseguição. Mas depois a gente se

reencontrou...que a gente entendeu que a saída para o quartel, para mim foi uma das situações mais angustiantes, por que na hora que eu fui presa, eu fui com Ivaldevan, mas na hora que eu saí, eu saí sozinha numa Kombi, encapuzada, deitada no chão, de noite, eu não sabia para onde eles iam me levar. Então foi o momento que eu tive mais angústia e de tudo que a gente ouvia falar, que eles podiam me levar para qualquer canto, me dar fim, entendeu? E era de noite, eu só via uma luzinha passando. Eu digo "Pronto....estamos saindo da cidade...". Quando eles me tiraram da Kombi, que eu olhei para o chão, era tudo botina de soldado, e me levantaram e que me levaram para uma cela e já estavam várias mulheres lá, entre elas Guilhermina; tinha uma cearense, tinha outras pessoas que já tinham passado por lá e era um local como se a gente fosse se reestabelecer um pouco para, dias depois, ir para o DOPS. E no DOPS foi quando a gente ficou junto, foi quando eu encontrei a Sônia Beltrão, que era a minha colega de Arquitetura, e Guilhermina, e, eu tenho impressão, que eu entendi um dia que ela ficou muito angustiada, ela numa conversa com a advogada dela, que era Mércia, e eu disse "Pronto. Eu acho que Mércia vai contar a ela agora", entendeu, a situação... porque a gente não tinha condições de dizer à Guilhermina que Ezequias já estava morto. Ela suspeitava, mas a gente não sabia. Não sei se contou...é...eu consegui sair de lá, não fui indiciada, e depois...só soube depois, quando a gente saiu, que ela também não foi indiciada e que soube ainda na prisão de que ele realmente tinha saído, porque nessa ocasião a gente ficou numa cela em cima do DOPS, e os meninos ficaram embaixo. Foram chegando aos poucos e eles ficaram numa cela embaixo. E a gente ia sabendo quem chegava, e ele não...o Ezequias não veio, não chegou. E aí foi também uma convivência muito ruim, mas eu saí antes dela de lá. Dela e de Sônia. E aí não convivi. Tempos depois a gente soube em conversas com Paulo Queiroz, que era um comerciante de loja de luminária, que tinha uma loja ali na esquina da Rua do Hospício, atrás da Faculdade de Administração, e que o pessoal dele – ou foi ele mesmo – que viu um camburão saindo com um caixão em cima. Mas não era isso, entendeu? Eu estava dizendo a Ivaldevan, essa história não valeu porque ele não foi encontrado em caixão, ele saiu e foi jogado em saco no rio, certo? Mas aí era já a imaginação de quem depois soube que ali era, porque a gente então não sabia onde estava. Depois foi que a gente entendeu que ali era perto da Faculdade de Direito, por causa do sino, mas era realmente um situação crítica. Então essa...a morte, obviamente de Miriam, que a gente entendeu, depois que tinha sido a essa dúvida mais que tinha sido, foi que desencadeou tudo isso, não é? Felizmente, né? Por que eu imagino que a mesma situação de Ivaldevan, que era apoio, que tinha dado guarda, tinha deixado o cara, de certa forma, conseguir sair lá de casa, não ter acontecido com ele a mesma coisa que aconteceu com Ezequias, que eram pessoas a nível de apoio mesmo do partido e já eram formados, eles achavam que eram dirigentes maiores e por isso que, por ter sido primeiro, eles esgotaram pra tirar todas as informações...

00:30:59 – ROBERTO FRANCA – Sônia, você conheceu Miriam?

00:31:02 – SÔNIA COUTINHO – Miriam, sim.

00:31:03 – ROBERTO FRANCA – Conheceu?

00:31:04 - SÔNIA COUTINHO – Conheci.

00:31:04 – ROBERTO FRANCA – Porque há um detalhe...vou só me antecipar, mas há um detalhe que diz que o carro, quem estaria dirigindo era ela. Porque o Luis Alberto não tinha carteira...

00:31:16 - SÔNIA COUTINHO – Não tinha documento...

00:31:17 – ROBERTO FRANCA – Não, não tinha carteira de habilitação, que...a gente tem visto depoimento de que...pessoas tiraram com dificuldade ele do volante, mas há informações que parece que ela é quem estaria dirigindo. Você tem alguma informação sobre isso, se ela dirigia?

00:31:34 - SÔNIA COUTINHO – Não, não tenho, porque como ela não tinha carro, eu não sabia ...não tenho essa ideia se ele dirigia, tá certo? Ela...a gente conhecia das reuniões, dos movimentos...entendeu? Então, conhecia bem ela, mais do que a Guilhermina. Guilhermina só conhecia lá do restaurante, da arquitetura. Sabia que era casada com Ezequias, mas não tinha nenhuma aproximação. Miriam a gente tinha um conhecimento maior, tanto é que ela teve esse pedido de...da gente ficar guardando o João, que depois a gente soube que era o Prestes Paula.

00:32:07 – NADJA BRAYNER – Sônia...veja: você disse que o João, que seria o Paula, Prestes de Paula, foi solicitada a ida dele pra lá...em que data mais ou menos? Veja só: por que eu estou perguntando isso. Porque o acidente foi no dia oito de março, está certo? ...a informação que se tem é que o Paula Prestes estaria na casa de Miriam. Aí eu pergunto: quando foi e, de fato, como ele chegou lá na sua casa? O João? Vamos tratar como João porque é...

00:32:47 - SÔNIA COUTINHO – É...eu tenho na minha memória que foi Pedro que levou ele pra lá. Exatamente depois. Ivaldevan acha que foi antes. Eu acho que não foi esse período todo que ele ficou lá. Não passou mais de quinze dias em minha casa, não tenho essa...

00:33:03 – NADJA BRAYNER– Mas ele teria ido após o acidente?

00:33:06 - SÔNIA COUTINHO – Eu acho que sim. Entendeu? Eu tenho essa dúvida. Mas eu acho que sim. Não acho que foi antes, não. Porque antes...do acidente até ocorrer todas as prisões foi um tempo longo. Pelo menos do que eu imagino.

00:33:28 – SOCORRO FERRAZ – Eu acho que deve ser esclarecido quem é João...

00:33:33 – NADJA BRAYNER – Prestes de Paula.

00:33:35 - SÔNIA COUTINHO – É o sargento...sargento, não é? Não era um cabo, não, era sargento.

00:33:42 – NADJA BRAYNER – Dirigente do PCBR.

00:33:44 - SÔNIA COUTINHO – Paula...PCBR. Prestes de Paula.

00:33:50 – NADJA BRAYNER – Veja...eu estou enfatizando um pouco isso porque, pra gente, em toda essa questão do caso de Miriam e Benevides, se foi um acidente ou não, existem vários, vários questionamentos. Se o sargento estava hospedado lá, se eles estavam sendo seguidos, por que ele não foi preso na casa dela, entende? Então a gente precisa ter um pouco a ideia do roteiro dele, ate que momento ele ficou lá nessa casa, quando ele saiu e onde ele recebeu esse apoio, que foi na casa de vocês. Então aí era...naturalmente, outras pessoas vão depor ainda aqui na Comissão, inclusive o próprio deputado Pedro Eugênio já se dispôs a vir depor para esclarecer várias coisas, e a gente vai retomar isso com ele, entendeu Sônia? Mas aí...se você...eu sei que às vezes é difícil, por conta do tempo, da data, mas isso ajudaria bastante. Porque você disse que Miriam pediu, não foi isso? Pra ele ficar lá...

00:34:54 - SÔNIA COUTINHO – Isso foi hoje, Ivaldevan me dizendo, porque foi tudo tratado diretamente com ele, está certo? Na minha memória, tinha sido Pedro que tinha falado pra ele ir pra lá. Mas Ivaldevan disse que não, foi Miriam que falou com ele, aí eu disse “Bom...”. Foi tanto tempo da morte dela pra lá... Eu acho que Pedro pode esclarecer, porque inclusive como Pedro estava...Pedro Eugênio, lá na Kombi, e eles perguntavam de onde é que eu o conhecia, aí eu tinha...eu conhecia Pedro antes da militância. Que Pedro me entrevistou para o American Theater, então eu tinha vários argumentos, “não, eu conhecia Pedro dessa época, e depois no restaurante da faculdade...não-sei-o-que

e tal". Aí, ele que pediu para guardar...no meu depoimento eu me lembro que eu dizia isso. Pra essa pessoa ficar lá até ele arranjar outros amigos para dividir um apartamento, porque ele estava sem ninguém. Foi essa a conversa, entendeu?

00:35:47 – ROBERTO FRANCA – Sônia...porque veja, nesse caso...

00:35:49 – SÔNIA COUTINHO – Então, eu acho que Pedro...

00:35:50 – ROBERTO FRANCA – Se foi um pedido dela, através de Pedro ou não, se foi um pedido dela, então já havia uma programação para abrigá-lo antes do acidente. Não foi uma coisa que ele tivesse saído após o acidente, a morte dela, entendeu?

00:36:05 – SÔNIA COUTINHO – Certo. Pode ter sido, não é?

00:36:11 – ROBERTO FRANCA – Quando...você falou sobre algumas pessoas que viu no DOI-CODI, se lembra de alguns nomes, assim? Pedro Eugênio era uma delas, Guilhermina...mais alguém que você ...

00:36:23 – SONIA COUTINHO- Não, é...Romildo e...todos os outros, as outras pessoas da época que fizeram parte daquele mesmo grupo. Que eu não conhecia pessoalmente, mas que estavam lá... Florêncio mais...

00:36:40 – NADJA BRAYNER– Fabiano também, não é?

00:36:43 – SÔNIA COUTINHO – Fabiano...o pessoal todo. Como a gente ficou mais ligada às mulheres, inclusive as duas cearenses, eu não conhecia da militância delas aqui. Era Quintela e a ...e as outras lá, entendeu, que estivera... e Sônia, que a gente tinha mais contato por conta da faculdade da gente, de Arquitetura.

00:37:03 – NADJA BRAYNER – Certo, ficaram juntas, não é? É...bom eu acho que...sim, uma coisa que eu ia te perguntar: durante a tua permanência na faculdade, enquanto estudante, você conheceu, claro, vários colegas de outras faculdades, e tal. E...Arquitetura, não é? Na época que você fez, havia uma ...uma...como é que os policiais, a repressão atuava dentro da escola? Por exemplo: vocês tiveram algum episódio de violência, de quebra do DA, através do CCC, você se recorda de ações dentro de Arquitetura?

00:37:49 – SÔNIA COUTINHO – Não. Assim, de quebra, não. A gente, é...porque como era central, tinha um restaurante, era um local que tinha muita concentração, de todas as faculdades que tinham lá, por conta do restaurante. Ciências Sociais, o pessoal todo ia pra lá. E era também um local onde a gente marcava para sair para os eventos, para as passeatas, para fazer as panfletagens, tudo lá. Eu me lembro que, não sei se foi antes ou depois disso, que em uma das reuniões que estava tendo lá, a política lá dentro da faculdade, na época tensa, se desconfiou que uma pessoa era infiltrada. E eles prenderam essa pessoa e levaram até para... aquela estória lá, que saiu. Mas assim de uma coisa agressiva, não. A gente suspeitava das pessoas, mas eu não me lembro assim de nenhum incidente de ...de quebra da...de balbúrdia, não. No diretório não.

00:38:45 – NADJA BRAYNER – Certo.

00:38:51 – ROBERTO FRANCA – Uma...bom, no caso a prisão de Sônia foi ...quinze dias, talvez...

00:38:55 – NADJA BRAYNER – Acho que foi vinte...um pouco mais...é.

00:39:01 – ROBERTO FRANCA – Depois da morte de Mirian, não é? É...é difícil lembrar assim, mas uma questão que a gente está avaliando...é se já ...se havia alguma suspeita de que elas estariam sendo procuradas. A suposição nossa é que foi depois da prisão, no Rio de Janeiro, dois dias antes, não é, Nadja? Dois dias antes um militante preso abriu muita gente e, dois dias depois, aqui a morte de Mirian, aí a prisão de Ezequias... foi dois dias depois de um fato realmente grave de uma prisão no Rio de Janeiro. Como eles trabalhavam independente dos estados, por organização, há uma suspeita, de forma que, possivelmente, ela não estaria sendo perseguida à época, ou se sentia vigiada, à época em que ocorreu...só fica essa preocupação porque transferiu uma pessoa para a sua casa, naquele momento. Se não havia uma suspeição de perseguição àquela época, ou se já havia, porque isso poderia significar já uma preocupação com o ...

00:40:11 – SÔNIA COUTINHO – Na minha memória tem isso. É como se ele tivesse chegado para ficar na casa dela, ficar com ela e, com o acidente, arranjam um local para...mais tranquilo, fora do...é...entendeu? mais plausível de tirar ele desse circuito. Mas eu...bom...

00:40:29 – NADJA BRAYNER – Eu teria só uma pergunta e depois, Sônia, eu passaria para os demais integrantes da Comissão, para ver se eles têm mais algum questionamento. Eu queria saber se você ...(fala ao fundo inaudível) estava com a vida legal.

00:40:52 – HUMBERTO VIEIRA – (FALA FORA DO MICROFONE) estava com a vida legal. Ela casou com o nome dela. Luiz Alberto é que não...

00:40:57 – NADJA BRAYNER – Eu só queria fazer uma pergunta...

00:41:02 – HUMBERTO VIEIRA – Não, mas era só um esclarecimento...era só para dar uma lembrança à relatoria de que Miriam, na realidade, ela não estava clandestina no momento da morte dela. Ela tinha vida regular. Ela casou, dois meses antes, com o nome próprio. O Luiz Alberto é que tinha um nome...João Carlos Rodrigues, se eu não me engano. Então Miriam, ela tinha uma vida, ela estava com a atuação normal, o...contrato de locação, inclusive, é em nome dela, o fiador, o irmão adotivo, então, a vida de Miriam estava completamente regular. O marido Luiz Alberto é que estava com nome falso, e o Prestes de Paula é que estava no apartamento dela, alugado por ela, com contrato regularmente assinado.

00:41:55 – NADJA BRAYNER – Exatamente. Ela trabalhava com ele na SOCIPLAN, na época, não é? Era funcionária de lá. Sônia, eu só teria uma pergunta, que é o seguinte: você conheceu, ou conhece, Antônio Soares de Lima Filho, chamavam também de Lúcio, e que no meio estudantil era chamado de Help? Chegou a conhecer?

00:42:25 – SÔNIA COUTINHO – Não está chegando, não.

00:42:28 – NADJA BRAYNER – Não lembra, não é?

00:42:30 - SÔNIA COUTINHO – Não é estranho o nome de Help, mas eu não estou ligando ele com a pessoa.

00:42:35 – NADJA BRAYNER – Certo.

00:42:46 – MANOEL MORAES – Sônia, bom dia. Além ...contribuindo com o contexto que você viveu, quais informações você poderia nos trazer sobre o CCC, Comando de Caça aos Comunistas? Porque você participou da AP, então a AP, ela tem uma penetração no meio estudantil, dentro de uma articulação também com a Igreja, e houve o atentado a Cândido Pinto, a morte do Padre Henrique, então existe

uma organização mais à direita, vinculada inclusive aos grupos de direita, que agia de forma armada. Você teria alguma informação de quem seria membro da...do CCC, ou como é que vocês, na época, entendiam isso. Como era essa relação com esses grupos radicais, digamos assim, de direita, no estado?

00:43:38 - SÔNIA COUTINHO – Não...óbvio que a gente sabia da existência deles e do que eles estavam fazendo, então todos nós que estávamos...eu estava iniciando a militância, entendeu, tinha todo esse cuidado, mas sabia de fatos isolados de pessoas que conviveram, entendeu, na época, quando a gente fazia as passeatas, que tinha aquela repressão, aquelas coisas todas, entendeu, de quem estava por trás disso. Mas não sei... eu tinha, na época que a ... um delegado do DOPS era tio ou parente de Gustavo, aí tinha aquelas coisas de quem seriam essas pessoas, a gente suspeitava de todo mundo...

00:44:24 – MANOEL MORAES– Tio? Quem era tio? De quem?

00:44:26 - SÔNIA COUTINHO – Eu não me lembro mais...deixa eu ver o nome dele...Álvaro da Costa Lima, entendeu, que eram as pessoas que a gente sabia que estavam ali dando toda...o apoio para o esquema, inclusive do CCC e de tudo. Mas na própria faculdade de Arquitetura a gente sabia quem eram as pessoas de direita, mas eu não identifico se tinha membros do CCC infiltrados lá. A gente tinha vários colegas que a gente sabia que eram mas não integrantes assim da...

00:45:00 – MANOEL MORAES – Nessa estrutura que você colaborou, inclusive com apoio ao PCBR, existia alguma orientação de segurança? Vocês tinham uma instrução de...no sentido de como se portar, de uso de codinomes...quais eram os mecanismos de segurança que você ou vocês desenvolviaM para a época para não serem tão envolvidas no...ou presas, enfim.

00:45:22 - SÔNIA COUTINHO – É...no caso, a gente...trabalhei mais ligada com o pessoal da AP...o pessoal da AP, do núcleo da Faculdade, entendeu, que a gente tinha os grupos de estudo, de trabalhar e tudo isso, e as pessoas estavam ainda na legalidade. A gente só fazia os atos, e panfletagem nos pontos de ônibus, levar as bolas de gude para os soldados nas coisas...então era ...eu trabalhava muito mais nisso, dando apoio à pessoas, dirigia carro, levava um grupo, o menino fazia o contato comigo, eu arranjava o carro, levava eles para uma granja em Aldeia para fazerem a reunião. Não sabia quem estava atrás, mas a gente fazia todo esse tipo de apoio e sempre com a orientação de olhar se não estava sendo seguido, entendeu, do que ...ter os cuidados nisso, mas eu não era ainda um membro da organização, eu ainda estava num estágio bastante inicial, e ...desse grupo.

00:46:30 – MANOEL MORAES – Certo. É...Sônia, eu acabei não falando. Meu nome é Manoel Moraes, eu sou da Comissão, eu queria te pedir só mais uma pergunta: tua atuação era muita na universidade, na faculdade. Quanto houve o 477, o 477 atingiu vocês? Isso, dentro do âmbito da universidade, como é que vocês viram essa questão do 477, se você recorda algum movimento, porque houve também movimentos de entrega, quer dizer, estudantes na rede de informação dentro das universidade entregaram outros estudantes. Você tem notícia de algum estudante que era informante da...do DOPS ou que...enfim, circunstâncias do 477, já que você atuava dentro da universidade, dentro da faculdade?

00:47:13 - SÔNIA COUTINHO – No caso de Arquitetura, eu não tenho conhecimento de terem sido pessoas delatadas, e ter o 477. Como eu me formei no final de 72, em dezembro de 72, certo, depois a gente teve conhecimento...Gaida, as pessoas todas que foram atingidas por isso, mas em outras faculdades.

00:47:34 – MANOEL MORAES – Tá certo. Muito obrigado, Sônia!

00:47:38 – SOCORRO FERRAZ – Eu sou Socorro Ferraz, membro da Comissão. Veja Sônia, na discussão posterior, digamos, aqueles que sobreviveram e que depois, provavelmente, se encontraram para

avaliar as prisões e para avaliar toda a conjuntura em que vocês foram presos, vocês pensaram que alguém dentro deste grupo, ou de outro grupo, tenha sido preso e tenha falado e tenha, realmente, para usar a gíria, o jargão da época, teria aberto alguns nomes para terem essas prisões todas acontecido?

00:48:24 - SÔNIA COUTINHO – Olhe...é... eu acredito que sim, não é? Porque foi uma coisa dominó, a gente analisando pós, entendeu, e falando a pergunta dele agora, em termo do risco, eu acho que a gente não tinha esse nível de preparação para saber que, com a morte de Miriam, e Benevides lá, que desencadeou todas as prisões, entendeu, a gente sabia cada dia que tinha, e a gente não tomou nenhuma providência...essa pessoa que a gente também não tinha ideia do nível de ascensão que ele tinha no partido, entendeu, é óbvio que algumas pessoas não tiveram condições de aguentar e tinham que falar...quando a gente estava preso, mesmo, as perguntas que eles me faziam era quem eram os amigos, o que é que seu marido fazia, o que é que seu marido faz, o que é que ele lê, quem são os amigos dele, quem é ...entendeu? então as perguntas são direcionadas...que eu tinha que dizer alguma coisa, e ficava procurando pessoas que não tinham mais envolvimento. Mas aí a mesma forma de como eles chegaram lá em casa, entendeu...

00:49:31 – SOCORRO FERRAZ – E sobre o João, Prestes de Paula? O que vocês sabem depois da prisão? O que aconteceu com ele?

00:49:39 - SÔNIA COUTINHO – Na época, a gente imaginava que ele tinha se refugiado no Mosteiro de São Bento. Porque ele saiu só de bermuda, deixou os óculos, descalço. Ele tinha um quarto onde ele dormia, mas ele, nessa ocasião, ele estava dormindo, acho que pegou no sono na rede. E pulou para a casa vizinha que era desocupada, e saiu pelos quintais. E a polícia estava só na esquina, na frente e na esquina, fiscalizando. Então a gente imaginou, porque como é que ele ia sair nessa condição? Mas me parece que ele disse que pegou um ônibus e saiu. Não tenho mais certeza. Tempos depois a gente soube por Naná, Narcisa, que estava...que também se evadiu de um cerco, de uma prisão lá no Chile, teve vários acontecimentos. E, muito tempo depois, a gente viu ele na televisão, acampado numa praça, já fazendo movimento, quando tudo já estava resolvido, ele estava lá...e esteve...

00:50:38 – SOCORRO FERRAZ – No Brasil?

00:50:39 - SÔNIA COUTINHO – No Brasil. Depois já da Anistia, muito tempo atrás, ele estava fazendo alguma causa, alguma de...acampando, liderando um movimento, de alguma coisa que não era tanto reivindicação política, mas estava engajado. E esteve depois lá em casa, mas eu acho que eu não estava. Ele esteve lá em casa depois, e conversou com Ivaldevan e falou, entendeu, que a gente também não ...

00:51:08 – SOCORRO FERRAZ – E quando a polícia chega na sua casa, procurava por ele? Disse o nome dele?

00:51:15 - SÔNIA COUTINHO – Não. Procurava pela pessoa que estava lá, que eles entraram, eles viram que a gente estava lá, o casal, eles disseram “cadê a pessoa que está aqui na sua casa?” e aí olharam para uma sala, e chegou na outra e viram as coisas dele no chão e um quarto com todo o material dele.

00:51:34 – SOCORRO FERRAZ – Mas não dizia o nome?

00:51:34 - SÔNIA COUTINHO – Não dizia o nome.

00:51:36 – SOCORRO FERRAZ – Obrigada.

00:51:38 – ROBERTO FRANCA – Houve uma...uma falha nossa, Sônia, por que a gente não pediu que você se identificasse. É uma espécie de qualificação para efeito do registro, e a Comissão também...eu vou...meu nome é Roberto Franca, sou um dos membros...à medida que eles forem perguntando, vão se identificando. Mas tivemos até uma recomendação da Comissão Nacional que os depoimentos fossem feitos com algumas qualificações. Nós recebemos um questionário, mas é muito extenso, pode ser feito posteriormente, não dá para agora entrar em tanto detalhe, mas algumas coisas, seu nome completo, enfim, sobre a sua situação, qualificação pessoal e profissional.

00:52:21 - SÔNIA COUTINHO – Eu sou Sônia Coutinho Calheiros, sou nascida em Recife, moro em Olinda desde 71, sou arquiteta, formada em 72, pronto. E convivi nesse período, estou vendo Naná aí, nessa luta toda, então...contando aqui essa história, para tentar esclarecer as coisas que ocorreram.

00:52:56 –NADJA BRAYNER – Eu ...eu penso que a Comissão, não é? Os membros da Comissão não têm nenhum questionamento, e eu queria agradecer, sensibilizada, a contribuição, a presença de Sônia aqui. Eu sei que Sônia tem muitas atribuições. Ela é uma pessoa muito ocupada, vinculada à Prefeitura de Olinda, e inclusive tem compromisso em seguida, então foi um esforço grande, tanto do ponto de vista profissional, de organizar o tempo dela, como também essa disposição de falar sobre esses assuntos. Sobre esses temas, sobre esses momentos. Que é muita dor, é muita...enfim, são coisas muito difíceis. E era isso. A gente...a Comissão sempre coloca que para nós, nós ficamos...temos dificuldades de fazer perguntas, mas que são necessárias. Porque pode parecer o “porque tanto detalhe?”, e “quando foi que fulano esteve lá”, mas isso, particularmente no caso de Miriam e Benevides é fundamental para a gente traçar esse roteiro, entendeu, Sônia? De saber, já que existem falhas no inquérito lá policial, com relação ao acidente, a gente precisa saber para trás. O que foi que aconteceu, quem foi preso antes, falou alguma coisa, para poder a gente, de fato, chegar a uma conclusão sobre essa...esse suposto acidente, se foi de fato...enfim, o que aconteceu, tá certo? Em nome de todos os integrantes da Comissão...

00:54:34 –JOSÉ ÁUREO BRADLEY– (inaudível, fora do microfone)...a solicitação para que conste na qualificação de Sônia que ela é filha de um dos maiores cientistas desse país.

00:54:59 – NADJA BRAYNER – Ok, Sônia?

00:55:00 - SÔNIA COUTINHO – Ok!

00:55:02 – NADJA BRAYNER – Obrigada. (aplausos)

00:55:22 - ROBERTO FRANCA – Reiterando os agradecimentos à Sra. Sônia Coutinho, convido a Sr. Sônia Beltrão para que venha prestar depoimento. Atendendo ao pedido, eu queria apresentar aqui os membros da Comissão presentes. O doutor Henrique Mariano, à esquerda. O doutor Humberto Vieira, doutor José Áureo Bradley, eu, Fernando Coelho, Nadja Brayner, Manoel Moraes, Roberto Franca e Socorro Ferraz. Então, os membros da Comissão que estão aqui presentes.

00:56:20 - FERNANDO COELHO- Vamos prosseguir dentro da mesma orientação. Os relatores desse caso são os mesmos. A doutora Nadja Brayner e o doutor Roberto Franca. Eu pediria ao doutor Roberto Franca que antes de iniciar, a depoente se qualificasse para efeito de registro da Ata que está sendo...gravada, da gravação e da filmagem dos depoimentos.

00:57:08 – ROBERTO FRANCA – Sônia, para efeito de registro que antes de você iniciar suas palavras, eu peço que você faça uma qualificação pessoal, nome, atividade, profissão, alguma coisa que ...

00:57:24 – SÔNIA BELTRÃO – Eu sou Sônia Maria de Arruda Beltrão, arquiteta, a minha identidade eu não sei o número, não....3818972..., CPF 081.880.684 -20...

00:57:38 – ROBERTO FRANCA – Formada em que ano?

00:57:39 - SÔNIA BELTRÃO – Formada em Arquitetura...

00:57:43 – ROBERTO FRANCA – Em que ano?

00:57:44 - SÔNIA BELTRÃO – Em 73...e...casada com Romildo Maranhão do Vale, que está aí presente.

00:58:13 –ROBERTO FRANCA – Veja, Sônia. Você tem aquele tempo que você pode falar, houve instância de que nós não interrompêssemos (risos). Mas é que às vezes uma pergunta incidental é ...pode atrapalhar realmente o depoimento, nós vamos anotar algumas coisas para posteriormente complementar. Mas você fique à vontade, sinta-se em casa, sobre aquilo que você se recordar daqueles momentos dolorosos.

00:58:37 - SÔNIA BELTRÃO – Eu achei que eu vinha basicamente aqui falar um pouco sobre a Guilhermina, que é um...que foi uma pessoa assim que...me emociona lembrar, porque poderia...até hoje eu não sei, ela...que acidente foi esse que levou Guilhermina, não é? Se ela poderia estar viva...poderia... de alguma forma eu contribui para que ela saísse mais rápido da prisão, do DOPS, e depois fiquei muito grilada com isso. Então eu vou contar, para vocês entenderem, eu vou contar...Eu não conhecia Guilhermina antes, não conhecia o marido dela. E depois quando teve o acidente, ou o que...a questão do...acidente feito, eu tenho uma ligeira des...sei lá, talvez você, a maioria aqui não concorde, mas eu tendo a achar que foi um acidente que matou a Miriam e o Bebeto. Tendo a achar pelo seguinte: porque como a Sônia estava falando aqui, se passaram muitos dias para que se começasse ...que a repressão começasse a pegar algum fio e fazer alguma prisão. Foi de oito até...oito de março...acidente, e...eu sei alguns detalhes, como por exemplo, eu acho que a presença do Pedro Eugênio, deputado Pedro Eugênio, vai ser esclarecedora. Eu conversei com ele algumas vezes sobre aquela época, depois, sobre esses fatos. Ele chegou a ir à Caruaru. Chegou a ver o carro. Foi depois do acidente...por que é que não prenderam ele naquele momento? Por que é que não prenderam outras pessoas que estavam lá? Se não me engano, inclusive, o Ezequias foi com Pedro lá. Então foram alguns fatos assim que eu acho que a repressão começou a ficar enlouquecida e foi pegando os amigos da Miriam...lembraram aqui muito bem que Miriam tinha vida legal. Miriam tinha muitos amigos. E ela casou...casou com...morou um tempo no Rio de Janeiro, depois voltou com Bebeto, casou aqui, e ele é que tinha um outro nome. E ela evitava...e eles evitavam o convívio com...então muitas vezes a gente encontrava o ...o último ano novo que ela estava viva, foi...ela comemorou na casa do Romildo. Eu estava lá. E ele não estava, porque ele não podia ir num ambiente que tinham várias pessoas. Mas ela ia. Aí tem um fato, que até se falou também aqui, em dezembro, 31 de dezembro, Miriam queria que algumas das pessoas presentes, alguns dos nossos amigos, emprestasse o carro a ela para ela ir não sei aonde. Sei lá...talvez até uma...é...ai...ir até em casa, ou dar uma abraço no marido. E a pessoa não emprestou porque era... falou...ela tinha acabado de tirar carteira de motorista e dirigia muito mal. Então isso foi 31 de dezembro de 71. Ela morreu em março de 72, então tem esse negócio que ficou...o Bebeto não dirigia...é...então eu fui presa na Arquitetura, dia 03 de abril, ...03 de abril, numa segunda...três...uma segunda-feira. Era ...naquele ano o Carnaval foi tarde, era bem início de aula, estavam ainda se organizando as turmas, e fui levada encapuzada para o IV Exército, onde funcionava o DOI-CODI, ali na Praça 13 de Maio. A gente começou a deduzir que era o Quartel pelo relógio da Faculdade de Direito. A gente sabia que tinha um quartel porque serviam comida lá com a bandeja "Exército Brasileiro". Naquelas bandejas de...metal, e tinha as caras de ...só faltavam bater continência lá quando...um para o outro. Então eu acredito...eu não sei exatamente ...dia vinte de...de abril, eu fui

apresentada no DOPS, então era de 13 a 17 dias que eu passei, não me lembro bem, talvez tenha sido...uma semana num quartel, o que é... depois do DOI-CODI, teve outro quartel, que era o quartel da recuperação. Esse que Sônia falou que foi; é porque a gente não podia chegar no DOPS toda arreventada. Aí passava por umas sessões de remédio...de injeção, sem tirar, não adiantava...torturavam...é...dando injeção que você não sabia o que era, tinha que chegar perfeito no DOPS, eu tenho a impressão. Então eu cheguei dia 20, me dá a impressão...eu acho que eu devo ter passado uns dez dias no DOI-CODI, e sete nesse quartel. No DOPS, no DOI-CODI eu não fiquei...eu soube notícia de...eu já sabia, tinha quase certeza absoluta que o Ezequias tinha morrido, porque eu convivia, eu estava fazendo... participava do diretório de Arquitetura e tinha uma convivência com o movimento, e era, era não, ainda sou amiga do Pedro Eugênio, e foi com...e tinha outros amigos, da Engenharia, da Geologia, a gente, a Arquitetura participava muito junto de Geologia. Ezequias era de Geologia, conhecia o Paulo Jaime que era muito amigo dele. E tinha...teve um fato que o pessoal contou pra mim antes da minha prisão, que quando foram avisar para o Ezequias...o Pedro foi avisar, a questão do Pedro foi com o Paulo Jaime, uma coisa assim...e eles brincaram porque o Ezequias estava com uma cueca amarela. Sabe, brincaram com essa história, que naquela época os homens usavam cueca acho que só branca. A maioria, não é? Então começaram a zonar, a brincar com ele e aí quando saiu no jornal, um tempo, alguns dias depois, que foi encontrado um corpo, moreno e tal e tal e tal, dos olhos...ele tinha os olhos verdes, não é? E com uma cueca...só de cueca amarela, então deu uma...imediatamente o pessoal procurou alguém da família dele para investigar essa história. Não foi confirmada na época, não encontrou, não..a família já tinha levado o corpo todo, trouxe alguma coisa, mas ficou aquela, aquela...quase certeza de que ele estava morto. Quando eu cheguei no DOI-CODI, eu não fiquei...eu só...a única pessoa que...eles tinham um negócio de não botar quem se conhecia junto. Então eu não fiquei com ninguém...conhecido, fiquei com a Maria Quintela, um tempo...talvez achassem que eu conhecia Guilhermina, não fiquei com Guilhermina. Tive a solidariedade dela, porque ela mandou umas roupas...é um negócio tão maluco que na hora que foram buscar ela, pegaram ela e o marido em casa, e como eles estavam sacando que estavam sendo presos, eu acho que ela levou alguma coisa de roupa. Ela estava...e ela mandou um...uma...ela...eu fiquei total...muito...tava de vestido, fiquei toda molhada, toda suja de lama, tal e tal, e alguém comentou que me viu passar uma hora de ir ao banheiro, e ela mandou uma roupa para mim. Guilhermina dava duas de mim, mas eu saía segurando, era uma calça comprida e uma blusa. E eu fiquei um tempo segurando aquela calça, porque você não podia usar cinturão, não é? E eu ...mas não vi...quando eu fui para o quartel, eu fui com outra pessoa que tinha sido presa, que era uma..outra pessoa que eu não conhecia também. E chamava Maria Lúcia, que eu acho que ela foi dispensada já nesse quartel, que morava com Maria do Socorro Diógenes era uma operária. Maria Lúcia. Não me lembro o nome dela, a gente tentou localizar, nunca localizou essa...que ela foi dispensada. E ficava muito claro assim que ela não...ela era...tava lá...mais por causa de Socorro, porque ela ...brigou lá com os torturadores, não é? Escolhambou porque descobriu que um deles estava com o radinho dela...que eles...naquela época eles levavam as pessoas e se gostassem de alguma coisa na casa, levavam também. Era esse o procedimento de quem ia prender. Aí eu fiquei uma semana com a Maria Lúcia. Quando eu cheguei no DOPS, me colocaram na mesma cela de Sônia Coutinho e a Guilhermina. Aí foi que eu vim a conhecer Guilhermina. Uma pessoa adorável, que contava a história dele e me disse que ela tinha sido de Ibiúna, ela achava que ia ficar presa ...ela e o marido tinham sido de Ibiúna, e naquele...mas naquele momento da prisão, eles tinham...eles eram só apoio. Eram apoio do PCBR...muito...ela era amiga de ...ele era amigo, muito amigo de...da Miriam Verbena, e tinham emprestado o carro. E aí, eu acho que foi uma fase tão difícil pra mim, essa convivência com Guilhermina, foi quase tão torturante como o DOI-CODI, porque eu sabia e não podia dizer...eu não tinha condição de dizer que...ela começou a contar como era o Ezequias, se eu não lembrava, que não-sei-o-quê, que ele era bacana, que ele era isso, que ele era aquilo, mostrou m retratinho, porque devolveram as coisas dela, e no meio tinha um retratinho dele, e mostrou e a gente ia ser muito amigo e

não-sei-quê...e eu fui ficando...foi uma coisa assim...que eu disse...ela não tinha a mínima noção de que ...do que...que ele tava morto. E eu não tinha coragem, nem eu, nem Sônia, vocês viram...Sônia passou menos tempo porque saiu, foi relaxada a prisão dela, da Sônia, antes da de Guilhermina. A de Guilhermina...foi aí...eu acho que entrou um pouco a minha contribuição. Quando chegou um dia, um dos...a gente ficou naquela parte de cima, de onde era o DOPS, os homens ficaram na...no buque, não é? O que é na parte de baixo. E aí depois que a gente prestou um depoimento, que a...lá...logo que chegou no DOPS, as mulheres...eles podiam andar por ali, lá em cima, de noite, né...podiam...eles...tinha um pessoal...uns três presos comuns lá que eram daquele caso do Floro, de Alagoas. Eles não estavam no buque, estavam lá em cima também, então jogaram...jogavam...ficavam jogando baralho, chamaram a gente para jogar e a gente, daqui a pouco, a gente estava jogando baralho com o pessoal que...acusado de matar o Floro. Floro foi que morreu, não é, eu acho que foi. Eram aquelas brigas lá de Alagoas. E aí, depois de um tempo, eu estava...a Sônia foi embora, e eu fiquei só com Guilhermina. As outras presas eram...num determina...durante o dia, e na hora de dormir, a gente ficava numa cela, e tinha m corredor e uma cela, então eu fiquei, eu, Sônia e Gulhermina. Noutra ficou Helena...a Maria Quintela e a Socorro Diógenes. E é isso. Eu acho que de mulheres que foram presas naquela época...e a Lúcia tinha saído já. E aí um policial passou no corredor, estávamos eu e ela conversando, e o policial perguntou...virou, botou a cara na grade, aí disse assim: “quem é a viuvinha das duas?”, aí...e saiu rindo, não é? Aí, fiquei assim chocada, digo, agora vai dar alguma... vai se dar...vamos ter problema aqui. Ela estava conversando alguma coisa comigo, continuou conversando como se não tivesse ouvido nada. Aí eu comecei a ficar assustada, que a gente já vem numa tensão de pós-tortura, de DOI-CODI, terrível, aí eu comecei a ficar...aí eu fiquei nervosa. Fiquei muito nervosa e comecei a bater na grade lá que queria falar com o delegado. E aí eu tive uma crise de choro e tal, lá na sala do delegado, falei que sabia que ele tinha matado, que um filho da puta tinha perguntado quem era a viuvinha das duas e eles sabiam também, e ela estava ali, sofrendo sem saber, porque todo dia ela dizia “poxa! Chegou fulano, chegou...lvaldevan, chegou Romildo, chegou Pedro e o Ezequias não chega!” porque cada um chegava lá dos...tratamentos pós-torturas, não é, um chegava numa hora, outro de tarde, outro de noite, no outro dia, tudo muito próximo, e ele não chegava. Aí eu sei que foi uma confusão lá no ...e o cara dizendo que era mentira, que não-sei-quê, o cara, quem é o cara, não-sei-quê, quem foi que disse, e eu sei que a...no outro dia a...que no outro dia de noite começou uma confusão que armaram um circo para Guilhermina ir embora. Ela...chegou gente...chegou gente da família, quando ela voltou ela me disse...foi chamada...eu fiquei na cela, levaram ela para o delegado, para a sala do delegado, aí disseram a ela que ela tinha...que o cara estava doente, que não-sei-quê, talvez esse lance do ...é...não! já disseram que ele tinha fugido, disseram...deram...nessa hora deram uma versão para ela que ele tinha fugido. E ela voltou e disse “eu tenho certeza...”, porque ela viu ele caído, no DOI-CODI. Ela viu ele sem conseguir falar. E ela tinha me dito isso. Disse “eu acho que ele está muito mal, devem ter mandado ele para o hospital e ele não está com condição ainda de vir para o DOPS.”. Ela sabia que ele não...que jamais ele iria...e ele não...ela dizia...eles eram um casal recém-casados, apaixonadíssimos, e ele jamais iria fugir e deixar a mulher lá. Ela dizia, não é? E aí, pelo que ela me contou na volta, ela disse ...nos dias consequentes, subsequentes, é que...ela não poderia ficar em Pernambuco. Porque ela estava...fizeram um acordo com a família dela, fizeram um lance de ela teria de ir para a cidade dela, que era Picos, do Piauí. Provavelmente para ela não ser o elemento de denúncia da morte dele. E aí...eu acho que foi a última vez que eu vi Guilhermina, foi na saída dela, foi um negócio é...assim...muito triste, não é, porque ela estava eufórica, ela acreditava que ele estava só doente, não-sei-que, e vou... e vou denunciar e vou procurar e vou não-sei-quê, e eu sabia que ela ia para o desespero mesmo. Que ela ficou muito ruim, eu soube depois que ela ficou muito...entrou numa depressão, e aí, eu queria até que se visse bem direitinho como é que ela morreu. Porque dizem que quando ela disse que ia brigar e denunciar, que foram três, quatro anos depois da saída dela, ela teve um acidente de carro. Lá em Picos, ou sei lá, numa cidade do Piauí. E ela morreu quando ela estava num...com a plena consciência de que tinha que brigar

e denunciar a morte do marido. Então esse acidente é bom investigar. A gente ver no que é que pode ajudar a Comissão nisso aí. Basicamente isso. Eu vi alguém perguntando aí, para Sônia, se tinha reconhecido alguém, muita gente dos que foram presos, eu conhecia Romildo, Carlos Alexandre, Pedro Eugênio, que eu participava de movimento estudantil, como apoio do PCBR, o Pedro era o responsável pelo conjunto do movimento estudantil; Miriam estava no apoio aos profissionais liberais, quer dizer eles tinham esse...eu conhecia Miriam porque era muito amiga do Romildo, e eu já tinha namorado Romildo. Depois voltei a namorar e casei. E assim...de torturador, eu reconheci no DOI-CODI, o Miranda, porque eu tinha visitado o netinha visitado o meu colega de Arquitetura, Peixe. Eu fui visitá-lo quando ele foi preso. E quando eu cheguei lá no DOI-CODI, o Miranda me reconheceu. O negócio...aquela coisa de policial que tem...que grava a fisionomia facilmente das pessoas. E outra pessoa que eu reconheci, que a gente foi juntando e terminou reconhecendo, e estava lá nesse momento, foi o Cabo Anselmo. Eu fui torturada pelo Cabo Anselmo.

01:20:05 – NADJA BRAYNER – Cabo Anselmo?

01:20:06 – SÔNIA BELTRÃO – É...eu acredito que...se o Miranda...o Miranda era o “Fleury” de Pernambuco, e o Cabo Anselmo ganha dele. Ganhou dele aquela parada, porque era um cara cínico. A Verinha...a Vera está aqui, ele falou algumas vezes no nome da Vera lá...que tinha uma ...tinha uma ânsia de pegar algumas pessoas que ele tinha conhecido no movimento estudantil, ele conhecia muita gente. E ele usava uma terminologia...um termo que a gente ainda apelidou ele, no DOI-CODI e no DOPS, também, quando conseguia falar com alguém, de “Paulista”, porque ele tinha um sotaque que não era daqui, mas não era aquele sotaque de ...dessa...era um pouco diferente do carioca...ele falava mais como paulista e aí a gente batizou ele de “Paulista” para identificar um torturador que estava lá e saía dizendo que vou ter um ponto, vou encontrar, não-sei-quê, e andava como se fosse estudante de último ano de escola. Porque ele era mais velho do que a gente, estava visível, mas ele andava com calça jeans, camiseta, Sônia até falou aqui, que não lembrou do nome “Paulista” porque lá a gente falava como...camiseta branca, com bolsa a tiracolo, e saía dizendo “estou apressado porque vou encontrar alguém...tenho um ponto, tenho um...”, e é, tá vivo, não é, um cara cruel. Depois da...a gente tentou inclusive, quando chego no DOPS, avis...falava com tudo que era advogado, que tinha um cara infiltrado no movimento estudantil, ou qualquer movimento, que estava no DOI-CODI. A gente descrevia, e falava a forma dele e não conseguíamos identificar que era o Cabo Anselmo. Que é um cara hoje que entra com um pedido...entrou com um pedido de anistia e depois de indenização por parte do Estado, porque foi preso, não é? Claro que ele foi preso...ele foi preso e mudou de lado. É isso. Basicamente é isso. Eu fui para o Bom Pastor no dia...eu trouxe até um...fui apresentada no Bom Pastor no dia 24 de maio. E fiquei lá até meados de dezembro, quando houve nosso julgamento...72. Vinte e quatro...

01:23:13 – NADJA BRAYNER – 1972.

01:23:14 - SONIA BELTRÃO – Vinte e quatro de maio...a gente passou...a maior parte entre oito e nove meses na prisão. O conjunto das pessoas, das prisões. Eu sai em meados de dezembro do ano de 72. Setenta e dois; no DOI-CODI deno DOI-CODI em 72, provavelmente ele já estava atuando, fechando o seu cerco naquela... depois daquela prisão que resultou na ...no massacre, não é, e algumas...quando a gente chegou no Rio de Janeiro...eu terminei o curso, eu e Romildo, e a gente foi fazer mestrado no Rio...se inscreveu num curso de mestrado, que era uma forma de sair daqui, basicamente. Não tinha condição de ficar, de viver aqui, e a gente achava, naquele momento, que você andava, encontrava um cara lá do DOPS, aí no outro dia você encontrava um cara do DOI-CODI. Teve uma vez...eu evitava...a gente tinha certeza...eu, pelo menos, a gente tinha uma certa convicção que, se voltasse para a cadeia, seria morto. Porque foi um terror geral. Então eu evitava sair com os amigos de esquerda, eu evitava

lugares públicos. Aí teve uma vez, a Arquitetura se mudou nesse ano, eu fiz o último ano na Cidade Universitária. Uns amigos insistiram, não, a gente vai para um bar aqui na Várzea, não vai ter...não tem problema nenhum. Que eram pessoas que não participavam, não é? De diretório. E aí a gente estava num bar na Várzea, bem perto da Cidade Universitária e chegou um ou dois caras lá do DOPS, viu aquele grupo assim e disse “e aí? Quem é o dirigente agora, aqui? Como é que estão as coisas?” quer dizer eu estava...a gente...não, não vai...tem que dar um tempo e ir para...outro lugar. Foi aí que a gente foi para o Rio e no Rio a gente teve um outro fato, que aí o Romildo é que vai detalhar, que foi a gente procurar saber como tinha sido a questão do Ramires. Da morte de Ramires. E aí a gente começou a procurar algumas pessoas ligadas à Apolônio de Carvalho, o pessoal ligado ao BR, e a gente descobriu que lá no Rio correu um retratinho do Cabo Anselmo, no Rio, em São Paulo, em Minas, para as pessoas identificarem, isso em 71. Setenta e um, setenta e dois, e não chegou esse retratinho aqui em Recife. Porque ele conseguiu interceptar isso. E a gente...e se conviveu aqui com esse...esse crápula, não é, que chegou a matar o próprio filho, na barriga de sua companheira. É isso.

01:26:36 – ROBERTO FRANCA – Sônia, Cabo Anselmo merece uma dedicação especial. Eu falei com Nadja Brayner para que a gente deixasse para a parte final. A gente faria perguntas sobre Cabo Anselmo, que é muito importante essa informação de que ele estaria aqui em 72, porque nós sabíamos que ele estava em 73. Mas veja: houve um momento em que você achou que o acidente de Miriam poderia ter sido um acidente porque a repressão teria se chegado alguns dias depois, algum tempo depois, e eu lembro que, no caso do Ezequias, veja, a morte se deu no dia 08 de março, o acidente, e no dia onze, Ezequias foi preso. E na madrugada foi morto, nesta mesma noite. Como a gente tem interesse também em examinar a forma de...como a repressão se comportava, naquela época, eu vou me permitir ler um pequeno trecho do depoimento de Guilhermina a respeito, quando ela estava presa. Consta, eu acho que é do livro “Tortura”: “fomos conduzidos para dentro e eu fui posta numa cela, enquanto Ezequias foi ao interrogatório. Mas aquilo não era interrogatório, era um verdadeiro massacre aplicado a uma pessoa indefesa. De onde eu estava, ouvia a pancadaria. Foram horas terríveis. Aquilo parecia mais um pesadelo, eu queria acordar e não conseguia. Houve momentos em que eu pensava que Ezequias estava morto. Pelo silêncio de dor que se fazia pois não era possível tantos baterem tanto em uma única pessoa. Depois de muito tempo, eles pararam de torturá-lo e o colocaram numa cela perto da minha. Quando ele passou por mim, carregado por policiais, parecia um farrapo humano. Havia sangue por todas as partes de seu corpo. Não conseguiria nem ficar de pé. Eu pensei “será que ele está morto?”. Veja: nessas condições que a esposa viu, eles tiveram a ousadia de dizer que Ezequias fugiu, foi resgatado; o corpo dele foi jogado em Escada, num açude, e só para terminar essa passagem, a auditoria militar da 7ª Região, o Auditor Militar na época, para ver o *modus operandi*, depois da morte dele, expediu um mandado de prisão, como se ele estivesse foragido. Para encobrir a versão, para dar conteúdo à versão oficial de fuga de Ezequias, foi expedido pela Auditoria Militar, depois, um mandado de prisão, como se ele estivesse foragido. Veja a articulação oficial, como prática, como nós estamos examinando, não somente os casos investigados, mas também como isso era uma prática oficial, legitimada não somente pela prática dentro do DOI-CODI, do Estado e da própria Auditoria Militar, numa articulação para encobrir esse assassinato. É ...eu chamo atenção porque foram três dias praticamente, embora, tanto Pedro Eugênio quanto Ezequias estiveram no local do acidente, mas foram três dias e já havia...começaram a haver essas perseguições e a prisão do próprio Ezequias e Guilhermina. Eu encerro, Sônia, passo a palavra para Socorro Ferraz, pedindo que os membros deixassem o Cabo Anselmo para o fim, não é? Porque é um caso que envolve outras relatorias com relação ao papel dele aqui.

01:30:59 – SOCORRO FERRAZ – É...eu já me apresentei, então, eu ...sobre a morte de Ezequias, eu gostaria de relatar alguma coisa, à plateia, principalmente porque a plateia não teve, nem vai ter, acesso aos inquéritos, ao processo, etc. É uma das mortes que mais nos intrigou também. Porque ele aparece

logo depois, quer dizer, que ele foi torturado até a morte, não foi assim uma tortura e depois descanso, e volta à tortura. Ele é torturado até a morte e depois eles o levam para um açude, colocam uma pedra de trinta quilos no seu corpo, amarram os pés, as mãos, e sacodem nesse açude, num engenho na região sul de Pernambuco. No outro dia, como ele pesava mais do que os trinta quilos, ele boia, e camponeses, pessoas que estavam naquele engenho, resolvem chamar a polícia. E o delegado da polícia era um tenente, que leva o corpo e o encaminha ao IML. Eu chamo a atenção disso porque o tenente cumpriu o papel dele. O tenente encaminhou o corpo com a descrição de quem era e no ofício de encaminhamento ao IML, ele coloca as dez impressões digitais de Ezequias no papel. Só isso. Muitos anos...a família procurou Ezequias, como loucos. E muitos anos depois, só no momento da abertura política, é que a família junto com o advogado, que está aqui, Marcelo Santa Cruz, chega...doutor Fred também, chega ao IML e encontra esse documento. Como pela data de encaminhamento e pela data do desaparecimento de Ezequias, a família, os advogados achavam que podia haver uma ligação. Uma relação. E foi exatamente aí, a família tinha as impressões digitais, então eles puderam dizer que esse corpo era o corpo de Ezequias, que, no entanto, nunca...nós estamos procurando saber onde foi enterrado. Então, eu digo isso para que também as pessoas percebam como era...como eles agiam, como diz o Carlos Fico, não é, como é que eles agiam. Então, como diz Marcília Gama também, que escreveu uma tese sobre isso. Então eles agiam dessa forma. Eles tinham uma relação muito forte com esses senhores de engenho, porque esse açude pertencia a um engenho, e não se entra num engenho, simplesmente, sem permissão. Então havia uma...um comprometimento, uma cumplicidade, não é, entre essas pessoas que são, que formavam naturalmente a elite do Estado naquele momento. Então é sobre isso que eu queria lembrar. Como foi a morte de Ezequias. Obrigada.

01:34:28 – NADJA BRAYNER – Obrigada, Socorro. Vejam só: a propósito inclusive de Ezequias, eu gostaria de registrar a presença aqui do irmão dele, Ednaldo. Ele nos passa...eu pediria a ele um pouquinho de paciência, depois a gente daria um tempo para ele. (uma voz não identificada fala fora do microfone ao fundo, informando que o açude em referência pertencia à Usina Nassau Açú) Obrigada. Porque no...no caso específico, do Ezequias, já temos a identificação, não é, na verdade a Comissão tem uma série de encaminhamentos, procedimentos a tomar com relação ao atestado de óbito, retificação, porque ele está no atestado de óbito como desaparecido, na verdade foi identificado o corpo. Tem a questão da identificação dos restos mortais, a localização, aliás, e ainda mais os policiais que estão envolvidos no assassinato. Agora, antes de continuar, e passar a palavra inclusive aos demais membros da Comissão, eu queria perguntar uma coisa aqui a Sônia. Ela falou da estada dela no DOI-CODI, e depois que foi para o quartel de Olinda, ao qual Sônia Coutinho ...que Sônia Coutinho também já tinha se reportado. E você falou uma coisa assim: era um espaço um quartel de recuperação pra chegar lá no DOPS. Eu gostaria que ela detalhasse mais o que é que acontecia nesse quartel. Porque ela disse que as pessoas eram tratadas, para quando chegassem ao DOPS já terem um aspecto mais saudável. Se é que a gente pode dizer isso. Então eu queria essa informação mais detalhada, Sônia, e outra coisa: duas pessoas a que você fez referência. A prisão de Maria do Socorro Diógenes, que se não me engano foi...era na época, não sei, companheira de Ramires. E também sobre a prisão de Peixe. Qual foi o período, se foi nessa leva quando estavam todos, se você recorda, por favor.

01:37:07 – MANOEL MORAES – Nadja, eu queria complementar a sua pergunta, era uma anotação que eu tinha feito aqui. Porque em Olinda só tinha dois quartéis do Exército, o 7ºRO, ali na ...hoje no caminho dos Bultrins, na PE-15, e o da PE, a Polícia do Exército, ali em...na...no Bairro Novo. Se ela poderia identificar qual dos dois quartéis...

02:37:35 – SÔNIA BELTRÃO – Não, eu não fui para Olinda, não. Eu fiquei em Recife mesmo. O quartel...esse aí, tem que ver com Sônia. Ou com alguém que tenha ficado em Olinda; eu fui para a 2ª

Companhia de Guardas, que era na Visconde de Suassuna. Eu dei uma volta só no quartirão, que era...que demorou a beça para chegar.

01:37:57 – MANOEL MORAES – Você atravessou o Treze de Maio...

01:37:58 – SÔNIA BELTRÃO – É...atravessei. Então era...e Nadja, era uma coisa visível mesmo do que, por exemplo, durante esse período que você estava no DOI-CODI, tua família estava te procurando alucinadamente e você não estava em canto nenhum. Ninguém sabia. Então era...como era...o DOPS era a legalização da prisão. Aí você chegava no DOPS, você não podia chegar eu acho que toda roxa, toda inchada, toda machucada, então esse período que eu calculo, sei lá, talvez cinco, sete dias, que a maioria ficou nos...em...em quartéis, um em Olinda, outro aqui, nesse...eu só me lembro de ter ido, eu e essa menina Lúcia, que foi retirada já no quartel, era um lance de você ver que um médico estava te examinando, sabe? Que estava te obrigando a...enfiaando a agulha aqui...eu não queria, não quero tomar injeção coisa nenhuma, você pensa até que vão te matar com aquela injeção, é por isso que você...que injeção é essa? Um soro da verdade... passa tudo na tua cabeça, mas você é obrigada a...eles te pegam e botam lá, e você começa a receber uma alimentação que é diferente porque a do DOI-CODI só era...pé de galinha, e a maioria não come, não consegue comer. Eu mesma não comia. Sabe, pé de galinha com pele todo dia. Com arroz salgado, sei lá...essa...e lá, não. Era como...você sente como se estivessem te ajeitando ou...para entregar em algum lugar. E era para ir para DOPS.

01:39:58 – MANOEL MORAES – Nadja, vamos ver se a gente consegue entrar depois em contato com a Sônia Coutinho para tentar identificar esse quartel. Porque a gente jê tem muitas histórias do Regimento de Obuzes não é? E era bom identificar se esse quartel em Olinda, de transição, vamos chamar assim, se era...é, Sônia Coutinho, se era o Regimento de Obuzes ou o Polícia do Exército.

01:40:23 – NADJA BRAYNER– O fato é que nesses quartéis vocês não eram interrogados, nada era só...

01:40:27 – SÔNIA BELTRÃO – Não...era só como se você estivesse descansando, estivesse num SPA. Era recuperação.

01:40:38 – NADJA BRAYNER – Você usou o termo...

01:40:5 – **MANOEL MORAES** – É só perguntar à Sônia, tentar entrar em contato com Sônia Coutinho, se foi o 7º Regimento de Obuzes, ou no quartel da PE.

01:40:53 – NADJA BRAYNER – Exatamente. Sônia, sobre Socorro Diógenes...(vozes ao fundo continuam conjecturando sobre os quartéis do Exército em Olinda)...Maria do Socorro Diógenes.

01:41:13 – SÔNIA BELTRÃO – Veja...a Socorro ficou...

01:41:18 – NADJA BRAYNER– A minha pergunta...você disse que ela estava presa junto com vocês, Maria do Socorro Diógenes, aí a minha pergunta é: ela era companheira ou foi companheira de Ramires...

01:41:23 – SÔNIA BELTRÃO – De Ramires...

01:41:24 – NADJA BRAYNER– Nessa época ela já se relacionava com Ramires?

01:41:28 - SÔNIA BELTRÃO – Estava com Ramires...era a ...e estava como operária aqui, trabalhando como operária na Fábrica da Torre.Fábrica da Torre. Do lance do Peixe, eu fui visitar ele no...ele foi preso eu não me lembro o ano, eu acho que um ano...foi a prisão da ALN. Ele estava na LN. A mesma prisão da...setenta, não é?

01:41:58 – NADJA BRAYNER – Ele já estava preso?

01:42:00 - SÔNIA BELTRÃO – É...eu fui visitar no DOPS. Eu acho que naquela época não tinha ainda o DOI-CODI. As torturas eram no DOPS. Ele estava inchadíssimo, totalmente desfigurado e algumas pessoas da Arquitetura foram visitá-lo. Em dia de visita.

01:42:24 – GILBERTO MARQUES - Doutora Sônia, Gilberto Marques, eu faço parte da Comissão também. No decorrer do seu relato, eu me lembro que a senhora referiu que usou uma roupa emprestada e que a pessoa era maior do que a senhora. E disse “e nós nem podíamos usar cinto!”, cinturão. Por que não podia?

01:42:52 - SÔNIA BELTRÃO – Eu acho que era aquele negócio do vício do policial, pra você não se enforçar, não...não tem aquele negócio, tira tudo o que possa causar o sui..., se auto mutilar...eu acho que era isso, mas era pra sacanear também, não é? Era bem mais ...

01:43:13 – GILBERTO MARQUES – É exatamente isso...

01:43:14 - SÔNIA BELTRÃO – É...porque tinha um negócio, por exemplo, de como essa observação que eu fiz, o cara passar pela cela da gente e perguntar “quem é a viuvinha das duas?” isso é para sacanear, não é? Eles só...

01:43:29 – GILBERTO MARQUES – Então quer dizer que um simples cinturão já era proibido dentro daquelas circunstâncias da prisão?

01:43:39 - SÔNIA BELTRÃO – É...

01:43:40 – GILBERTO MARQUES – Era exatamente isso que nós estávamos investigando, apesar de ser comum a notícia mas agora é um depoimento formal, porque algumas pessoas que foram tidas e dadas como se tivessem se suicidado na cadeia, usaram justamente um instrumento que era proibido entrar.

01:44:00 - SÔNIA BELTRÃO – Era proibido.

01:44:02 – GILBERTO MARQUES– Nessa simulação do resultado, eles usavam um instrumento que não poderia estar na mão de quem supostamente se suicidou. Daí a importância da sua resposta. Eu agradeço essa informação.

01:44:21 – ROBERTO FRANCA – Gilberto, acho que você podia mencionar o caso da Anatólia, não é?

01:44:25 – GILBERTO MARQUES – Exatamente. A Anatólia...ainda tem um detalhe: em certo momento a perícia feita pelos legistas se referem à uma tira de couro. A que faz a apreensão, e que refere diretamente com a foto apresentada, diz que era de plástico. De material plástico. Ou estão fazendo bicho de plástico para fornecer couro para bolsa, ou seja, nos mínimos detalhes, a fraude aparece se a gente olha e lê com cuidado a documentação produzida com o objetivo de criar um engodo. Quando a gente começa...minha avó dizia: a mentira tem perna curta. Me parece que isso se aplica também a esse tipo de fraude, mesmo quando é feita por quem tinha a obrigação de investigar e punir o crime.

01:45:35 – MANOEL MORAES– Sônia, Manoel Moraes, eu queria agradecer mais uma vez a sua presença, o seu depoimento. Dizer a você também que nós estamos aqui com a presença de uma psicóloga, que é doutora Tádsia, de um projeto chamado Clínica do Testemunho, e isso é estendido a todas as pessoas depoentes. Esse é um projeto de referência, do qual você pode ter durante, depois ou antes, aqueles que vão ser ouvidos, o suporte de uma profissional da psicologia. Doutora Tadsia é também do Conselho Regional de Psicologia militante dos direitos humanos, atuou muitos anos no

programa de proteção à testemunhas, tem uma larga experiência nessa situação de testemunhos e de situações de vulnerabilidade que iniciam a partir desse teu depoimento. Então a gente tem esse serviço que é promovido pela Secretaria de Direitos Humanos, em parceria com o Ministério da Justiça-Comissão de Anistia, que serve também para a Comissão da Paraíba, como referência para esse tipo de serviço. Sônia, eu queria fazer a mesma pergunta que eu fiz à Sônia Coutinho. Talvez você pudesse ampliar isso pelo grau de envolvimento e talvez das informações que você devesse ter investigado posteriormente. Havia um grupo clandestino de organização política chamado CCC. Esse grupo, inclusive, tinha uma infiltração política nos estudantes. Parte desse grupo havia, segundo o depoimento de Cláudio Guerra na Comissão, envolvimento de pessoas da estrutura religiosa e também informantes de estudantes. Você tem notícia desse grupo? Esse grupo teve alguma colaboração nesse momento, em 71, 72, porque você inclusive citou uma infiltração de Cabo Anselmo. Cabo Anselmo é uma pessoa conhecida que eu vou perguntar em seguida a você. Mas em relação a isso, do CCC, você tem alguma informação que poderia colaborar? Sônia chegou a falar de ...do...como é o nome dele? Sônia Coutinho falou de Álvaro da Costa Lima. Você confirma isso?

01:47:53 - SÔNIA BELTRÃO – Não, eu não saberia dizer...a gente sabia a coisa assim do...talvez quem tenha alguma coisa a dizer sobre o CCC, onde era forte, era na Engenharia, ou seja, Romildo. Na Arquitetura eu não...não tenho, sabe...tinha coisas assim, um certo cuidado, algumas suspeitas, você achar que "ó, cuidado com fulano que ele pode ser do CCC", mas eu não arriscaria nem dizer alguns nomes e na Arquitetura não teve, como a Sônia Coutinho já falou, não teve nenhuma manifestação assim, mais ostensiva, como pode ter tido em outras escolas.

01:48:43 – MANOEL MORAES – Veja, indo para a questão da granja. Você falou que o Cabo Anselmo lhe torturou. Você tem a comprovação disso a partir, depois, de fotos que você viu dele? Ou foi já na época que você já...você já o conhecia antes?

01:48:58 – SÔNIA BELTRÃO – Não. A gente conhecia a história dele, do marinheiro e tal. No DOI-CODI a gente tinha aquela convicção que era alguém que estava infiltrado, que era alguém que estava em contato com as pessoas do movimento, de fora, sabe, um cara que não tinha o perfil de...sabe, não...do...mediano nordestino. Não era daqui. Então a gente ficou muito atento a ele, foi...eu acho que foi a figura que mais chamava a atenção...das que mais chamavam a atenção no DOI-CODI. E aí sempre que...depois que a gente foi para o DOPS e vai conversando um com o outro, e tal, foi formando...até...eu acho que...sair, eu não sabia que seria o Cabo Anselmo. Aí depois também fui atrás de ver foto, de documentação dele em revista, tal, porque isso me instigava, queria descobrir.

01:50:21 – MANOEL MORAES – Em São Paulo, as equipes de tortura eram divididas em três equipes, A, B e C. Aqui, havia uma divisão também das equipes? Elas eram formadas por quatro pessoas? Como eram, me perdoe perguntar, como eram as sessões de tortura? Elas eram intercaladas, quem participava, qual foi a participação de Cabo Anselmo, era periférico ou ele era central? Ele ironizava, ele acrescentava alguma informação, o que você pudesse trazer pra gente como detalhe...tipo: ele sabia...ele estava querendo ter de você alguma informação para outras pessoas caírem?

01:50:56 – SÔNIA BELTRÃO – É. Era basicamente isso. A tortura é basicamente para você...

01:51:01 – MANOEL MORAES– Delatar outras pessoas...

01:51:04 – SÔNIA BELTRÃO – Delatar, abrir e ele...ele tinha uma entrada bem...

01:51:11 – MANOEL MORAES – Sedutora...digamos.

01:51:12 – SÔNIA BELTRÃO – Não...eu estou dizendo assim...entrada livre no DOI-CODI, porque tinha uns que estavam junto com alguém, mandando...então a gente sabia que era alguém importante...e não era aquele cara assim...mais velho que estava dirigindo ali, por exemplo, eu recebi visita de...eu recebi “visita”, entre aspas, não é, de noite, de um cara que entrou no DOI-CODI, um senhor, de bermuda, sabe, alto, tal, e muito...e aí...é...a gente descobriu depois, vendo as fotos que era o comandante do DOI-CODI ou do 4º Exército, não sei. Era um tal de Confúcio...

01:52:01 – MANOEL MORAES – Confúcio.

01:52:02 – SÔNIA BELTRÃO – Então ele entrou assim, aí diz assim “ó, eu estou entrando aqui porque eu sou muito amigo do cara que dirige isso e eu consigo tal, sou, não sei o que ele falou que era, médico, alguma coisa. E se preocupava, aí deixaram ele entrar. E eu olhando para a cara dele, não é? Como que alguém ia entrar ali, com aqueles trajes, dentro de um ambiente militar, só se fosse o dono do pedaço. Eu tinha certeza. Aí o cara disse assim “você está precisando de alguma coisa, tal, e o que precisar pode contar comigo”, aí eu disse...eu estava precisando de alguma...eu estava enlouquecida...eu queria um cigarro. Aí ele virou para um cara que estava...que tinha aberto a minha cela, e disse assim “fulano, compra...” tipo assim, “três carteiras de cigarro”. O cara não pediu nem o dinheiro a ele. O cara saiu, voado para...

01:53:04 – MANOEL MORAES – Para cumprir a ordem...

01:53:05 – SÔNIA BELTRÃO – Pra cumprir a ordem...então ficou evidente que ali era alguém do comando. Esse cara não está na frente da tortura. Ele está comandando a tortura. O Cabo Anselmo entrava assim para esbofetear a qualquer...

01:53:23 – MANOEL MORAES – Então ele batia nas pessoas?

01:53:24 – SÔNIA BELTRÃO – Batia...ele brincou com minha cara assim...ele disse assim “escolhe, ó, eu sou muito bonzinho, tu podes escolher o que é que tu queres, se tu queres choque elétrico, se tu queres afogamento, se tu queres...”...

01:53:39 – MANOEL MORAES – Em troca do quê?

01:53:40 – SÔNIA BELTRÃO – Não!! Assim...brincando, de gozação...“eu sou muito bom, eu deixo a pessoa escolher!” aí eu fiquei calada, não é, o grande medo meu era o afogamento, que eu acho que talvez seja dos piores, não é, aí fiquei calada, aí o cara...ele, pessoalmente, que botou os fios aqui na minha...nos meus ouvidos e...entende...e

01:54:09 – MANOEL MORAES – Ele colocou, ele aplicou?

01:54:10 – SÔNIA BELTRÃO – Ele! Ele com um...tinha mais um lá...ajudando. Mas ele era o comandante, ele estava na frente, mandava o cara ligar, entendeu...então, agora ele diz que nunca...que sofreu tortura, que ele nunca torturou ninguém, é uma grande...é um cara assim...de uma...ele é maquiavélico, a personalidade dele é maquiavélica.

01:54:37 – MANOEL MORAES – Você falou que ele matou o filho. Você fala então de Soledad. Você concorda que Soledad estava grávida dele?

01:54:44 – SÔNIA BELTRÃO – Eu acho que sim...

01:54:45 – MANOEL MORAES – Você teve contato com Soledad?

01:54:46 – SÔNIA BELTRÃO – Não, não. Não conheci, foi depois, né, ele estava, ele estava...eu tenho impressão até que ele veio nessa época, em 72, e aproveitou essa...esse trabalho que ele estava fazendo junto, né...com o pessoal que estava com Soledad, e como estava aqui e era muito...inclusive outras pessoas que eu não vi, quem estava aqui também no momento da prisão da gente foi o Fleury.

01:55:14 – MANOEL MORAES– Isso é importante...você chegou a ver Fleury?

01:55:15 – SÔNIA BELTRÃO – Não, o Romildo viu, os homens que estavam no buque viram passar o Fleury com ele junto. Entende? Então, eu acho que, como eles estavam aqui, então ele vai participar também dos interrogatórios do DOI-CODI.

01:55:35 – MANOEL MORAES – Nós poderíamos, Sônia, em outra oportunidade, até para não ficar prolongando um momento de...nós poderíamos lhe fornecer algumas fotos para que você pudesse, em seguida, em outro momento, nos prestar um relatório, tipo se identificou alguém, se conheceu, você poderia fazer isso para a gente?

01:55:57 – SÔNIA BELTRÃO – Claro.

01:55:58 – MANOEL MORAES – Eu sou grato. Muito obrigado. (aplausos)

01:56:05 – ROBERTO FRANCA – Eu acho tão importante essa informação, eu pessoalmente, não tinha informação da presença de Cabo Anselmo aqui em 72, porque nós sabíamos da presença em 73. E à medida em que a Comissão vai fazendo essas reuniões, por exemplo, vimos sabendo de fatos assim. A vinda de Fleury aqui, para matar, era regular. De Cabo Anselmo sabíamos que ele estava passando informações sobre militantes da AP em 73. Mas agora você veio com um fato realmente importante que, desde 72, ...e a granja...VPR, ah sim, VPR, desculpe. Agora a informação de 72. E quando nós ouvimos aqui, numa sessão reservada, o delegado Cláudio Guerra, e falávamos sobre o acidente...sobre o acidente de Miriam, é...ele levantou uma hipótese da vinda do Perdigão. Perdigão que também viria a Pernambuco com certa regularidade, e também nós não temos ainda essa confirmação, porque o Perdigão já teria promovido situações de mortes através de acidentes de automóveis em outras circunstâncias no Rio de Janeiro. Que também estaria vindo aqui. Então a gente começa a ter informações da vinda de determinadas figuras, como Fleury, ou Perdigão, ou o Cabo Anselmo, aqui a Pernambuco em determinados momentos, e a gente está começando a unir esses dados. Então me parece muito importante essa...mais informações ainda sobre isso, porque aí ...e agora a gente está tendo uma informação de uma pessoa que foi vítima de uma ação direta dele aqui. É possível você descrever alguma coisa do perfil dele, assim físico?

01:59:20 – SÔNIA BELTRÃO – Ah, ele...de físico eu...ele é uma estatura...como eu sou baixinha e ele estava bem acima de mim, estatura talvez mediana para homem. Tinha uma aparência...naquela época era um cara bem apessoado, tinha um pouco entradas, aqui...e o cabelo naquele momento estava grande, quer dizer, ele parecia meio hippie, meio estudante, mas...mas eu tenho certeza que era ele.

01:59:08 – ROBERTO FRANCA – É...veja: nós estamos aqui apurando circunstâncias, eu acabei de receber um depoimento da nossa assessora, Lília, que foi presa, nesse período de 72, que foi interrogada, ela de capuz, por uma pessoa com um acento paulista e que, embora ela não possa identificar, porque estava encapuzada, mas de cabelos grandes, porque ela podia ver pelo capuz a história do cabelo, e ela foi presa pela segunda vez por Miranda, levada para o DOI, e percebeu o mesmo acento, você se refere à pronúncia do Cabo Anselmo, foi uma caracterização da presença dele aqui já desde 72. Mas eu encerro, passo para Fernando, nosso coordenador.

02:00:05 – FERNANDO COELHO – Só para arrematar, eu tenho impressão que esse depoimento teve, entre outros, essa grande importância. Pela primeira vez a gente teve a referência concreta, à ação do Cabo Anselmo, como torturador. Até agora ele era identificado como um delator, uma pessoa infiltrada, que organizava, enfim, um tipo de ação diferente. Mas essa de envolvimento pessoal na tortura é um dado novo que a depoente traz. Nós vamos ouvir ainda os depoimentos de Romildo Maranhão do Vale e Rildete Alves Rodrigues. Antes disso, nós vamos fazer um breve intervalo de quinze minutos. Quinze minutos, rigorosamente.

00:00:00 – FERNANDO COELHO – Os integrantes da Comissão queiram tomar assento à mesa. Convidamos o doutor Roberto Franca, o doutor Henrique Mariano, o doutor Humberto Vieira de Melo, doutor Manoel Moraes e o doutor Gilberto Marques para tomarem assento na mesa. Estando presentes os relatores dos processos em exame, convidamos o doutor Ednaldo Bezerra a tomar assento na Comissão. Com a palavra, o doutor Roberto Franca, lembrando a necessidade de qualificar o depoente. Com a palavra, o doutor Roberto Franca.

00:04:32 – ROBERTO FRANCA – Nós estamos aqui à mesa com o doutor Ednaldo Bezerra, que é o irmão de Ezequias Bezerra, e se colocou à disposição para dar mais algumas informações sobre o caso; nós já conversamos com ele, anteriormente, mas eu pediria apenas, Ednaldo, que você dissesse nome completo, a sua qualificação.

00:05:04 – EDNALDO BEZERRA – Eu sou Ednaldo Bezerra da Rocha, irmão de Ezequias Bezerra da Rocha, sou administrador, estou aposentado, certo? Com formação na área financeira, e vim aqui hoje já para complementar algumas informações que foram dadas já no primeiro momento, quando nós tivemos o encontro, na Comissão, e fizemos um relato de todos os fatos que aconteceram à época. Então já se passaram quarenta anos, já para quarenta e um anos, são fatos que a gente está latente, e que alguns nos fogem, mas sempre aparecem novos fatos. Bem, como anteriormente eu já disse, nós começamos o nosso depoimento como ele foi preso, certo? Aconteceu o acidente, tudo aconteceu com o empréstimo do carro dele. Era um fusquinha branco. A placa eu não esqueço nunca: 2501, e ele emprestou o carro a Guilhermina, a...a, como é o nome dela...a Miriam, certo? Ele emprestou o carro à Miriam, na época até a gente teve uma conversa que eu estava precisando do carro, aí ele disse “não, mas tem uma coisa muito importante!”, à época eu estava falando com um colega nosso, o Jatobá, é...meu pai ia fazer uns exames de ...médicos, aí ele disse “não, mas tem uma coisa importante” e emprestou o carro à Miriam. Emprestou esse carro à Miriam e Miriam foi para...me parece que foi Caruaru. Em Caruaru, num retorno, quando ela veio com o Carlos Alberto Sá e Benevides, houve o acidente no qual morreram ela e o Carlos Alberto. Quando nós soubemos desse acidente, certo, Ezequias com outro irmão meu chamado Evandro, ele disse “Ó, Rapaz”, ele me chamava de Naldo, “Naldo, nós vamos lá ver o carro, eu estou viajando segunda-feira para fazer o curso de Geofísica”, ele tinha pedido até demissão da empresa que ele trabalhava, Profertil, na quinta-feira, quarta-feira, certo? Pegou todo o dinheiro da indenização e ia viajar na segunda-feira para iniciar o curso de pós-graduação, ou era Mestrado, não me lembro bem, de Geofísica. E “nós vamos lá ver o carro, nós passamos uma procuração para você, você vende esse carro e depois manda o dinheiro para mim!”. O que é que ocorre: ele foi com meu irmão lá em Caruaru. Passou lá o dia todinho, ele e o outro irmão, Evandro; passaram o dia todinho, viram o carro, viram o local onde foi enterrada a Miriam e o Carlos Alberto, tudo tranquilo, foi e voltou. Veio falar comigo “Olha Ednaldo, o carro tá acabado, tu vende ele aí por qualquer dinheiro, eu vou no sábado de manhã”, amanhã de manhã, ele disse, isso foi na sexta cedo. “Eu passo na tua casa, passo uma procuração pra

você, pra você vender esse carro e manda o dinheiro pra mim, certo? E não tem problema”. No sábado de manhã, ele passava. Quando chegou no sábado de manhã, nada de ele aparecer. Não apareceu nada e a gente começou a se preocupar, não é, porque antes, quando houve o acidente com Miriam, começou a haver uma boateira no Recife e algumas prisões. Um boateira de que uma pessoa foi com o carro metralhado, e não-sei-o-quê, e houve esse boato, e começou naquela época, aquela época, normalmente qualquer movimento diferente as pessoas já ficavam antenadas. Mas como ele foi em Caruaru, com outro irmão meu, o Evandro, passou lá quase o dia todo, viu tudo direitinho, voltou tranquilamente, a gente ainda tinha...não, se não houve nada, foi lá não prenderam ele, e só dois dias depois foi que ele desapareceu. Desapareceu e é...desapareceu e nós começamos a procurá-lo. Chegamos lá no apartamento dele, quando nós chegamos o porteiro lá, tal, todo mundo ficou apavorado, certo, batemos à porta e nada. Fomos e quando foi mais tarde, voltamos, eu, meu pai, o pessoal, voltamos lá, olha, ninguém sabe de nada. Inclusive tem uma vizinha nossa, que era irmã de infância, que morava lá, ela se apavorou, disse “não sei nada!”, depois soubemos que ela viu quando ele foi preso. Aí nós arrombamos o apartamento dele. Arrombamos e a cena foi uma das coisas mais tristes que a gente pode imaginar...um casal, ele recém-casado, o apartamento estava mais ou menos arrumado, ele não tinha muita vaidade, aí...mas o apartamento estava de cabeça pra baixo. Fizeram tudo, arrombaram, roubaram, levaram máquina, levaram tudo que imaginava de coisa, e até café...uma coisa terrível. Aí pronto. Começou a nossa loucura. Ele foi preso, foi preso, foi preso. Aí eu conversando com...me lembro com uma dessas pessoas, mandou procurar Mércia, “procure Mércia, que Mércia vai lhe orientar!”. Aí eu, como era mais perto dele, ligado, estive com Mércia uma vez, duas vezes, ela ainda deu um pouco de esperança que parece-me que ele foi visto preso, parece-me que não foi, aí depois de alguns dois ou três dias, ela disse “Olhe, Ednaldo, vá procurar um advogado, a família todinha porque seu irmão tinha morrido (choro)...aí pronto, começamos...(bastante emocionado) aí pronto, começou a nossa busca, a nossa busca, e chegamos ao ponto de ir lá no Cemitério de Santo Amaro, antigamente tinha um posto da Polícia lá, nós fomos, eu e um outro irmão, Edson, quando nós vimos no jornal que havia aparecido um corpo, lá no Engenho Massauassu, em Escada, aí nós começamos a fazer as correlações, quem era e quem não era. E o detalhe da cueca amarela, que a Sônia falou, realmente aquilo foi o que nos deixou mais apreensivos, porque antes disso, eu acho que um dia antes, de ele ser preso, eu estava com ele num barzinho que tinha lá perto de casa, Zezinho Bar, e vi ele com a cueca amarela, não é, até brinquei, “falta só uma faixa verde que fica muito bonitinho!” Aí esse detalhe, quando saiu no jornal que o corpo que apareceu tinha essa característica de estar com uma cueca zorba, e naquela época não era comum, em setenta e dois se usar cueca zorba, aí pronto, nós começamos...chegamos lá nesse posto da Polícia e os policiais foram logo dizendo “Não. Esse corpo que apareceu de Escada, esse corpo já foi enterrado. Já foi, uma família veio aqui e levou e enterrou”. Aonde foi? “Nós não sabemos. Não sabemos”, e nós insistimos, certo, foi quando voltamos à Mércia e ela disse “Procure um advogado para tentar fazer a exumação desse cadáver, provável cadáver que ele disse que foi enterrado”. Aí procuramos diversos advogados aqui no Recife, que, é claro que, na época, eles se recusaram porque o terror em setenta e dois, como todo mundo sabe, era muito grande, e o advogado não queria pedir, certo, fui a diversos advogados, inclusive indicados por Mércia, aí eles, realmente, o receio era muito grande, para pedir a exumação daquele provável cadáver que era do Ezequias. Aí não conseguimos, não conseguimos, a exumação do cadáver, não conseguimos o advogado, porque tinha que ter um acompanhamento, certo, aí inclusive a Mércia foi falando com ela, reconhecendo, que realmente, naquela época, só ela, certo, ou um ou outro advogado é que se arvorava a correr um risco desse. Aí nós reconhecemos e a busca continuou sempre na esperança que a qualquer ...uma das piores coisas do desaparecido é a esperança da família, e não conseguimos, de forma alguma conseguimos localizar. E só depois, depois de muito tempo, quando houve a ...volta aquele caso do delegado lá de Escada, só quando houve a abertura do DOPS, é que nós fomos lá, com a pessoa que nos ajudou bastante, Amparo Araújo, que ela é da Comissão Tortura Nunca Mais, ela é quem deu todo o apoio à

gente,Amparo Araújo, e Amparo é que foi conosco lá no DOPS, e ela conseguiu um documento que foi o encaminhamento do delegado...eu nunca esqueço o nome dele, Bartolomeu, e o delegado ele foi, quando mandou o corpo para o Recife, já foi dito aqui, né? No verso do ofício de encaminhamento do cadáver, no verso estava lá as impressões digitais do corpo que foi encontrado. Só no momento que houve a abertura do DOPS, foi que se encontrou esse documento, e, com esse documento em mãos, foi pedido à Secretaria de Segurança Pública, certo, um exame dactiloscópico, e esse exame, nós temos até esse exame, faz parte do processo no qual Fred e Marcelo Santa Cruz são advogados e, nesse documento, a Secretaria de Segurança Pública confirmou que, efetivamente, aquele corpo encontrado nas barragens do Engenho Massauassu, em Escada, é de Ezequias Bezerra da Rocha. Pegaram pela Carteira de Identidade dele. Aí começou uma outra nossa luta, na Justiça, para responsabilizar a União, que o processo já foi para Brasília, já ganhamos. Então esses detalhes, eu queria acrescentar, talvez tenha me fugido qualquer outro aqui, e com a pergunta, eu poderia esclarecer. Então essa luta em que estamos a quarenta anos, certo, hoje em dia as pessoas já estão aos poucos esquecendo, das famílias, a gente quer sempre que ela seja lembrada, certo, e que ela seja recontada, com mais detalhes, certo, para que, como agora mesmo eu...nós recebemos desse processo ...a gente teve um parecer da AGU, certo, de uma advogada da AGU, ela de uma insensibilidade, de uma coisa como se fosse...a gente estivesse fazendo a coisa mais absurda do mundo querendo responsabilizar...ela tratou, se você ver o último despacho da AGU, da advogada, é uma coisa que você diz “não é possível que uma pessoa dessa...”, não deve ser novata aí, que para ela...ela quer é não perder a causa. Estou à disposição para alguns detalhes...

00:17:49 – ROBERTO FRANCA – Ednaldo... nós temos aqui a informação da...do acidente de Miriam, e o marido, no dia oito de março. Você disse que no sábado estavam procurando Ezequias e não encontravam, você se lembra, esse dia oito de março que dia foi da semana?

00:18:11 – EDNALDO BEZERRA – Deve ter sido...

00:18:13 – ROBERTO FRANCA – Ou quando vocês sentiram a falta de Ezequias? Sábado?

00:18:16 – EDNALDO BEZERRA– Foi na sexta-feira, mas esse acidente foi antes da sexta. Porque na quinta-feira, ele foi a Caruaru. Na quarta-feira? Pronto. Foi no dia...sim, mas ele foi em Caruaru...ele foi a Caruaru...

00:18:33 – ROBERTO FRANCA – Oito, na quarta-feira, oito...

00:18:35 – EDNALDO BEZERRA – Foi o acidente, mas ele foi a Caruaru quando saiu no jornal, no dia seguinte. É, dia nove. Que ele foi preso no dia dez, doze...

00:18:44 – ROBERTO FRANCA – Ezequias...Ezequias foi no dia nove...então, o acidente foi no dia oito, dia nove...

00:18:50 – EDNALDO BEZERRA – Ezequias foi a Caruaru...como já havia, só um parêntesis, como já havia o zum zum zum que o carro foi metralhado, eu perguntei a ele, ao meu irmão Ezequias, se realmente ocorreu isso. Ele disse “Naldo,...”, ele me chamava de Naldo, “Naldo, nós não vimos isso!”. Ele e o outro irmão meu, o Evandro, já é falecido, disse “Olhe, o carro está lá, foi uma batida, está todo acabado, mas nós não vimos negócio de tiro”, assim mesmo que ele disse. Isso foi a colocação que ele me fez, à época.

00:19:32 – ROBERTO FRANCA – Quer dizer que Ezequias foi preso num sábado.

00:19:36 – EDNALDO BEZERRA – Na sexta-feira, à noite. Ele foi preso na sexta à noite. Porque no sábado eu ia...

00:19:42 – ROBERTO FRANCA – Sexta, dia dez...

00:19:43 – EDNALDO BEZERRA – É. Dia dez. É isso mesmo, dia onze ele morreu.

00:19:46 – ROBERTO FRANCA – Na sexta-feira que é dia dez.

00:19:48 – EDNALDO BEZERRA – Eu sei que ele morreu dia onze. É porque...as coisas...

00:19:50 – ROBERTO FRANCA – Sexta...dia dez é sexta.

00:19:53 – EDNALDO BEZERRA – Pronto. Na sexta ele foi preso, de madrugada, já era praticamente dez, depois da meia-noite. Certo?

00:20:01 – ROBERTO FRANCA – Então já é onze, não é?

00:20:02 – EDNALDO BEZERRA – Quando ele retornou...quando ele retornou, ele estava com uma pessoa, que realmente eu não sei quem era, ele retornou para casa, tá certo? Esses detalhes são terríveis, que ...quando ele foi lá em casa e nós dissemos a ele "Tonica...", que eu chamava ele de Tonica, "Tonica, vai embora rapaz, tu não vai começar segunda-feira teu curso lá, rapaz? Por que você não vai embora? Vai para a Bahia, tal", acho que ele não queria entrar na clandestinidade, aí ele disse até, eu estava falando agora com Chico "Ó, Naldo, eu levo umas porradas feito Chico, depois eu saio, não tem negócio não!". Isso era a personalidade do meu irmão. Realmente, ele era o penúltimo da família, foi o primeiro que se formou, a família ficou, não é? Ele era...

00:20:50 – ROBERTO FRANCA – Agora aqui nós temos a informação também que no dia dez foi presa Maria Adosinda.

00:20:55 – EDNALDO BEZERRA – Foi. Ela me contou...

00:21:01 – ROBERTO FRANCA – No dia nove?

00:21:02 – EDNALDO BEZERRA – Acho que foi um dia antes...foi, um dia antes. Ela me contou, eu tenho um depoimento dela, que ela fez para mim, tá certo? Eu tenho o depoimento dela, está até no processo, que ela conta como ela viu Ezequias. Ela viu...não disse que era categoricamente ele, mas ela sabe que era a esposa de outro preso, de uma presa que estava lá. E ela conta como foi que viu ele passar, como ela viu ele ser jogado feito um fardo – essa foi a palavra que ela usou -, está no processo, como viu jogar aquele fardo, que ela só viu essa pessoa ofegante e não conseguiu nem falar. Ela disse que ouviu, no processo diz que ela ouviu, que pelas circunstâncias da esposa, aquele ali era o Ezequias. Está no processo.

00:21:58 – ROBERTO FRANCA – Você sabe alguma informação...ah, você não conhecia na época o Benevides, o Luiz Alberto? É porque, veja, já no dia nove, então, a Maria Adosinda tinha sido presa, dia nove! E no dia dez, à noite, já indo para o dia onze, o Ezequias tinha sido preso. O que nós estamos avaliando é a rapidez com que as pessoas foram imediatamente presas, logo após o acidente. Então a suspeita de que o carro tivesse informações, dentro do carro, é pouco provável porque o carro não era de Miriam e seu marido, o carro era de Ezequias. Portanto, pouco provável que ele estivesse levando documentos dentro do carro que pudessem desencadear uma ação de prisão sucessivas. Então a possibilidade de que já houvesse uma investigação ou uma...em curso, e que tivesse havido não um metralhamento, que não temos nenhum elemento sobre isso, mas uma perseguição a um carro com

uma motorista não muito experiente, um carro pequeno, como o fusquinha, que pode ter provocado o acidente, uma perseguição, não uma morte. Tanto é que ninguém sabe quem levou os corpos, no caso, o corpo de Miriam, ao hospital. Luiz estava vivo ainda, e ninguém sabe quem levou. Passou uma testemunha, alguém que vinha no mesmo caminho, viu o acidente com vítimas e não parou, coisa que é muito pouco provável que tenha acontecido na nossa cultura, quando acontece um acidente, as pessoas correm para ajudar. Essa pessoa foi à Polícia Rodoviária, informou a um policial rodoviário, que foi para o local do evento e quando chegou não encontrou mais os corpos, que tinham sido conduzidos ao hospital, ninguém sabe por quem. Então a probabilidade é que tenha havido uma perseguição policial e que estes, que não tinham intenção, àquele momento, de matar, mas de prender, tenham levado para o hospital, porque no Hospital, Nadja tem, inclusive, a referência do momento, em pouco tempo estavam cercados de vários policiais federais. O Hospital de Caruaru para onde teriam sido levados o Luiz Alberto, ainda vivo, e faleceu lá. Por isso que é...quer dizer, não se está trabalhando a hipótese de metralhamento, mas com uma hipótese de perseguição, pois desencadeou uma sucessão de prisões muito rápidas. O caso de Ezequias, mas também o caso de Adosinda. Mas eu não teria mais perguntas.

00:24:51 – EDNALDO BEZERRA – Eu sei que naquela época, saiu no jornal, não sei se era Diário da Noite, naquela época, mas quando nós descobrimos foi que ...nós descobrimos é que saiu no jornal que esse casal que tinha morrido, a notícia sobre o acidente, que esse casal que tinha morrido no acidente, um dos...é...das pessoas que estavam nele, o Luiz Alberto, era um terrorista procurado em todo o Brasil, certo? Isso já saiu no Diário da Noite na época. Foi daí que desencadeou a prisão, tá certo? Por quê? Um comandante de um...naquela época, procurado em todo o país, pressupunha que, ao redor dele, o Ezequias soubesse coisas demais. Conhecendo a personalidade do meu irmão, como eu conhecia, certo, eu sabia, eu deduzi, que ele morreu torturado sem dizer nada. A gente sabe que a tortura ela é imprevisível você saber até que ponto você aguenta, você suporta. Mas até hoje, eu nunca ouvi nada que pelo menos transparecesse de ele ter dito alguma coisa. Então talvez o ódio das pessoas que começaram a torturá-lo e, à época, a Guilhermina esteve comigo, depois que ela foi solta, esteve lá em casa, e ela me disse “Naldo, quando nós fomos presos, o Miranda é quem encabeçava a prisão. E ele disse na ocasião...”, até um termo chulo, “até que enfim que eu botei a mão em você, seu filho de uma puta!”. Foi assim mesmo que ela me contou como eles prenderam o Ezequias. Então, como eles não conseguiram, começaram a prender e então a história vocês sabem que foi uma prisão, diversas prisões, e...mas a morte dele realmente foi uma coisa rápida, certo...ele foi torturado durante uma noite. Ele parece que chegou de noite no ...sábado...ele foi na sexta, no sábado ele foi preso, no domingo o corpo dele foi jogado lá na Usina Massauassu. A sorte é que, na época, sorte eu não sei, ou azar, estavam fazendo a limpeza das margens do rio para o problema da Usina, aí foi que o corpo dele não caiu todo, né, não foi para o fundo, e submergiu e o pessoal que trabalhava na Usina viu e chamou o delegado, aí a história está contada.

00:28:05 – NADJA BRAYNER – Mais uma vez queria te agradecer pela presença e sempre estar disponível para falar de coisas tão dolorosas, tão difíceis, mas eu queria chamar a atenção um pouco, Ednaldo, sobre exatamente isso a que Franca se referiu. Eu acho que não existe nenhuma dúvida, óbvio, porque foi identificado o corpo, não é, foi feita a identificação, eu acho que é necessário agora se promover a retificação do atestado, porque ele está...o atestado está expedido...a certidão de óbito, como desaparecido e na verdade não é, ele foi identificado, ele foi morto, foi assassinado, sob tortura e isso tem de ser retificado. Eu acho que uma outra tarefa além da retificação é a busca dos restos mortais, a partir daquele corpo; é um outro encaminhamento que a Comissão deve tomar. E um terceiro, que eu sei que é da...pra família é fundamental, que é a gente tentar...que a gente sabe que o tempo passou, alguns desses já morreram, é identificar na verdade esses policiais, os que foram responsáveis por esse assassinato. Eu acho que com relação ao caso de Ezequias, é isso aí que está colocado. Eu acho que a violência que se abateu sobre ele foi tamanha..., eu tive a oportunidade de

conhecer Ezequias e realmente era uma pessoa muito reservada, muito respeitosa, muito solidária, e eu acredito que a conduta dele realmente foi essa de silenciar, entendeu? E aí a gente sabe que quando o preso faz isso a violência redobra, enfim...Aí eu queria agora me reportar exatamente a esse depoimento de Aluizio Gonçalves da Costa, que é o esposo...o viúvo de Dosa, a Adosinda. Ele deu esse depoimento, onde ele diz que no dia oito de março, ele chegou em casa e tal, e logo após o almoço, ele chegou na hora do almoço, logo após o almoço, eu vou ler só algumas parzinhos aqui, que eu acho que são importantes, pra retomar a questão do ...de Miriam e Benevides, não é...com relação ao acidente. “Logo após o almoço, ele seguiu para a cidade de São Caetano, onde dirigiu-se ao posto da Polícia Rodoviária, para maiores informações, sendo informado de que teria havido um acidente, causando a morte de Miriam e ferido gravemente o seu companheiro. E que eles teriam sido levados para o Hospital em Caruaru, cidade de Caruaru. Querendo conhecer o local do acidente, os patrulheiros negaram-se a acompanhá-lo, indicando, entretanto, um cidadão que se encontrava no posto, o qual, disseram eles, era surdo-mudo”. Bom. Mais adiante, diz aqui: “Na cidade de Caruaru, encontramos lá o Hospital e lá no Hospital encontrou o corpo de Miriam, ela já falecida, e seu esposo, Luiz Benevides, em estado de coma, havendo no local um grande número de curiosos querendo ver os “terroristas” mortos”. Ora, essa declaração que ele dá...o momento que ele estava lá, era oito de março, provavelmente, eu acho, na parte da tarde, porque o acidente foi nove e pouco, ele chegou lá na parte da tarde e já existiam ‘curiosos querendo ver os terroristas mortos!’. “O hospital vivia um clima de terror, provocado pela presença de vários agentes policiais, que pareciam ter total controle do hospital. Justificando-se então, o pânico dos funcionários e médicos que, apavorados, esquivavam-se de qualquer informação. Chegando ao ponto de nem sequer fornecerem o indispensável atestado de óbito, sendo Miriam sepultada, neste mesmo dia, sem o referido atestado”. O que só ocorreu depois, e, ele disse, o que causou espécie. Ele...só depois...ele volta para casa, e no dia seguinte, ele diz que ele volta lá, com o falecimento do Benevides, no final da tarde, da noite, para proceder ao sepultamento. Então quer dizer, é um testemunho que ele dá, de que o clima, que essa normalidade...porque aonde Ezequias foi...Ezequias não foi ao hospital, não é isso? Ele esteve junto ao...setor de trânsito, era a Rodoviária, provavelmente, Polícia Rodoviária, para ver as questões relativas ao carro. Mas esse depoimento me parece muito importante, do Aluizio, porque ele constata que existia realmente, no Hospital, um clima...um clima anormal. E depois ele retorna, não é, e ele escuta, inclusive, várias coisas sobre os terroristas, pessoas violentas, enfim... São essas as apreciações que ele faz nesse depoimento que integra...esse depoimento dele, integra um dossiê da Família Benevides. Que é um dossiê grande, tem muitos depoimentos. Então a minha questão, quando você colocou que Ezequias não teria escutado nada, nem...

00:34:30 – EDNALDO BEZERRA – O que nos estranhou é porque ele esteve lá, certo, o proprietário do carro esteve lá, e se havia esse clima...que eram terroristas que haviam morrido, se era essa a conotação que era dada, porque é que ele esteve lá, viu tudo direitinho, com outro irmão meu, depois voltou para casa, e num momento daquele, ele não ter sido preso. Passou quase um dia, não sei se é...à noite é que ele foi preso. Por que é que naquela ocasião, ele que era o proprietário do carro, estava vivo e não foi questionado? Por que era de se pegar na hora, ali. Chegou, prendia logo, desaparecia ele e o outro irmão. Aí...isso é que pra gente é ...

00:35:25 – NADJA BRAYNER– Ele compareceu ao Posto da Polícia Federal, não foi?

00:35:28 – EDNALDO BEZERRA – É...eu não sei se foi realmente ao posto, tá certo...foi lá, ele esteve com as autoridades, que ele me disse “está lá o carro, e tal, eu vou passar uma procuração para você vender!”. E esteve lá uma manhã toda, eu acho, com outro irmão meu.

00:35:45 – NADJA BRAYNER– É...não, sem dúvidas, existem muitas questões que são difíceis da gente entender.

00:35:52 – EDNALDO BEZERRA– Porque se havia um clima...e eram terroristas, porque que o proprietário do carro foi lá, não é?...e não ter sido preso...?

00:36:02 – NADJA BRAYNER – Ao mesmo tempo, Dosa foi sequestrada, no dia nove, quando...no dia nove, o Aluizio voltou de Caruaru, depois do sepultamento de Benevides; estava em casa e foi retirada de dentro de casa, foi sequestrada, com várias testemunhas... dia nove, isso...

00:36:22 – EDNALDO BEZERRA– E descobriram que o Luiz Alberto era ...era, quando descobriram que o Luiz Alberto era um...como eles diziam, terrorista, não é? Realmente...

00:36:31 – NADJA BRAYNER – É...então vocês veem, quer dizer, o proprietário do carro não foi, no momento, importunado; naquele momento! No entanto, Dosa, que era irmã de Miriam, foi sequestrada no dia nove. Antes de Ezequias ser preso. Então são muitas questões sobre as quais a Comissão está se debruçando, eu acho que tem muitas coisas...

00:36:58 – EDNALDO BEZERRA– Porque sabiam que o carro era legalizado, não tinha nenhum problema, certo? Se eles sabiam que aquele carro era de Ezequias, eles teriam prendido logo, porque o carro estava documentado, não era um carro clandestino. É uma questão que a gente não...

00:37:16 – NADJA BRAYNER– É.

00:37:17 – EDNALDO BEZERRA– Não é isso? O carro não era clandestino, os documentos...

00:37:20 – NADJA BRAYNER– Eram todos normais...então são coisas...muitas...

00:37:26 – EDNALDO BEZERRA– Eu ...esse detalhe que ele falou a respeito do CCC, só abrindo aqui um parêntesis,o CCC, eu me lembro que eu fui algumas vezes na faculdade de Geologia do meu irmão, e aquela época o CCC estava entrando nos diretórios e quebrando tudo e fazendo o maior terrorismo. E na época, Ezequias me disse “ó, Naldo, lá em Geologia eles não vão entrar, não!”. E montou lá em cima, na faculdade, fez lá um...um...montou barreira mesmo. E não permitiu o pessoal do CCC entrar. Nós passamos lá, eu me lembro, passamos lá umas duas noites, certo, e o CCC não entrou. Foi um dos únicos diretórios que eles não quebraram, porque Ezequias não permitiu. Esse aí é um detalhe do CCC que, realmente, naquela época fazia isso.

00:38:18 – NADJA BRAYNER – Eu tenho uma lembrança desse episódio. Bom. Algum questionamento? Socorro?

00:38:33 – SOCORRO FERRAZ– Uma pergunta, não sei se consta no processo, não lembro agora, a quem a polícia entregou os corpos? Porque quando Aluizio chega em Caruaru, os corpos ainda estavam no hospital? Benevides ainda estava vivo, mas ele diz que “ele acaba de morrer”, não é?

00:38:58 – NADJA BRAYNER– Olha, quem....Ele morreu na noite do dia oito.

00:39:02 – SOCORRO FERRAZ– Do dia oito.

00:39:03 – NADJA BRAYNER– Miriam já estava morta; quem providenciou o enterro foi o próprio...

00:39:07 – SOCORRO FERRAZ – Aluizio providenciou o enterro de Miriam...

00:39:10 – NADJA BRAYNER – O sepultamento de Miriam, e no dia seguinte ele voltou e providenciou o sepultamento de Benevides...

00:39:11 – SOCORRO FERRAZ – O sepultamento de Benevides...então, em princípio, o hospital entrega os corpos à família.

00:39: 23 – NADJA BRAYNER– Exatamente. Exatamente.

00:39:25 – SOCORRO FERRAZ – Certo. Esse dado é importante. Porque não foi a polícia que sepultou. A polícia não quis...

00:39:31 – NADJA BRAYNER– Não!

00:39: 32 – SOCORRO FERRAZ – ...aparecer nesse momento.

00:39:34 – NADJA BRAYNER – Era...isso que você está colocando, Socorro, é muito importante, viu, Ednaldo? Pelo seguinte, veja, vamos dizer assim, vamos supor que, de fato, tenha ocorrido uma perseguição, tenha ocorrido uma perseguição ao carro, eles tenham sido seguidos, por policiais, por...sei lá! Polícia Federal, o que for. Miriam recentemente tinha aprendido a dirigir, é verdade, isso existe em vários depoimentos, inclusive que ela estava tendo aulas de direção, tinha carteira tirada a pouco tempo. O marido dela não dirigia, não é que ele não tivesse carteira, não, ele não dirigia. Segundo a família, inclusive, por atestado médico, ele tinha certos problemas que não podia tirar carteira. Então, ele não dirigia, então não é improvável que uma pessoa ao volante, sendo seguida, acelerando, numa área, inclusive, que é considerada perigosa, área de vários acidentes, que ela tenha acelerado, o carro pode ter sido fechado na estrada, é uma suposição, não é, e ocorreu... E essas pessoas que estavam seguindo, talvez não quisessem esse resultado. Talvez a intenção fosse prendê-los. São suposições, claro, não é? Eu as estou fazendo para a gente começar a tentar entender. Pode ser que não queriam prendê-los, mas aconteceu o acidente. E viram que foi de proporções gravíssimas, que eles estavam praticamente mortos, e se retiraram do local. Porque não existe nenhuma testemunha. As três testemunhas que falam sobre o acidente, nenhum deles viu o acidente. Duas foram de ouvir dizer. E uma que passou...eu acho que foi alguém chamado Humberto que se reportou, viu o acidente e foi avisar num posto e não fez nada. E os outros dois, ouviram falar. São os depoimentos que tem. Então eu não acho improvável que realmente a polícia tenha se ...já que teve um determinado resultado, tenha se afastado e não tenha chegado até o hospital. Mas tem o depoimento do Aluizio, dizendo que o clima lá era de curiosos, de informações, quer dizer, são muitas pistas, são muitas questões, realmente, sobre as quais eu acho que a Comissão vai ter que se debruçar para tentar entender o que de fato aconteceu.

00:42:20 – EDNALDO BEZERRA – Esse ato aí foi que houve que ...não houve nada com meu irmão, e já se apreenderam pessoas, não é?

00:42:26 – NADJA BRAYNER– Exatamente. E tem um dado extremamente importante, que é, dois dias antes, Tem uma prisão, realizada no Rio de Janeiro, de um senhor, era um jornalista, Ramahiara Vaz Vargens...

00:42:47 – SOCORRO FERRAZ – Ramahiara...

00:42:49 – NADJA BRAYNER – Não. Desculpe, eu estou lendo porque tem RA aqui!! É Ramahiana Vaz Vargens, um jornalista, que foi preso dois dias antes, no dia seis ou no dia sete, no Rio de Janeiro, e essa pessoa, segundo familiares de Benevides, era o contato da família com ele. Segundo uma declaração de uma irmã dele, que eu tenho aqui em mãos, ela diz “a maneira que chegavam bilhetes de Benevides, estes bilhetes, era variada, mas ultimamente sempre vinham por meio de Ramahiana Vaz Vargens, que

era sub editor do JB". E participava do departamento de pesquisa e tal, quer dizer, dois dias antes, ele teria sido preso. E o depoimento que ele presta na Auditoria Militar é de 46 páginas! Onde ele relata toda a estrutura do PCBR, inclusive, com croquis que ele coloca aqui...quem é quem, quem é quem que estava reestruturando isso, qual o setor, e destaca lá exatamente o Benevides como o ...que chamava também de "Careca", como sendo uma pessoa que tinha sido deslocada aqui para o Nordeste, com determinados objetivos. Gente, então, veja só: a compreensão que eu tenho...que nós temos, não é, também Franca concorda com isso, é de que a gente tem que investigar, inclusive, a partir dessa prisão, das prisões para trás, esse acompanhamento de Benevides. Tá certo? Sem isso, a gente não vai poder, porque os elementos que têm com relação ao inquérito, ao processo, eles foram...tem coisas mal feitas, tem coisas incompletas, não tem o laudo, a perícia do acidente. Não tem! Então a gente vai ter que recorrer a outros elementos indicativos de pessoas que sabiam onde ele estava, para tentar fazer esse rastreamento, vamos dizer, para tentar saber se, de fato, eles estavam sendo seguidos ou não. Fora disso vai ser difícil a partir desses dados, vamos dizer assim, do inquérito, não é, que foi promovido lá em Caruaru, essas informações. Mas são...essa informação que eu estou te dando agora, eu falei com você, mas eu não tinha isso ainda. A gente recebeu a partir de um dossiê da família Benevides com esses dados. E eu considero da maior relevância, porque isso aqui pode dar um norte, vamos dizer assim, pra gente caminhar na investigação. Eu acho que tem muita coisa a ser investigada. Sem dúvida alguma. Queria passar a a palavra aos colegas. Desculpem.

00:45:59 – MANOEL MORAES– A minha pergunta era só ... você falou do CCC, você poderia declinar ou você saberia dizer algum nome de algum integrante do CCC daquele época? Estudante ou alguma evidência de quem seriam as pessoas?

00:46:15 – EDNALDO BEZERRA– Não, não. Absolutamente não.

00:46:19 – MANOEL MORAES – Obrigado.

00:46:20 – EDNALDO BEZERRA – Deixa eu só...eu creio que já explanei aqui alguns dos detalhes. E eu queria pedir à Comissão, muito embora que ela já vem fazendo isso, que a família realmente está muito esperançosa, dos trabalhos que estão sendo feitos pela Comissão, particularmente aqui do Recife, porque é onde estão as pessoas envolvidas. Então a Nacional realmente já é uma coisa meio longe e a nossa aqui, nós convivemos com o pessoal, conhecemos o pessoal, a história de todos os membros, sabemos que a Comissão está fazendo o máximo que pode ser feito. Mas queremos, se possível, ver as circunstâncias em que a Comissão consiga identificar, ver as circunstâncias da prisão dele, das pessoas envolvidas, na prisão do Ezequias e da minha cunhada Guilhermina, das pessoas que foram, que a gente sabe o nome de alguns, mas como é que foi, como é que esse pessoal levou eles para a cadeia, para onde levou a Guilhermina, e ver a questão do atestado, e tentar localizar os restos mortais, que é difícil, mas como no Cemitério de Perus se conseguiu, pode ser que aqui no Recife, a gente tenha alguma chance, alguma forma de conseguir localizar os corpos. Isso era o que eu queria colocar para encerrar o nosso depoimento. Obrigado.

00:48:04 – NADJA BRAYNER – A gente agradece mais uma vez a sua grande contribuição. (aplausos).

00:48:13 – FERNANDO COELHO– Eu convido para prestar depoimento a senhora Rildete Aves Rodrigues.

00:49:29 – NADJA BRAYNER – Antes de a gente iniciar, eu queria muitíssimo, de público, agradecer a presença de Rildete Alves Rodrigues, irmã de Ranuzia. Acho que é uma...aliás, como todos que vêm aqui

depor, é um gesto importante, eu acho fundamental para o esclarecimento dos casos. A gente, quer dizer, nós que integramos a Comissão sabemos o que isso significa, a delicadeza do momento, o que isso representa para cada um; é reabrir feridas, falar sobre coisas extremamente dolorosas, e a gente reputa isso como de fato um ato de extrema generosidade, de todos aqueles que se dispõem a vir sempre repetir, contar essas histórias, que eu sei que já contaram em vários lugares, diversas vezes. Então eu queria de público dizer a ela que a Comissão agradece demais a presença dela aqui e que ela fique à vontade pra ela colocar as coisas que ela achar que deve colocar, com a maior tranquilidade. Nosso intuito é de esclarecimentos, não se sinta de maneira nenhuma pressionada, nem coagida, a responder aquilo que acha que, enfim, que não é de acordo. Era isso que eu queria colocar, e pedir, Rildete, que você fizesse a qualificação, nome, endereço, profissão, por favor..

00:51:12 – MANOEL MORAES– E reforçando que doutora Nadja disse, como relatora, nós temos a Clínica de Depoimento, caso você deseje, durante ou depois, temos uma psicóloga acompanhando o seu depoimento e você pode ter com doutora Tadsia um acompanhamento, se desejar.

00:51:27 – RILDETE RODRIGUES – Obrigada. É...meu nome é Rildete Alves Rodrigues, como é do conhecimento aqui, eu sou...fui irmã de Ranuzia Alves Rodrigues, e quero aqui traçar, diferentemente de todos, um perfil da minha irmã. Porque eu não fui presa, não posso aqui falar da vida política da minha irmã, porque apesar de sermos quatro membros ligados ao PCBR, à época, nós não conhecíamos detalhes de atividades dos diferentes irmãos. No caso Ranuzia, eu gostaria de traçar o perfil de como uma pessoa de postura humanista passou, entrou no movimento revolucionário. Ranuzia era a número cinco de uma família de nove filhos. E ela, desde muito jovem, sempre demonstrou uma grande sensibilidade para problemas de ordem social. Lembro-me perfeitamente da sua simpatia pela revolução cubana, quando as notícias chegaram longinquamente em Garanhuns, cidade onde nós nascemos, e sua esperança de que o Brasil também, ou seja que a revolução cubana pudesse servir de modelo para solucionar problemas brasileiros. Como estudante no Colégio 15 de Novembro, Ranuzia, depois de ouvir uma palestra sobre a questão profissional, ela faz opção para fazer enfermagem, até porque ela acreditava que uma profissão de enfermagem, como enfermeira, seria uma missão que ela poderia cumprir aqui na terra. Este sonho de Ranuzia em parte foi realizado quando ela entra na Escola de Enfermagem e ela rapidamente se integra no movimento estudantil; passa a ser, foi indicada, apontada como presidente do diretório dessa escola, e posteriormente, Ranuzia participa do 30º Congresso de Ibiúna. Infelizmente, ela como delegada do Congresso de Ibiúna, foi presa, como é do conhecimento de todos, e foi caçada, foi integrada no decreto 477/67, creio eu...ou 68. Pelo visto esse sentimento de Ranuzia não foi compreendido pelo delegado do DOPS na época, que eu não tenho o seu nome especificamente, e pela diretora da Escola, que, em ofício que está anexado aí, ela manda, a pedido desse DOPS, um documento contando, relatando, informações pessoais da aluna Ranuzia. Essa senhora, diretora da Escola, se chamava à época, Cecília Maria Domenica Sanioto de Lácio. Eu tenho aqui no seu processo um documento dessa senhora sendo enviado ao DOPS, dando, prestando informações sobre Ranuzia. Acredito eu que, no dia 14/11/69, ela recebe a informação de que foi expulsa da Escola e que ela estaria incluída no decreto 477. Como é do conhecimento de todos, o decreto 477 do Ato Institucional Número 5. Eu me pergunto como irmã de Ranuzia, que acusações formais foram dirigidas contra ela? A segunda pergunta, porque tamanho ato de violência ao expulsar uma estudante idealista da Escola de Enfermagem? Ao exercerem...na minha concepção, ao exercerem tal ato absurdo e brutal, coibiram Ranuzia de se realizar como uma pessoa, como uma idealista. O que restou a ela? Então, nessa época da cassação, eu quero ressaltar aqui que foi o Ministro Jarbas Passarinho, que através do Comando do 4º Exército, esteve responsável por essas cassações. É...nesse contexto de Ranuzia, ou seja, que ela, fora da universidade, tentou trabalhar no IMIP como estudante, como assistente de enfermagem, num contexto bastante complexo. Porque todo mundo sabe, é do conhecimento de todos que o movimento estudantil foi considerado uma ameaça à doutrina nacional.

Nós sabemos também que, nessa época, existia um CCC atuante sob a proteção da ditadura. E que esse mesmo CCC, é do nosso conhecimento, atentou contra a vida de Cândido Pinto Melo, atentou contra a vida de Dom Helder Câmara, e também assassinou o Padre Henrique, jogando seu corpo na Cidade Universitária, no Campus Universitário. Sabemos também que nessa época, nesse contexto diabólico, como se pode dizer, fascista, de tendência fascista, havia...existia uma lista de pessoas, que Dom Helder tomou conhecimento, de que seriam as possíveis vítimas desse CCC. Em Recife, nós sabemos que a repressão foi praticamente violenta e, como já é do conhecimento de todos, o caso Odijas. Bom. Eu quero aqui ressaltar que membros do CCC, que tomei conhecimento, alguns deles eu posso citar aqui: Augusto Krause, eu não...não, é, desculpe, Gustavo Krause. Era na época indicado, falado como um dos membros do CCC e foi ministro do governo de Fernando Henrique. E outro que também é citado, Etoze Labanca, que hoje é prefeito de uma das cidades daqui, de São Lourenço da Mata. E sabemos que existia uma lista grande de militantes. Uma...uma...fugindo um pouco aqui ao tema, quer dizer, dentro do tema, mas fora do tema Ranuzia, eu quero dizer que, na época, com Cândido Pinto Melo, fomos...saímos um grupo de amigos, fomos à Olinda. E já naquela época a impressão que me deu é que nós fomos seguidos e um grupo de jovens, atirando para cima, nos ameaçou. Evidentemente que nós não tínhamos a...tanta informação na época, para fazer acusações. Mas a impressão que me dá hoje é que já era o CCC em atividade. Ou seja, que estava muito presente no estado de Pernambuco. Quanto à militância de Ranuzia, no movimento, eu acredito que ...me pergunto que atividade Ranuzia...ou seja, estava quase cerceada de exercer a sua atividade como uma cidadã, nas condições normais, de funcionamento. Impedida de terminar seu curso, impedida de trabalhar porque tinha de ter folha corrida da Polícia, etecetera. Com todas essas dificuldades, Ranuzia faz uma opção pessoal, que é a de militância no PCBR, no movimento de resistência à ditadura. Por ironia do destino, ou da vida, eu não sei como explicar isso, morre Regina Lobo Leite de Figueiredo, que foi minha colega no movimento de educação de base. E Regina, ela morreu na chacina de Quintino, no Rio de Janeiro, e aparecem como mortos Ranuzia Alves Rodrigues e uma outra pessoa que se chama James Allen Luz. Nesse período eu sei que um elemento da minha família se deslocou para o Rio, na perspectiva de fazer a identificação do cadáver, e não lhe foi permitido. Então posteriormente se soube que Ranuzia não morreu e sim Regina. Agora em documentos do serviço de informação do DOPS, datado de 17/08/72, se encontra a informação verdadeira, ou seja, a verdadeira identidade dos mortos. Que são eles Antonio Marcos Pinto de Oliveira, Wilton Ferreira, Maria Regina Lobo Leite de Figueiredo e Lígia Maria Salgado Nóbrega. Nessa época, o DOPS de Pernambuco solicita...foram solicitados ao DOPS de Pernambuco, informações chamadas de dactiloscópicas de Ranuzia. E então, nessa época, na informação numero 520, da 2ª Seção do 4º Exército, se encontra um comunicado em que...um comunicado oficial em que não foi Ranuzia que morreu, e sim Regina, em seu lugar. Agora...quando do...durante o ato de inauguração do Monumento aos Mortos e Desaparecidos no Cemitério Ricardo de Albuquerque, tomamos conhecimento de que Regina estaria usando os documentos de Ranuzia como identificação. Bom. A partir desse momento, Ranuzia passa a ser perseguida, seguida e eu e minha irmã Rosane, já exiladas no exterior, chegamos a comentar de que naquele pega, Ranuzia não sairia com vida. Esse era nosso sentimento. Nos documentos do dossiê de Ranuzia, consegui aqui identificar alguns membros, agentes da ditadura, que assinaram alguns documentos. Um deles se chama José Oliveira Silvestre, que na época era delegado da SP de Pernambuco. Um outro delegado...um outro delegado é Ordolito José Barros de Azevedo, que na época era diretor do DOPS de Pernambuco. Um outro delegado se chamava Redivaldo Oliveira Accioly, que também foi delegado de segurança social, SSP. Entre outros nomes, eu cito aqui: Helena Caula Reis, que era diretora do Instituto de Polícia Técnica Tavares Buril, Gabinete de Identificação, Alcides Maia, Chefe da Seção de Arquivo, etecetera, Mário de Souza Leão, diretor do Instituto de Identificação à época. Esses agentes, de alguma forma, se ouvidos, poderiam nos esclarecer, se ainda vivos, poderiam nos fornecer alguns dados mais detalhados sobre como funcionava a...o...esse sistema repressivo durante o fascismo brasileiro, ou seja, a ditadura brasileira. Agora, eu entraria aqui numa terceira

questão sobre o perfil de Ranuzia, que seria sua prisão, interrogatório e morte. Acredito que Romildo tem mais detalhes sobre esse assunto porque Romildo trabalha junto ao grupo Tortura Nunca Mais no Rio de Janeiro, onde houve um intenso trabalho de pesquisa nessa área. Apenas eu quero deixar claro que quando a ditadura, já se definindo, não podendo mais exercer o poder pela força, em ato de desespero, começou a destruir arquivos, queimar papéis, etcetera...lavando sangue nos porões, como se pode dizer. Hoje se pode encontrar alguns registros, abandonados em fazendas, ou mesmo em arquivos particulares. Agora, no caso Ranuzia, eu tive acesso a alguns documentos, tipo secretos ou reservados. Provavelmente deixados pelos DOPS, não sei, em hora de apuro, pelos DOPS estaduais, pelo CENIMAR, IV Exército, CISA, e existe mesmo um documento do I Exército que é...que eu não conheço os detalhes. Nesses papéis, se confiáveis, porque como eu digo, é o que restou... foi a palavra dos agentes, a palavra dos torturadores, dos assassinos, contra o silêncio dos mortos. É o que eu posso dizer sobre a minha irmã. Ela hoje não está aqui no meu lugar para dizer como ela foi torturada, como ela foi assassinada, mas em depoimentos de outros presos políticos, nós sabemos o quão cruel, o quanto...eu não sei explicar aqui...é...não me vem a palavra, quanta crueldade foi cometida nesse momento de assassinato e morte. Nós podemos citar aqui...nós podemos...a pergunta que eu me faço aqui, como é...seria...é muito difícil saber a verdade, e realmente aconteceu. Existem versões controversas, do CENIMAR, do IV Exército, onde em uma delas diz que Almir Custódio, companheiro do PCBR de Ranuzia e Ramires foi seguido e acompanhado, até o local das prisões. E que no relatório do IV Exército, fala-se especificamente que Ranuzia foi presa junto com companheiros e depois simularam uma morte numa praça em Jacarepaguá. Em outros lugares, eu já li outras praças. Registro de carros que não existiam. Então essa morte pra mim ainda é...como se diz...ela poderia ser revelada com mais profundidade se, quem sabe, alguns agentes pudessem ser investigados. Eu tenho aqui um nome de um agente, que na época se chamava Deuterônimo Rocha dos Santos. Ele era na época comandante-chefe de buscas especiais do DOPS da Guanabara. Eu relato esse nome à ...associo esse nome à Ranuzia porque existem documentos onde ele é citado. Também me chama atenção aqui, ...o nome dele é Deuterônimo Rocha dos Santos. É. Da Guanabara. Também existe documentação onde fala dos médicos legistas que assinaram os laudos médicos sem...corroborando com a versão oficial da ditadura. E eu estou tentando aqui encontrar o nome do...mas vocês podem receber depois esses dois nomes. Porque foram médicos que assinaram o laudo da perícia e, ao meu ver, com tantas contradições, tantas versões, qual a verdade? Eu me pergunto se esses médicos não apenas corroboraram com a versão da ditadura. Pra terminar, que não vou... falar muito aqui sobre o tema, porque como eu não militei com Ranuzia na época, pouco sei das suas atividades, quero dizer que deixo aqui um sentimento ou um desejo de que o nosso STF, um tribunal com tanto poder no Brasil, poderia fazer um esforço para anular essa lei de Anistia Geral e Irrestrita e, quem sabe, conseguir julgar os verdadeiros criminosos, os verdadeiros assassinos, os verdadeiros sanguinários, que muitos deles estão aí recebendo pensão, são avós, pais de família, como casos que já ouvimos falar. Bom. (aplausos) Encerrando aqui eu faço minhas as palavras da Ministra Maria do Rosário, onde ela cita que "Não há dois lados a serem investigados. Porque a dívida histórica que se tem é unilateral". Então, nessa perspectiva eu espero que essa Comissão contribua numa perspectiva de realmente...que se construa dados onde pelo menos esses assassinos sejam, como se diz, pelo menos julgados. E era isso que eu tinha que dizer. Não sei se existe mais alguma pergunta (aplausos).

01:11:51 – NADJA BRAYNER– Quería só fazer aqui uma observação em cima do que Rildete coloca dos diversos momentos, onde teve situações que Ranuzia foi dada como morta, foi outra pessoa, as contradições, e o que existe de relato sobre o fato. Da fato, nós temos aqui um documento do IV Exército exatamente, onde, nesse documento está claramente colocado que tanto Ranuzia, quanto Almir Custódio, teriam sido presos, presos e interrogados. Porque dá detalhes, inclusive, com relação a algumas, vamos dizer assim segundo o IV Exército, informações que teriam conseguido obter no

decorrer dessas prisões. E eles falam disso, nós também tivemos acesso, como Rildete falou, àquele documento do CISA, que é um documento da Aeronáutica. Nesse documento da Aeronáutica, ele coloca lá em vários momentos, determinadas informações que teriam ocorrido, "segundo declarações de Ranuzia", "segundo declarações de Almir", segundo declarações de... Eu acredito que, com esses documentos oficiais já deixa claro para todo que aquela versão que foi montada, foi criada, daquele tiroteio, aquele suposto tiroteio lá naquela praça, de fato não ocorreu. Eles mesmos, os próprios documentos deles, de contradizem com relação a isso. É interessante que tem um documento, inclusive, onde ele coloca isso, depois diz que eles foram mortos num tiroteio. Mas a gente está vendo como a coisa foi construída. Então, esses dados a Comissão tem, na posse dela. Nós obtivemos, Rildete, também algumas informações de Ranuzia, nesse documento que eu falei do Ramaiana. O Ramaiana faz várias observações que...tratando ela como Florinda, que era o nome que era usado, da criação de um...como é que chama? Um núcleo médico e ele dá muitas informações. Eu confesso que eu não sei se esse rapaz, se ele ainda é vivo, eu não sei...é vivo? Pronto.

01:15:01 – RILDETE RODRIGUES – Nadja, eu posso dar um aparte aqui?

01:15:02 – NADJA BRAYNER – Pode.

01:15:03 – RILDETE RODRIGUES– Em pesquisa junto com Tereza, pela internet, nós chegamos...nos interessamos também pela pessoa do Ramahiana, e a informação pela internet nos dá que ele está em Ilhéus, não é isso, Tereza? Que ele é militante, inclusive, de uma organização política.

01:15:23 – NADJA BRAYNER – Ele se encontra em Ilhéus? É muito importante...

01:15:24 – RILDETE RODRIGUES– É bom procurar saber do...

01:15:27 – NADJA BRAYNER – Sem dúvida, porque eu acho que é um depoimento...ele milita? Milita num partido político?

01:15:36 – RILDETE RODRIGUES – Milita num partido de esquerda, não é isso?

01:15:38 – NADJA BRAYNER– Então, sem dúvida alguma...esse...esse senhor que era um jornalista, trabalhava no Jornal do Brasil na época...isso...e o detalhe com relação a esse depoimento, que eu já me referi aqui quando Ednaldo estava aqui presente, é que ele fez um depoimento de quarenta...está aqui: quarenta e seis páginas, na Auditoria Militar. Onde ele faz ...eu não sei o que é que ele falta falar aqui, além de dizer claramente dos arrependimentos e tal, cita inclusive a própria participação da mãe dele, como fachada. É um documento assim detalhado e é nesse documento que eu estava chamando atenção que existe esse croqui, onde situa exatamente Benevides, situa o Prestes, o Paula Prestes... toda vez eu troco, desculpem...

01:16:44 – RILDETE RODRIGUES– O Prestes de Paula.

01:16:44 – NADJA BRAYNER – Prestes de Paula...situa o Tarso, que ele chama de Tarso que era o Getulio Cabral, que também foi assassinado em outra chacina, então... então é uma delação, que ele faz, claro! E esse senhor aqui precisa ser encontrado e será encontrado, para que ele volte a falar sobre tudo isso. Porquê? Ele foi preso dois dias antes do acidente de Miriam. Era ele que fazia a ponte, foi aquele trecho que eu li, que fazia a ponte com a família de Benevides, então eu acho que tem aí vários encaminhamentos a serem dados. É, Rildete...eu queria te perguntar mais uma coisa: se você conhece, ouviu falar sobre Gilberto Sidney Marques. Gilberto Telmo Sidney Marques. Ele tem um prontuário aqui, foram nossas pesquisadoras, historiadoras, Vera e Valéria, que dentro do arquivo conseguiram localizar esse documento. É um prontuário detalhado, onde ele, inclusive, faz referências tanto a Ranuzia, como

também faz a Rubão. Ele os cita em alguns momentos, e para vocês terem mais uma ideia, esse cidadão foi entregue, está aqui o recibo da entrega dele ao Perdigão Pereira. O Perdigão lá da casa de Petrópolis.

01:18:25 – RILDETE RODRIGUES – Você sabe a data desse...

01:18:27 – NADJA BRAYNER– Tenho aqui, passo para você tudo...ele foi entregue...aqui está dezoito de junho de setenta e três...

01:18:35 – RILDETE RODRIGUES – Setenta e três? Junho?

01:18:36 – NADJA BRAYNER– Exatamente...ele foi entregue ao Fred Perdigão, está aqui um documento, dizia que ele estava à disposição de Silvestre aqui, e ele foi entregue para o Capitão Fred. Para aqueles treinamentos e tal.

01:18:51 – RILDETE RODRIGUES – Foi um período um pouco antes da presumida morte, não é? Da morte do ...

01:18:57 – NADJA BRAYNER– Então esse aqui é um outro prontuário, extremamente...que tem muitas informações...

01:19:04 – RILDETE RODRIGUES – É...Nadja, tem também um documento do CENIMAR que fala sobre infiltrações no movimento, fala sobre uma imobiliária, é...

01:19:16 – NADJA BRAYNER – Do CENIMAR...

01:19:17 – RILDETE RODRIGUES– Fala sobre uma Maria Tereza, que seria também uma pessoa cooptada pela polícia como informante, e fala também de um Fernando, não é Tereza? Acho que é Fernando o nome dessa outra pessoa. Nesse documento...

01:19:31 – NADJA BRAYNER– Fernando “Sandália”?

01:31:33 – RILDETE RODRIGUES– Esse documento foi passado para uma lista de amigos de 68, por uma pessoa chamada Pomar...Palmar ou Pomar? Porque tem...certo! Então nessa lista há uma explicação bem detalhada de como funcionava a...polícia, ou seja, como a polícia estava infiltrada e que mecanismos se usava na...na perseguição de ativistas políticos na época.

01:20:04 – NADJA BRAYNER– Bom...eu teria só mais duas questões...

01:20:08 – RILDETE RODRIGUES – Você tem questões?

01:20:09 – NADJA BRAYNER– Pode ser?

01:20:11 – RILDETE RODRIGUES – Pode, se eu puder responder, estou aqui para isso...

01:20:13 – NADJA BRAYNER – Veja só: uma é se você conheceu ou conhece Antônio Soares de Lima.

01:20:23 – RILDETE RODRIGUES– De nome...você fez também uma pergunta anterior...

01:20:23 – NADJA BRAYNER– Lúcio, Help...

01:20:27 – RILDETE RODRIGUES – Ah, você também me fez uma pergunta anterior sobre uma pessoa que eu não respondi. Eu não a conheço, a primeira pessoa que você perguntou. Não me lembro mais o nome...

01:20:33 – NADJA BRAYNER– Ah, sim...que é esse daqui...

01:20:34 – RILDETE RODRIGUES– Agora quanto a Help, para nós é um motivo de muita discussão. Eu posso dizer que pra mim é muito perigoso afirmar que a pessoa é policial ou não. Imagine se a pessoa for inocente? Agora, no caso de Help, desde o nosso tempo de estudante na faculdade, no nosso tempo, Help era uma pessoa já indicada por algumas outras organizações como uma pessoa não confiável. Então, quer dizer, eu não tenho assim, conhecimento de fato sobre a pessoa Help, mas também no meu quadro de confiáveis ele não estaria incluído. Essa seria a minha resposta. Agora um detalhe: quando o governador Leonel Brizola fez umas construções e pôs nomes de pessoas que eram militantes revolucionários da época, eu fui convidada para ir à inauguração de uma praça com o nome de Ranuzia. E nessa época me estranhou muito que realmente Help ficou muito preocupado em se acercar de mim, e, praticamente, controlar minha atividade. Eu não posso aqui afirmar nada positivo, nem negativo, apenas lanço uma interrogação é a minha resposta.

01:22:03 – NADJA BRAYNER– Eu queira só acrescentar com relação a ele. É pelo seguinte, é porque no depoimento...no processo, no dossiê que envolve Ezequias, Miriam e Benevides, tem um documento, uma declaração dele, onde ele diz que fez uma investigação sobre o caso, a pedido da família, como procurador da família, e que teria chegado à conclusão que aquilo foi um simples acidente e tal. Acontece que tem uma carta das irmãs de Benevides que diz, faz uma observação com relação a ele. Falando “Lúcio”, inclusive dizendo “Lúcio”. Que Lúcio tinha ido buscar informações, mas que o que ele tinha trazido foi a versão oficial. A versão oficial, ou seja, que a policia tinha dado. Que não estavam satisfeitas com aquele resultado. Eu também conheci Help, até do movimento estudantil e ele esteve, em 74, 75, mais ou menos no Rio / São Paulo. Inclusive circulando próximo a Cândido também naquele âmbito onde tinha mais os nordestinos, ele sempre circulava, era aquela pessoa que também queria saber de tudo, estar por dentro de tudo, estava bem...e sempre foi uma pessoa realmente que eu ouvi de várias pessoas, não é apenas de você agora, eu vi já várias pessoas falando que era uma pessoa que não merecia...não é? Aquela coisa, você não tem o que...

01:23:42 – RILDETE RODRIGUES– Um ser humano suspeito!

01:23:43 – NADJA BRAYNER – ...que você não tem confiança. Era essa coisa que eu queria colocar. E por ultimo, pelo que eu sei, de um trabalho que você fez aqui, eu não sei se você vai poder falar sobre isso. Você conheceu alguns camponeses aqui no Nordeste. E você conviveu, inclusive, mais proximamente com alguns deles. E um deles me parece que foi o Manoel Aleixo, Ventania, que chamavam Ventania, que era do PCR. Ai que...o que você sabe sobre ele, o que você poderia dizer, seria muito importante, faz parte de uma outra relatoria da qual Socorro Ferraz está à frente. Era interessante para a gente.

01:24:34 – RILDETE RODRIGUES – Nesse momento eu fazia parte, dentro do PCBR, do movimento camponês. E nós fazíamos temporariamente reuniões no campo, na zona da mata, até a noite. E frequentemente entravam...participavam de nossas reuniões camponeses que não necessariamente estavam ligados ao BR. Até porque eles não tinham aquela mesma compreensão acadêmica que nós tínhamos na Universidade. E, em alguns momentos, Ventania participou das nossas reuniões. O que eu posso dizer é que era uma pessoa extraordinária, de grande conhecimento, e era também uma figura que os camponeses tinham ele como uma pessoa mística. Era Ventania, o próprio nome já dizia, era uma pessoa que aparecia e desaparecia. Era quase como uma pessoa mágica. Ele nas reuniões falava que havia frequentado a ilha, que eu imagino, naquela época, ter sido Cuba. Perdemos o contato com Ventania numa noite de Natal. Eu estava no carro, marquei uma reunião com ele, eu acho que nossa militância na época sequer...a gente já tinha...já tinha perdido aquele conceito tradicional de festa de Natal, Ano Novo, etcetera. E Ventania não apareceu e foi a última vez que eu vi Ventania. Agora,

encontrei recentemente...em que época foi isso? Socorro, eu sai do Brasil em setenta. Em setenta. Possivelmente foi em entre sessenta e nove, começo de setenta. Mas eu não posso te assegurar. (Socorro fala fora do microfone)

01:26:25 – SOCORRO FERRAZ– Assegura que foi no ano de 69?

01:26:27 – RILDETE RODRIGUES – Pode ter sido no ano de 69. Entendeu? No Natal de 69 pode ter sido a última vez que eu o vi, mas quanto às datas eu não posso aqui afirmar. Olhe se eu saí do Brasil em 70, pode ter sido nos anos 69. Agora o contato meu com Ventania foi assim suprapartidário. Não era um contato de organização, mas ele participava de nossas reuniões de discussão no campo. Na zona canavieira naquela época. É o que eu tenho a dizer, que era uma pessoa de grande admiração por todos. E que lamentei muito a sua morte.

01:27:14 – SOCORRO FERRAZ– O que outros camponeses...

01:27:19 – GILBERTO MARQUES– Doutora Nadja, só para não perder o fio da meada, eu queria justamente em cima dessa questão. Foi feita uma pergunta em que você perguntava à nossa colaboradora, de testemunho importante, se ela conhecia determinada pessoa, e deu o nome, Antônio Soares e tal. Depois, as perguntas ficaram girando em torno dele, dele e Help. E depois Ventania. Então eu queria pedir, como isso é um documento que está sendo produzido e filme, e som, que ficasse sempre traduzindo ele, dele, Help é fulano de tal. Ventania é fulano de tal. Porque vai facilitar para se fazer a transcrição do documento e a identificação do personagem a que a gente quer se referir. É importante, claro, explicar porquê do Ventania, mas como era pelo menos o nome completo dessa pessoa.

01:28:27 – RILDETE RODRIGUES – Bom. Ao meu entender, o foco aqui é Ranuzia, e Ventania foi uma pergunta à parte sobre a minha pessoa e a minha participação dentro do partido. Eu o conhecia como Ventania e, posteriormente, tomei conhecimento que se chamava Pedro Aleixo...Manoel Aleixo. Esse...eu realmente o conhecia como Ventania. Quanto à Help, eu tampouco sabia o seu nome. Porque no nosso movimento, nas nossas atividades universitárias, ele era conhecido como Help, mas Lúcio...

01:29:04 – NADJA BRAYNER – O nome dele é Antônio Soares de Lima Filho, se passava sempre por Lúcio, em alguns lugares, e o movimento estudantil chamava ele de Help. Até pelo jeito dele...

01:29:16 – GILBERTO MARQUES– A importância do nome completo é de tal forma...você citou Gilberto. Gilberto, Sidney...por favor, como é o nome dele todo?

01:29:25 – NADJA BRAYNER– Gilberto...não! Isso foi outra...eu perguntei...é...

01:29:39 – GILBERTO MARQUES – Sim, mas você...eu quero dar só o exemplo. O nome do Gilberto completo. É Gilberto...

01:29:44 – NADJA BRAYNER – Gilberto Telmo Sidney Marques...

01:29:47 – GILBERTO MARQUES– Gilberto Telmo Sidney Marques. O meu nome é Gilberto Marques de Melo Lima (risos), quer dizer, se não disser o nome completo, fica complicado. Entra Gilberto Marques sendo investigado e Gilberto Marques fazendo perguntas...então é importante esclarecer os nomes completos das pessoas para que a gente saiba quem está procurando.

01:30:09 – NADJA BRAYNER – Sem dúvida! Eu entendi a sua preocupação...Agora eu entendi!! Perfeito! Esse cidadão, esse Marques, que naturalmente não é você, esse é que foi entregue ao Fred Perdigão e que foi...delatou várias coisas...e

01:30:21 – GILBERTO MARQUES– Fiz isso somente como...uma colocação didática para mostrar a importância de esclarecer de quem nós estamos falando...

01:30:27 – NADJA BRAYNER– Pois não, doutor! Agradeço a ...

01:30:31 – RILDETE RODRIGUES – Nadja...fugindo um pouco aqui ao tema, porque como eu insisto o foco é Ranuzia e os agentes da ditadura, eu quero apenas fazer...aderir aqui a...uma informação de que Maia, o marido de Anatólia...Luiz Alves, não é? Ele trabalhou no movimento camponês quando da minha saída. E ele, conversando recentemente, me disse que fez várias reuniões com Ventania. Então, pode ser que ele tenha também algumas informações a prestar sobre o tema. Agora a minha foi bem superficial, entendeu?

01:31:13 – NADJA BRAYNER– Ok. Alguém...

01:31:17 – ROBERTO FRANCA – Eu queria...

01:31:21 – SOCORRO FERRAZ– Eu perguntaria a Rildete, ela já disse que o foco é Ranuzia, mas como Nadja fez uma...um questionamento sobre o movimento do campo, e nós temos muitas dificuldades em resolvermos questões do campo, e...eu perguntaria se você podia citar outros nomes de camponeses na época que você esteve com eles na...assim, enquanto partido, enquanto organização...

01:31:54 – RILDETE RODRIGUES– Socorro, eu poderia, de repente, com Maia, tentar retomar assim alguns nomes, inclusive nós estivemos conversando recentemente sobre o Índio, por exemplo, que era uma pessoa da Mata Sul. Existiam alguns camponeses que tinham uma característica específica que nos traz à memória hoje. Agora, na sua maioria, é um tema muito distante, porque eu saí do Brasil e praticamente perdi o contato com a atividade.

01:32:25 – SOCORRO FERRAZ– Então eu pediria a você, se você puder fazer esse esforço, você faria e poderia nos enviar ou outra vez vir conversar com a Comissão e já trazer alguns dados sobre isso, está bem?

01:32:35 – RILDETE RODRIGUES – Está certo. Existem alguns militantes do BR, do PCBR, que poderiam...no momento ter me ajudado, mas...posso ver isso.

01:32:44 – SOCORRO FERRAZ– Obrigada.

01:32:45 – RILDETE RODRIGUES– De nada.

01:31:46 – ROBERTO FRANCA – Rildete, não é nenhuma pergunta, eu quero só ressaltar a importância do seu depoimento e sei como foi duro, mas também quero dizer que você foi muito firme, você foi muito decisiva nas informações. E eu ia fazer só uma observação. É claro que nós estamos aqui, temos um foco, hoje, mas que não é exclusivo. Portanto, se você quiser fazer algumas considerações sobre qualquer informação que vier a respeito dessa questão...porque às vezes você está tão focada na questão, que foi o foco que nós pedimos, que tem algumas outras informações sobre outros casos que foram mencionados e não tem nada a ver com esse, mas que é importante para nós. De forma que você fique à vontade para tratar de qualquer observação, sugestão, nomes que você até já se referiu, porque

para nós uma coisa sempre está ligada à outra, e temos várias relatorias também que estão investigando outros casos.

01:33:48 – RILDETE RODRIGUES – Quanto aos nomes, existem aqui os legistas do Rio de Janeiro, do estado da Guanabara, que eu agora...eu anotei, mas não encontro nos meus papéis. Que me chamou atenção porque eles escreveram um laudo...conciliando com a versão da época, feita pela ditadura, e ao mesmo tempo essa mesma ditadura se preocupou em ocultar cadáveres. Ou seja, que deve haver alguma informação...deveria haver alguma informação física nos corpos em que, talvez Romildo que vai falar agora sobre o tema, possa contribuir melhor, entendeu? Agora, quanto a outras questões dos movimentos da época, poderia até conversar, já conversei informalmente com Nadja, em algum momento eu poderia talvez conversar informalmente com vocês. Mas que no momento eu não gostaria de ...certo? Quer dizer, não é que eu não gostaria de...é muito amplo o tema.

01:34:54 – HENRIQUE MARIANO– Eu gostaria de agradecer e parabenizar. Agradecer primeiro pela sua disposição, de vir aqui na sessão pública. E parabenizar porque fiquei impressionado com a forma clara, objetiva e corajosa do seu depoimento. Foi muito importante para a Comissão. Evidentemente todos são importantes, mas o seu depoimento foi feito de uma forma muito clara, muito objetiva. Então eu quero lhe parabenizar, acho que você ainda tem uma grande contribuição a dar a esta Comissão, que não ficará restrita à sua participação nessa sessão, precisaremos sempre contar com a colaboração de pessoas com essa clareza de informação que você tem, e aproveitar a oportunidade, que você também falou, sobre a questão da Lei da Anistia. A Comissão de Pernambuco, e acho que esse é o entendimento majoritário de várias entidades representativas da sociedade civil, e de pessoas que sejam verdadeiramente ligadas aos movimentos sociais, de que nós não compactuamos com o entendimento do Supremo Tribunal Federal na medida que o Supremo interpretou que a Lei da Anistia deveria ser aplicada também aos torturadores. A Ordem dos Advogados do Brasil, o Conselho Federal, ela avocou, na verdade, a responsabilidade deste debate no âmbito do Supremo Tribunal Federal, após a publicação dessa decisão, que ao nosso ver é politicamente e juridicamente absolutamente equivocada. A OAB, nós movemos um recurso, chamado Embargo de Declaração, fundamentado em vários tratados internacionais do qual o Estado Brasileiro é parte signatária, e que dentre os argumentos que estão lá arrolados é de que um crime de tortura é um crime de lesa humanidade. Portanto é imprescritível e não estaria, por consequente, atingido pelos objetivos da Lei da Anistia, que é de 79. Então nós estamos nessa luta ainda, no âmbito do Supremo Tribunal Federal. A OAB está capitaneando essa movimentação. Temos feito um trabalho de convencimento interno junto ao Supremo Tribunal Federal, os Ministros, mas infelizmente, até agora não houve uma posição definitiva do Supremo Tribunal Federal, no que diz respeito à essa questão dos efeitos da Lei da Anistia. Mas quero lhe dizer que nós estamos muito atentos e objetivamente trabalhando para reverter essa equivocada decisão da Corte Brasileira. (aplausos)

01:38:11 – FERNANDO COELHO– Eu convido o senhor Romildo Maranhão do Vale para prestar depoimento.

01:39:30 – NADJA BRAYNER – Bom. Eu queria também agradecer a Romildo, que com Sônia, vieram do Rio, interrompendo os seus afazeres para mais uma vez falar, eu não sei quantas vezes ele já falou sobre isso, eles já falaram. Mais uma vez ele ter que lembrar todos esses fatos. Então eu iria pedir a Romildo que ele fizesse uma pequena qualificação inicial, e depois, como os demais depoentes, ele tem um tempo para falar, que aí eu pediria que ele o fizesse sobre o caso de Ezequias e sobre o caso de Ramires.

01:40:13 – ROMILDO MARANHÃO – Boa tarde a todos. Romildo Maranhão do Vale, pernambucano de Recife, sou engenheiro, engenheiro de minas, formado pela turma de setenta e três, da Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente sou funcionário público federal, no Rio de Janeiro, trabalho no Departamento Nacional da Produção Mineral, do Ministério de Minas e Energia. Trabalho ainda, estou em rota batida de aposentadoria, e sou...estou radicado no Rio de Janeiro desde 1974, portanto, eu, hoje, tenho mais tempo de Rio de Janeiro, do que de Recife, isso não quer dizer que eu não me considere mais pernambucano, muito pelo contrário, estou sempre por aqui, não é? Sou figurinha fácil. Estou a quarenta anos no Rio e a Sônia pede que eu reafirme a minha condição de casado com ela, porque algumas pessoas entenderam que ela seria minha ex-mulher...não! eu aguento ela a quarenta anos, quase!

01:41:33 – NADJA BRAYNER– Foi...houve alguma dúvida...(risos)

01:41:42 – ROMILDO MARANHÃO – É...nos aguentamos mutuamente a quarenta anos...a quarenta anos quase, e concluo a qualificação. Eu encerro a qualificação louvando a iniciativa da Comissão da Verdade local e que bom que esse exemplo está se estendendo...acho que abriram uma em Santa Catarina, uma na Paraíba...

01:42:11 – NADJA BRAYNER– A Paraíba está aqui ...presente!

01:42:12 – ROMILDO MARANHÃO– Alguns corporativos já estão abrindo, a OAB, Universidades e isso é bom. Que a gente mais de quarenta anos depois dos fatos, a gente tente resgatar e reescrever no seu modo correto a história brasileira. Eu vou me dar a li...ponto dois agora, não é? Eu vou me dar a liberdade de usar aqui os releases que a Lília me mandou. A pauta é extensa, feliz ou infelizmente eu me coloco em praticamente todos os itens, vou tentar ser sintético, porém...é...tentar não esquecer nada. E eu acho que a gente tem de começar pelo evento Benevides-Miriam Verbena. Eu quero deixar claro que a minha militância, durante o meu tempo de Universidade, foi exclusivamente no movimento estudantil. Quando as coisas aconteceram, na quarta-feira, oito de março de 72, eu estava já prestes a concluir o curso de engenharia, o movimento estudantil tinha sido completamente calado. Não havia entidades. Então o que me restou a partir do A15, do 477, que felizmente não alcançou a Escola de Engenharia, eu tive esse benefício da sorte. Eu era listado como um dos...na lista dos atingíveis, eu simplesmente tive que me tornar bom aluno. Por falta de outra coisa que fazer. Então isso, 69, 70 a 71, eu não tive militância nenhuma. Apesar de por conta da minha militância passada, conhecia as pessoas, ser irmão de Ramires, que era procurado pelos órgãos de repressão com a proposta clara de ser morto, isso era dito claramente nas inúmeras vezes que meu pai foi preso. Algumas delas, eu indo junto, quando eles iam buscar Ramires e não o encontrando, levavam meu pai, e pelo menos uma das vezes, eu estava junto e fiquei três dias sempre no esquema da Rua da Aurora- Rua da União. Nesse intervalo onde funcionava a Secretaria de Segurança e, nos fundos, o DOPS. Isso é 69, 70, 71. No dia oito de março, de 72, eu já fazia o quarto ano de Engenharia, não tinha militância nenhuma, eu fui procurado à noite, na minha casa, por um grupo de pessoas que eu conhecia, eu posso dizer os nomes que eu me lembro: Carmen Chaves, as outras...quem dirigia o carro, eu tenho impressão que era o marido (falha na gravação) e a notícia era a do acidente de Miriam e que estavam me procurando porque eu teria condição de chegar a Pedro Eugênio Cabral, atual deputado federal e presidente regional do PT, salvo engano, do estado. Pedro era uma figura que eu conhecia muito, não só por causa da nossa convivência, da Escola de Engenharia, ele vivia um pouco atrás, mas do próprio movimento estudantil, até 68, 69, onde Pedro estava chegando e eu estava saindo do movimento estudantil, e eu posso dizer que Pedro ficou como um herdeiro da luta estudantil do diretório acadêmico da Escola. E eu identificava Pedro como um homem de organização. Então eu fui procurado para que Pedro fosse comunicado do evento. Foi basicamente isso. Eu sabia onde Pedro morava. Pedro morava, na época, naquela rua...perto

do Jôquei Clube, Rua Carlos Gomes, quase chegando no Jôquei. E Pedro disse...é...aí eu fui na casa de Pedro, Pedro não estava. Pedi que ele me procurasse, fiquei em casa aguardando. Lá para as onze horas da noite, Pedro chega, toma conhecimento da notícia, e pede que...é bom que eu diga que eu sabia da situação de Miriam e do marido dela. Eu posso até detalhar um pouco isso. E Pedro me pede que eu o acompanhe à casa de Dosa (irmã de Miriam). Onde a família estava reunida. Eu tinha uma amizade muito próxima com Miriam. A gente se considerava quase irmãos. De frequentarmos as casas, eu a dela, ela a minha. De ser amiga da família. E Pedro pediu, que ele não conhecia os familiares de Miriam, e Pedro me pediu que eu o acompanhasse. Eu vou dar um breque aqui e puxar um pouco, para trás. Eu conheci Benevides por três rápidas ocasiões. Um ano antes, eu na Escola de Engenharia, o Benevides, eu não sabia o nome dele, chega na Escola e um bedel, no intervalo de aula, me procura e diz que “aquela pessoa está lhe procurando”. Eu olhei, não o conheci, me aproximei. Ele me perguntou quem eu era, eu digo “eu sou Romildo!”, ele pergunta “você é irmão do Ramires?”, eu digo “sim, sou irmão do Ramires!”. Ele diz “eu tenho aqui um recado do seu irmão”. Ramires já estava na clandestinidade desde final de 69. Já tinha saído de casa. Eu sabia da militância dele. E eu abro o envelope, tem um recado muito rápido de Ramires, e que pedia que eu apresentasse o portador ao “homem”, as palavras eram essas, ao “homem do partido na Escola”. Não precisava dizer mais. Eu sabia do que se tratava, o partido, e eu sabia de qual era a Escola. Eu fiz o contato. Pedro estava em aula. Fiz o contato, chamei Pedro, apontei e sai fora do lance. Essa foi a primeira vez que eu encontrei o Luiz Alberto.

01:49:23 – NADJA BRAYNER– O senhor lembra a data? O ano?

01:49:24 – ROMILDO MARANHÃO– Isso eu vou localizar em meados de 71. Setenta e um, com certeza. Eu estava fazendo o quarto ano do curso de minas na Engenharia. Setenta e um. Meses depois, ainda durante 71, eu encontro Miriam, numa noite no Pátio de São Pedro e acompanhada ...acompanhada por essa pessoa; eu, particularmente, achei uma coisa um pouco fora de propósito, tendo em vista o que era o Pátio de São Pedro na época, era um centro de grande movimento e de muita gente indo, e de uma pessoa que eu não sabia que tinha uma...uma implicação política grande, importante, num lugar público como aquele. Mas isso foi um pensamento íntimo meu. Logo depois, Miriam, que era uma espécie de confidente minha, era recíproco, me comunica que vai casar. Eu disse “como assim? Eu nem sei que você tem namorado? Já vai casar assim?”, ela disse “Não...e você sabe quem é o noivo e tal...é aquela figura que eu...”, eu disse “é ele, Miriam?? Mas o negócio é meio complicado...aquilo ali”, “não, mas está tudo certo e tal!”. Foi a segunda. A terceira vez que eu vi o Luiz foi no casamento. Ela não fez festa. Nem poderia, convenhamos. Mas no dia do casamento, ela chamou pouquíssimas pessoas para tomar uma cerveja lá na casa de Dosa. Rua Guilherme Pinto, 66... nas Graças. Hoje é um prédio.

01:51:18 – NADJA BRAYNER– É. Maurício de Nassau, não é? Não tem um...

01:51:19 – ROMILDO MARANHÃO – Não, é um condomínio. Guilherme Pinto, 66. É no finalzinho da rua. E pouquíssimas pessoas apareceram. Eu acho que eu...acho que Margot, acho que estava lá, que era muito amiga também. Eu me lembro que eu tomei uma caipirinha, mas foi uma coisa muito rápida. E não foi na casa da Dosa, foi numa casa de umas parentas que moravam quase defronte, e não vi mais o Benevides. A Sônia destacou aqui que, nesse mesmo ano, num grande e histórico réveillon, que eu patrocinei na minha casa, claro que na ausência dos meus pais, que estavam em viagem à Fortaleza. Fizemos um grande réveillon, onde Miriam esteve e não levou o Luiz. E eu perguntei e ela falou que não tinha...não era seguro. Não era adequado. Bem. Levo Pedro à casa de Dosa, onde eu encontro um ambiente de total consternação. Aluizio estava em Caruaru. Ele tinha ido – deve ser em cima disso que ele deu esse depoimento. E eu apresento Pedro Eugênio à Dosa. E eles foram conversar, eu fiquei de fora, e antes de sairmos, o Pedro me fala assim “Romildo, nós temos que ir na casa de Miriam”, “Por quê, Pedro?”, “Porque na casa de Miriam, que eu não sei onde é, Dosa não sabe onde é, ninguém sabe

onde é, está morando uma pessoa muito importante”. Eu disse “Mas como é? se ninguém sabe?”, e ele “não, mas tem um detalhe: a quinze dias atrás, um mês atrás, um pintor, conhecido da irmã de Dosa, fez um trabalho na casa deles, um trabalho de pintura – acho que eles tinham se mudado pra lá fazia pouco tempo -, e essa pessoa está sendo contatada e vai nos orientar para chegar lá”. E eu digo “Ótimo! Pelo menos vocês vão resolver isso”. Ele disse “Não, mas eu quero que você vá com a gente!”, digo “Mas por quê eu tenho que ir? Eu já vim aqui, já ...a minha missão de apoio eu considero cumprida!”, ele disse “Não, a Miriam...a Dosa está muito desconfiada, não me conhece, me conheceu agora, e seria importante que você fosse, porque você daria...você facilitaria...você seria um elemento que daria tranquilidade”. Eu disse “Tá bom, Pedro, você está achando que é importante que eu vá, a gente está na chuva é para se molhar, vamos em frente!”. Para resumir, no dia seguinte, no carro de Pedro, eu acho, um fusca, nos apertamos ele, Dosa, eu, a irmã e o pintor. Nos dirigimos para um bairro popular em Olinda. Eu não sei hoje o que é que se...eu não chegaria lá hoje, mas era um grande conjunto habitacional, Vila Popular talvez. Não era Rio Doce, era antes. Era um grande conjunto, tipo desses de BNH. Ouro Preto...

01:54:55 – NADJA BRAYNER – Jardim Brasil.

01:54:56 – ROMILDO MARANHÃO– Jardim Brasil!! E o pintor nos apontou a casa, nós tocamos a campainha. Eu estou falando aí, quando eu estou falando “nós” é todo o grupo. Mas o pintor conhecia a casa, e ele passou por uma área externa que tinha, pelo lado de fora do prédio, entrou pela varanda, e abriu a porta, por dentro. Nenhum de nós teria a capacidade de fazer isso, mas o pintor fez, não é? Era um profissional, de responsabilidade. E a primeira coisa que nós encontramos quando entramos na casa, um Diário de Pernambuco, aberto, onde já tinha a notícia do, entre aspas, ou bote aspas, “acidente”. Com o nome da Miriam e o nome – isso pode ser checado nos jornais da época -, o nome frio do companheiro dela. O nome dele Luiz Alberto de Sá e Benevides não aparece nesse jornal, eu acho que Diário de Pernambuco, eu tenho isso nos meus arquivos, com outro nome. E noticia a morte dos dois. Porque a Miriam morreu no acidente, e ele, à noite, quando eu estive na casa da Miriam, a notícia da morte dela já estava dada. Mas que Auizio tinha ido e que ele estaria...teria sobrevivido e se encontrava em condições críticas. Acho que ele veio a morrer nessa mesma noite. E ao lado desse jornal, um bilhete. Da pessoa que nós teríamos...que fomos lá avisar. Dando os pêsames aos familiares da Miriam. Isso é dia nove. Voltamos. Pedro pediu que a gente tivesse um certo cuidado, não dormisse em casa durante umas duas ou três noites. Fiquei tendo contato com Pedro Eugênio, marcados. As aulas não tinham começado ainda. As aulas nesse ano começaram tarde, como Sônia destacou aqui, ela disse que o Carnaval foi tarde, e alguma coisa por aí. E em oito de março as aulas não tinham começado. E eu fiquei guardando uma segurança mínima, mas com a minha vida normal, até que no jornal do dia 10, salvo engano, sai a notícia do sequestro de Dosa, na Rua Guilherme Pinto, 66. Só isso, como uma notícia policial, sem nenhum tipo de vinculação com nada. A dona de casa, Adosinda de tal e tal...foi sequestrada na noite e tal e tal, caso não esclarecido tal, tal, tal. Isso despertou, acendeu a luz vermelha. E o Pedro me deu...comentamos essa notícia. E a partir daí eu deixei de me encontrar com o Pedro.eu...isso dia 8, 9, 10! Pulando alguns detalhes que eu acho que...para abreviar e deixar espaço para as perguntas. Eu vim a ser preso dia vinte e oito de março. Ao que eu saiba, entre...eu estou sabendo agora que o Ezequias foi preso pelo depoimento do Reginaldo, Naldo, não é? Ednaldo! Que o Ezequias foi preso dia dez, onze... ao que eu saiba, entre a prisão do Ezequias e da Guilhermina e a minha prisão, não houve nenhuma prisão. Então dia dez para o dia vinte e oito, vamos botar aí vinte dias. Eu ressalto isso a título de colaboração, com a interpretação da Comissão de todas essas informações que tenham aflorado e que eu acho que tem que ser assim mesmo. Eu acho que tem que ouvir o Ramahiana, tem que procurar todos os caminhos que esclareçam esses espaços. É bom que eu diga – eu ia passando por cima –que nessa mesma noite...

01:59:43 – NADJA BRAYNER– Me permite só...pra eu não...quando...você falou que foi lá na casa, e que tinha esse bilhete lá de uma pessoa dando os pêsames. Existia objetos dessa pessoa? Essa pessoa, claro, não estava lá, não é? Mas existia ainda objetos ou essa pessoa já tinha se mandado?

01:59:59 – ROMILDO MARANHÃO – Não. Demos uma vistoria no apartamento, na procura de documentos, alguma coisa de armas, e só encontramos pertences do casal, nada que relacionasse com a figura que estaria hospedada lá. Acho que nós tiramos...a Dosa tirou um toca-discos, livros, eu acho que eu trouxe alguma coisa. E...eu não...não, isso não vem ao caso. E nós saímos...vou voltar para o dia oito. Depois que nós saímos da casa de Dosa, nós fomos...teríamos que avisar Ezequias. Pedro não sabia onde Ezequias morava. Eu não sabia. Eu conhecia Ezequias do movimento estudantil, Escola de Geologia, que era uma área muito a fim da engenharia de minas, e tínhamos alguma...a única alternativa que encontramos, que Pedro encontrou, foi convocar Paulo Jaime Alheiros, aí...Paulo Jaime tinha sido colega de Ezequias na Escola de Geologia, tinha acabado de se formar com Margarete Alheiros. E nós fomos na casa de Paulo, que eu não me lembro onde é que era. E Paulo nos conduziu ao apartamento de Ezequias.que também não me pergunte onde era, que a essa altura, quarenta e...mais de quarenta anos. E eu me lembro que Pedro ficou no carro e...acho que eu fiquei no carro, e...Paulo Jaime subiu e desceu com Ezequias e Guilhermina. Se bem me lembro. E nós demos a notícia a Ezequias do fato. E Ezequias se manifestou surpreso, que estava estranhando a demora, porque ele teria emprestado o carro para ser devolvido na tarde daquele mesmo dia, estava preocupado. Entendia naquele momento a causa da demora. Nos falou que estava viajando na segunda-feira seguinte para fazer um curso de Mestrado em Geofísica na Universidade Federal da Bahia. Guilhermina também estava acompanhando...Guilhermina...eles tinham se desfeito os vínculos de trabalho profissionais e estavam indo para estudar em Salvador. E, posteriormente eu soube que ...foi confirmado aqui, que no mesmo momento que eu e Pedro estávamos indo no apartamento de Miriam e Benevides, eles estavam...Ezequias estava indo a Caruaru. Isso é coisa que eu soube depois...e foi confirmado agora por Inaldo. Bem, é tudo o que eu sei sobre os dias oito, nove e dez. acho importantíssimo dois depoimentos nessa Comissão. Deputado Pedro Eugênio, que foi preso no mesmo processo que eu. Ficamos cerca de oito meses entre o DOI-CODI e o DOPS. Porque nós tivemos preventiva decretada. Nós ficamos na faixa...eu fiquei 24, outros ficaram...Pedro deve ter ficado mais ou menos isso, e o restante do tempo aguardando o julgamento preso. E ele tem, com certeza, informações bem mais detalhadas sobre Benevides, porque o trabalho político de Luiz Alberto Benevides em Pernambuco foi estritamente vinculado à figura de Pedro Eugênio, como representante do PCBR no movimento estudantil. E a figura de Paulo Jaime como o antigo militante do movimento estudantil, foi presidente do diretório da Geologia. Amigo muito chegado a Ezequias, e com quem Ezequias manteve contato dessa noite, contatos diários, com hora marcada, os pontos, dia nove e dia dez. E o Paulo Jaime tinha um encontro marcado para acompanhar os acontecimentos. E no último encontro, o Paulo Jaime pode confirmar, o Ezequias não apareceu. E o Paulo Jaime, que com certeza, viria a essa Comissão, tranquilamente. E o Paulo Jaime já inferiu que ele teria sido preso. Eu dou um pulo para o dia 28, quando eu fui preso. Eu era uma figura muito conhecida da repressão, por conta de ter sido do diretório de Engenharia, ter participado dos famosos trotes dos inícios de anos letivos. De ser irmão de Ramires. De frequentemente ser preso e ficar dois, três dias lá jogado no canto, e depois me soltavam. E no momento da minha prisão, num primeiro momento, eu fui, eu diria...eu não diria interrogado, eu fui entrevistado pelo Coronel Confúcio Danton de Paula Avelino, na época Coronel, hoje reformado como general-de-brigada. Vivo. Porque é muito bom você ficar jogando “é, porque foi o Perdigão, porque foi o Miranda, é porque foi não-sei-quem!”, quer dizer, os mortos ficam recebendo toda a carga de responsabilidades, mas ao que me consta, o Google mostra o General Confúcio como vivo, morando...e dá endereço e tudo. Toneleros, cento e tal, apartamento tal...eu vi ontem. O que é que não é a tecnologia, né? Você consegue localizar tudo. Ele não é figura muito...que apareça muitos nas coisas hoje, do pessoal, das

viúvas, não. Da ditadura, ele não participa de nenhuma, que eu saiba, dessas coisas do Clube Militar...é uma figura muito discreta. Mas eu fui entrevistado na sala dele, pelo Coronel. Tem até um detalhe que o ordenança dele, a pedido dele, nos serviu café, água. Um papo amigável. Aparentemente. Ele disse "Olha, o negócio é o seguinte, você vai ter que dar algumas informações adicionais. Nós vamos encaminhar você para o pessoal do DOPS, porque você já conhece o pessoal lá e tal..." o ordenança nos serviu um café. Dias depois, esse mesmo ordenança em trajes civis, inadvertidamente, circulou nas celas dos corredores do DOI-CODI. Em trajes civis. E quando me viu, tomou um susto. Quer dizer, ele jamais poderia ter aparecido. Depois de eu tê-lo visto na sala do Comandante do DOI-CODI. Eu acho que o Coronel Confúcio era Comandante da 7ª Região Militar na época. E depois ele era...ele chefiava o DOI-CODI. Posteriormente, ele foi chefe do Centro de Informações do Exército, uma folha rica de trabalhos prestados à repressão. Esteve no Araguaia. E o livro do Élio Gaspari, no volume A Ditadura Derrotada, tem uma foto dele recebendo a espada de Generalato do Ministro do Exército, Dale Coutinho. E eu identifiquei na hora. É...realmente, essa é a...o hoje general-de-brigada na reserva. E a Sônia também identificou o Confúcio como a pessoa que circulou, à noite, em trajes esportivos, de bermuda, fazendo o jogo de conciliação com algumas presas. Acho que foram poucas, não sei. É, elas não eram grupos grandes que visitavam. Incontinente, eu fui conduzido pelos soldados e eu fui recolhido por uma turma do DOI-CODI, encabeçada por Miranda e Peixinho, em frente à antiga entrada do Hospital Militar, Rua Gervásio Pires. Hoje a entrada da Policlínica do Exército é toda pela Visconde de...pela Rua do Príncipe. Na época, o Hospital Militar, a entrada principal era pela Gervásio. Fui encapuzado, jogado no banco de trás, no chão de uma Veraneio, algemado. Mais uns três elementos me subjugaram com os pés. E rodamos cerca de meia hora. Vinte minutos talvez. Para ser levado para três quarteirões na frente. Aliás...não! Estou fazendo confusão...para ser levado para o mesmo quarteirão. Que nós acreditamos, na época, onde nós ficamos por vinte dias. Eu fiquei 24. Alguns ficaram menos. Sônia ficou um pouco menos. Porque ao que me conste, nós homens não tivemos o privilégio dos quartéis de recuperação, não. Nós fomos direto do DOI-CODI para o DOPS. Eu identifiquei o local na primeira noite. Por causa do carrilhão da Faculdade de Direito, onde a gente frequentava muito o restaurante universitário. E um carrilhão em Recife, eu acho que era o único. Acho que nem funciona mais, não é, Franca? Eu acho que ele estava desativado a três anos atrás. (alguém grita ao fundo "foi amarrado, só foi desamarrado depois da eleição de Tancredo!) ah, é? Então eles identificaram como uma evidência forte, não é? Bem. Falo de Ezequias. Recomendei a oitiva de Pedro Eugênio e de Paulo Jaime. É...DOI-CODI. Antes que você me pergunte. Eu vou adiantar na resposta: Miranda, Peixinho, esse não faziam a menor questão que nós vissemos as caras. Esses circulavam perante a minha cela, eu de...os outros quando iam falar comigo na minha cela, pediam para que botasse o capuz. Esses não. Nem Miranda, nem Peixinho. Os carcereiros, evidentemente, Waldeck, Teles e Leite, esse trio aparece posteriormente nas prisões do PCR, nas prisões da ..esse trio, eles tinham uma estabilidade funcional provavelmente, e estavam sempre lá, durante muito tempo. E também destaco a figura do Paulista. Paulista também não fazia a menor questão de se mostrar. Paulista, identificado posteriormente, como o Cabo Anselmo.

02:12:52 – ROBERTO FRANCA – Romildo, Peixinho...sabe mais alguma coisa? Porque o Peixinho para mim pessoalmente é um desconhecido. Peixinho...

02:13:00 – ROMILDO MARANHÃO - Peixinho era unha e carne com Miranda. Não tem um nome. Nas relações de torturadores, ele só aparece com esse nome: Peixinho. Todas elas a que eu tive acesso, desde o tempo da Anistia. Eu não identifico. Ele participou de invasão à minha casa com o Miranda. Ele sempre andava com o Miranda. E eu vou reforçar aqui a questão que a Sônia colocou sobre o caráter de torturador do Anselmo. Que me parece que foi surpresa aqui para a Comissão que Anselmo seria apenas o cachorro, o informante, apenas um infiltrado prestando serviço. Eu testemunho, e o Pedro pode corroborar isso, em determinado momento no meio da minha prisão, eu fui evado da minha cela, encapuzado, algemado, para a sala de tortura para fazer uma acareação com Pedro Eugênio e Maria do

Socorro Diógenes. Quando tiraram o meu capuz, estava Miranda, estava o Paulista, o Paulista com um porrete na mão, Pedro Eugênio...os dois despidos. Pedro Eugênio completamente destroçado. Ele batendo em Pedro com esse pedaço de madeira. E Maria do Socorro... é...sentada no chão, junto do tanque de afogamento, amarrada com os fios elétricos. Para eu confirmar alguma informação ou aconselhá-los a falar, a dar todas as informações. Eu sou testemunha e o Pedro deve se lembrar disso.

02:14:46 – ROBERTO FRANCA – Romildo, por favor, não...só com relação a Cabo Anselmo. Você falou em Paulista, Paulista por causa da dicção. Da pronuncia do acento...

02:14:53 – ROMILDO MARANHÃO – Foi uma forma que nós tivemos, entre nós, de identificar a figura

02:14:58 – ROBERTO FRANCA – Não, só uma questão. Eu estava falando ali com Calistrato, ele disse que o Cabo Anselmo é de Aracajú. Ele não é de São Paulo. É sergipano.

02:15:08 – ROMILDO MARANHÃO – Sergipano, mas viveu a vida toda em Rio-São Paulo...

02:15:11 – ROBERTO FRANCA – No Rio...

02:15:13 – MANOEL MORAES – No Rio, ele morou com Aquino, não é? Em São Paulo. Aquino. Edgar Aquino. É. Edgar Aquino é em São Paulo.

02:15:17 – ROBERTO FRANCA – A questão que tem surpreendido, eu queria só que voltasse um pouco...essa questão, é que um ano depois, quando ele, envolvido já, um ano depois, ele é responsável direto pela morte de sua mulher, da mulher dele...

02:15:35 – MANOEL MORAES – VPR!!

02:15:36 – ROBERTO FRANCA – VPR... é que...

02:15:38 – MANOEL MORAES – Soledad...

02:15:39 – ROBERTO FRANCA – Se ele apareceu perante pessoas que sobreviveram porque não foram mortas, e o risco, porque ele ainda era desconhecido, um ano depois. Essa coisa tem, vamos dizer, criado uma certa perplexidade, se de fato, é a mesma pessoa. Se caso a Sônia e você confirmam se de fato era o Anselmo naquela ocasião.

02:16:00 – ROMILDO MARANHÃO – Eu confirmo e tenho coisas a acrescentar que a Sônia não presenciou. Durante o tempo que nós...pois não?

02:16:07 – GILBERTO MARQUES – Nós estamos repetindo essa mesma problemática. Que elemento de convicção o senhor tinha para afirmar que o Paulista era o Cabo Anselmo?

02:16:18 – ROMILDO MARANHÃO – Apesar da suposta operação plástica que ele teria feito, ele é reconhecível hoje.

02:16:27 GILBERTO MARQUES – Ainda hoje?

02:16:28 – ROMILDO MARANHÃO – Ainda hoje. Apesar de envelhecido. Tá muito ruim, e está...hoje, hoje, hoje...

02:16:37 – MANOEL MORAES – Ele é testemunha...é...

(vozes falam ao mesmo tempo, ininteligível)... um elemento novo.

02:16:45 – MANOEL MORAES– Na verdade, você é testemunha ocular de uma tortura praticada por Cabo Anselmo, não é isso? É isso que você está afirmando. E você o viu bater em Pedro Eugênio com um porrete.

02:16:47 – ROMILDO MARANHÃO– Sim. Em tortura conjunta com Maria do Socorro Diógenes.

02:16:56 – MANOEL MORAES – E o que ele perguntava a Pedro Eugênio? O que é que ele queria saber? Era sobre a VPR...

02:17:03 – ROMILDO MARANHÃO – Não, no nosso caso era só sobre o PCBR. Exclusivamente o PCBR. Nomes, pontos, aparelhos, ligações, fatos, tudo coisa desse tipo.

02:17:13 – MANOEL MORAES– Quando você saiu...você ficou nove meses.

02:17:17 – ROMILDO MARANHÃO– Fiquei 24 dias no DOI-CODI e totalizei oito meses e quinze dias...

02:17:24 – MANOEL MORAES– Porque o massacre da granja acontece em 73...

02:17:24 – ROMILDO MARANHÃO– Imediatamente após. Esse fato é importante que eu cite. Nós ficamos no "buque", que não existe mais. A nossa prisão envolveu, pelos nossos cálculos de época, durante o processo de prisão, cerca de cinquenta pessoas, no total. Das quais dezoito foram processadas. Cinco mulheres e treze homens. Esses treze homens ficaram no "buque", que foi, não sei porquê motivos, nós não fomos para a Casa de Detenção. Isso quem tem que explicar são eles. E nesse momento, eles fizeram uma reforma no "buque", uma limpeza no "buque", porque o "buque" historicamente era um depósito de presos comuns, bêbados, prostitutas quer dizer, coisas desse tipo, né?

02:18:29 – NADJA BRAYNER – Eles pegavam na madrugada...

02:18:30 – ROMILDO MARANHÃO– É. O "buque" foi prisão política durante o ano de 1972. Nós ficamos no "buque" de março a dezembro. Não era tão pequeno, não. Era uma construção antiga. Tinha duas alas, divididas em dois compartimentos com um corredor com um vão interno, divididos por grades, que nos momentos de mais liberalidade ficavam abertas. Em momentos de mais tensão, eles fechavam em quatro grandes celas. E à noite, nós nos recolhíamos a cada uma dessas quatro celas, cada cela com uma privada turca, num canto, e dormíamos fechados. Durante o dia, às vezes, nós circulávamos, às vezes não. E por meados do ano, um companheiro nosso, que eu perdi de vista, e ele se chamava Carlos Marx, e, por conta desse nome, no DOI-CODI, embora ele tivesse uma implicação muito pequena em tudo aquilo, ele sofreu um bocado. Porque consideraram que ele era uma figura extremamente importante.

02:18:48 – ROBERTO FRANCA – Eu tinha um colega meu de turma...eu não sei se era esse, que era Karl Marx, cujo irmão me parece que era Lenin.

02:18:54 – ROMILDO MARANHÃO – Esse é mais grave! (risos) Não, o Carlos era um profissional de...era um mecânico de reparo de ar condicionado, era um cara habilidoso, uma grande figura. E o Carlos Marx...e nós do "buque" nós tínhamos a visão do pequeno corredor estreito, corredor externo, que ligava a Secretaria ao DPS. Você deve se lembrar disso. Era externo o corredor. E o Carlos disse uma vez...meio de manhã, por volta de dez e meia, onze horas, ele disse "Pessoal, pessoal...olha quem está ali! Olha quem está ali!". Em fila indiana, porque o corredor não permitia andar em grupo, você via delegado Sérgio Paranhos Fleury, na frente, se dirigindo para o DOPS, Paulista e uma figura que eu sou levado a identificar como um parceiro até hoje, de Anselmo, que seria, no caso, o Metralha.

02:21:05 – MANOEL MORAES – Metralha...

02:21:05 – ROMILDO MARANHÃO – É o cara que dá proteção ou não tenho certeza. Eu não tive oportunidade de...

02:21:10 – MANOEL MORAES– Um delegado em São Paulo...

02:21:11 – ROMILDO MARANHÃO – Isso. E é um cara que dá proteção a Anselmo, até hoje.

02:21:14 – MANOEL MORAES – Isso. Exatamente.

02:21:16 – ROMILDO MARANHÃO– E nós ficamos apavorados, lá embaixo. Entramos em pânico. O coletivo foi imediatamente convocado pra saber o que é que estava acontecendo. Almoçamos. O almoço nesse dia foi...ninguém conseguiu, né? Porque...Fleury? e por volta das duas horas da tarde, eu sou chamado na sala...

02:21:38 – NADJA BRAYNER– Eu só queria voltar um pouco. Quando você estava falando que entrou na cela, no local, e estava Maria do Socorro...

02:21 :46 – ROMILDO MARANHÃO– Na sala de tortura.

02:21:47 – NADJA BRAYNER– Sala de Tortura. Estava Maria do Socorro Diógenes e Pedro Eugênio. A Maria do Socorro, amarrada sendo torturada. E ela, nessa época...eu já fiz essa pergunta, queria...ela era a companheira de Ramires, não é?

02:22:03 – ROMILDO MARANHÃO– Sim, sim. Eu estou deixando Maria do Socorro..no finalzinho...

02:22:07 – NADJA BRAYNER– Só para a gente...depois, tenho outras informações.

02:22:07 – ROMILDO MARANHÃO– Sim, porque são coisas mais simples, eu tenho mais informações...é. eu me lembro que ela estava molhada, como se tivesse ou tinha vindo de afogamento ou tinham jogado água para potencializar os efeitos do choque que era uma técnica muito usada. Duas horas da tarde depois do almoço eu sou chamado e ao invés de ser conduzido para o DOPS, eles me levam para a parte da frente, onde quando eu entro na sala do secretário, salvo engano, era o Silvestre, está lá o secretário, está lá o Paulista, está lá o Metralha, que talvez não seja, a pessoa forte, de barba meio arruivada, cabelo curto, ao passo que Anselmo tinha a cabeleira cheia, barba, bigode, e se vestia como um hippie. Camiseta, jeans, sandália de couro e bolsa de couro. O outro fazia mais ou menos isso, mas era mais formal. E eles me chamaram simplesmente para conversar. Miranda e Peixinho. Era um grupo grande: Silvestre, Miranda, Peixinho, Anselmo, e essa figura. Fleury não estava. Fleury nós vimos ele passar e vimos ele voltar. Não vem ao caso o que nós conversamos, que eram coisas de menos importância. Teve um momento em que o Miranda perguntou “Romildo, você conhece Jacirema?”. Eu identifico isso pelo meio do ano, que parece que Jacirema foi presa. Meio do ano. Eu neguei que conhecia Jacirema, embora eu conhecesse ela, não tinha proximidade, mas conhecia. E ele até disse, brincou comigo e disse “Romildo, você sabe o que acontece com quem não confirma as perguntas aqui. Você pode voltar!”. Porque a ameaça que pairava o tempo todo e principalmente durante a formação do – abre aspas – “de vias do processo legal”- fecha aspas, perante o escrivão Holanda, e com o Acioly, teríamos que repetir tudo o que dissemos no DOI-CODI sobre o procedimento de tortura e sob pena de voltarmos. E é bom destacar que todo o interrogatório do DOPS, no devido processo legal, foi todo orientado com as minhas fichas de interrogatório que estão no meu dossiê no Arquivo Público Estadual. O que eu acho uma loucura.Como é que eles não tiveram o cuidado de tirar isso. E respondendo um pouco à sua pergunta,

numa oitava anterior, Manoel, turma A, turma B, turma C. Horários. De 14:30 às 17:00; de 03 horas da manhã às 04:30; isso, só não tenho os nomes. Ou tenho?

02:25:32 – NADJA BRAYNER – Não. Nome não.

02:25:33 – ROMILDO MARANHÃO – Acho que não tem nomes não...

02:25:34 – NADJA BRAYNER – Só turma; é só A, B e C...

02:25:40 – ROMILDO MARANHÃO – Eu devo ter dez a quinze fichas dessa, no meu prontuário aqui, não é... não são nos arquivos secretos da ditadura que a gente tanto procura, não. São nesses que estão aí. Então é isso. Então... para encerrar isso, no final, o Anselmo Paulista se levanta e diz o seguinte "Pessoal, fiquem conversando com Romildo aí", e eu fiquei mais uns minutos, "porque eu tenho um ponto importante agora, e vocês sabem que ele é muito importante!". Eu estou falando meados do ano de 72. Eu saí dessa reunião com a nítida impressão de que o Paulista estava infiltrado em alguma coisa. Pelo tipo de comportamento, pelo tipo de conversa, e pelo tipo de reação. Isso é uma coisa subjetiva. Eu não tenho documentos probatórios disso. Isso, cheguei em baixo, chamei Pedro. Pedro é uma espécie de liderança do coletivo. Era uma pessoa com mais responsabilidades, digamos assim. Fizemos uma reunião, passei essa informação para o Pedro Eugênio...

02:27:00 – NADJA BRAYNER – Você estava na mesma cela de Pedro?

02:27:02 – ROMILDO MARANHÃO – Estávamos... não. Eu dividia a cela com João Florêncio e Carlos Marx. Pedro é da cela, da outra ala, mas nós circulávamos. Nós estávamos todos no "buque". E nós concluímos que havia isso. Tentamos passar essa informação para os advogados, para os familiares, na primeira visita, no primeiro final de semana. Mas a conclusão que eu chego hoje é de que esse pessoal da VPR, se é que é isso que nós concluímos, eles estavam completamente... nós estávamos completamente desconectados daquele povo. A gente não tinha... nenhum de nossos advogados, tinha condição de ver isso. Outra notícia que eu tenho de Anselmo, posteriormente, o ano de 73, quando eu já estava solto, voltado a cursar Engenharia, fui sequestrado, rapidamente, no Campus da Cidade Universitária, fiquei preso uma semana. Pedro Eugênio ficou 24, 48 horas. Por conta do assalto ao Quartel da Aeronáutica, que, posteriormente, foi identificado como o sendo do PCR. Na época, eles achavam que Ramires, meu irmão, tinha tido alguma participação, e me prenderam como uma espécie de padrão de reconhecimento. Que eles me achavam parecido com Ramires, eu nunca me achei tanto, não. Mas o Miranda me achava. Zé Nivaldo... o problema é que eu conhecia... quando eu fui preso, no ato de assalto já estava circulando em Recife, e eu, com medo de ser torturado de novo, ia abrir que eu sabia do assalto. Mas não tocaram em mim.

02:28:53 – NADJA BRAYNER – Mas Zé Nivaldo não era do PCR.

02:28:54 – ROMILDO MARANHÃO – Não... era do...

02:28:56 – NADJA BRAYNER – PCBR...

02:28:57 – ROMILDO MARANHÃO – Zé Nivaldo? PCR...

02:28:58 – NADJA BRAYNER – PCR?

02:28:59 – ROMILDO MARANHÃO – É, é... então me levaram. Fiquei uma semana. Tive uma entrevista com um oficial do Exército à paisana. Cabelo cortado à militar, uma entrevista amistosa, cara aberta, ele também. Uma entrevista quase de Psi ... Uma madrugada dessas. Fui solto e fui procurar Mércia. E

Mércia disse “Romildo, vou lhe mostrar aqui uma foto, você vai dizer se conhece ou não. E depois vai esquecer o que eu lhe disse!”. Eu “tá bom!”. Me mostrou uma foto, eu disse “esse aqui é o Paulista!”. “Que Paulista?”. “Que torturou a gente! Ele esteve lá em casa. O que andava com Miranda e torturou violentamente muita gente. É o Paulista”. “Você tem certeza?”, eu disse “Tenho certeza!”. “Então você faz um negócio comigo, você nunca...você esquece para o seu bem e para a sua segurança, eu não te mostrei essa foto!”. Nunca perguntei para a Mércia porquê. Ela devia ter os motivos dela...

02:30:09 – MANOEL MORAES – Doutora Mércia Albuquerque.

02:30:10 – ROMILDO MARANHÃO– Mércia Albuquerque, minha advogada. E nos oitenta anos do meu pai, isso na década de noventa, a Mércia era amiga dele, compareceu no aniversário e eu lembrei esse fato, e ela confirmou que aquela foto que ela me mostrou tinha sido do Daniel, que é o infiltrado, Cabo Anselmo que tinha...é Daniel!

02:30:32 – MANOEL MORAES– Daniel, o Cabo Anselmo. É o codinome de Cabo Anselmo, Daniel.

02:30:33 – ROMILDO MARANHÃO– Que tinha sido o responsável pela chacina da VPR, da Granja São Bento.

02:30:40 – MANOEL MORAES – Você teria alguma informação acerca da ...você confirmaria...você não teve contato com o pessoal da Granja. Mas Mércia... chegou a comentar, nesse contato com Mércia, sobre a gravidez , sobre a situação do feto, sobre o encontro que ela teve com o corpo de Soledad?

02:30:58 – ROMILDO MARANHÃO– Não. Todas as informações que eu tenho disso, que tem doutora Mércia como fonte, são todas as que estão divulgadas. Ela nunca conversou comigo, até porque...

02:31:08 MANOEL MORAES– A não ser sobre essa questão da foto.

02:31:09 – ROMILDO MARANHÃO– Até porque esse deve ter sido o último encontro meu com a doutora Mércia, durante o ano de 73. Em 74, em janeiro, eu e a Sônia já fomos para o Rio de Janeiro. E nos radicamos no Rio. Eu vim ver Mércia depois da Anistia, muito tempo depois. Acho que fiz uma visita rápida a ela, na década de 90. Mas eu nunca fiz nenhum comentário. Eu acho que ela achava que eu já sabia demais sobre o PCBR e não era bom saber mais coisas.

02:31:40 – MANOEL MORAES - Muito obrigado, Romildo. Muito obrigado.

02:31:41 – ROBERTO FRANCA – Duas questões rápidas. Fizeram alguma acusação formal contra você? No caso, você não era filiado, não é? Não era membro, era um apoio, que demonstrou de várias maneiras úteis e importantes, mas eu digo, não era membro. No entanto, se atribui a quê, no , as suas ligações? E a segunda, esse contato com Mércia, você já estava solto oito meses depois, já era 73...

02:32:07 – ROMILDO MARANHÃO– 73, esse contato com Mércia foi por conta...quem fazia os contatos com Mércia era meu pai.

02:32:11 – ROBERTO FRANCA – Já tinha havido a morte de Soledad, quando você...

02:32:14 – ROMILDO MARANHÃO – Já, já, já...eu estou falando em 73.

02:32:23 – NADJA BRAYNER– Janeiro de 73.

02:32:24 – ROMILDO MARANHÃO– É! Não! Já tinha havido a granja, que é janeiro. Eu estou falando de março, abril de 73...

03:32:30 – ROBERTO FRANCA – Então, quando ela mostrou a foto de Cabo Anselmo, já tinha acontecido a morte...

02:32:34 – ROMILDO MARANHÃO– Já, já, já.

02:32:37 – MANOEL MORAES – Você me confirme, por favor, é...por favor, Romildo, confirmando a cronologia desse...isso para gente está sendo muito importante. Então, você é preso no início de 72, maio de 72?

02:32:47 – ROMILDO MARANHÃO– Vinte e oito de março!

02:32:49 – MANOEL MORAES– De março de 72, fica preso oito meses...

02:32:54 – ROMILDO MARANHÃO– Até 20 de abril no DOI-CODI, e a partir daí no DOPS.

02:32:58 – MANOEL MORAES – Isso. Ou seja, você fica até 73, não é isso?

02:33:03 – ROMILDO MARANHÃO– Dezembro de 73, salvo engano, dia 13. Doze de 73.

02:33:10 – MANOEL MORAES – 72!

02:33:12 – ROMILDO MARANHÃO– Dois, dois, tudo dois.

02:33:13 – MANOEL MORAES – Dezembro de 72. Doze de dezembro de 72.

02:33:17 – ROMILDO MARANHÃO– Recuperando: 28 de março de 72. Minha prisão, DOI-CODI. Vinte de abril de 72. DOPS, processo legal. Treze de dezembro de 72, absolvição pelo Conselho de Justiça da Auditoria Militar.

02:33:35 – MANOEL MORAES– E janeiro de 73, é a queda da granja.

02:33:38 – ROMILDO MARANHÃO– Janeiro de 73, eu e Sônia fora, no Rio, recolhidos às nossas recuperações, mas tive notícia da chacina da Granja São Bento, 73.

02:33:50 – MANOELMORAES – Exatamente. Muito..

02:33:51 – ROMILDO MARANHÃO– Março, abril de 73, eu sou sequestrado na Cidade Universitária, por conta daquilo...eu estava cursando o último ano da Engenharia. Eu sou sequestrado e preso, com Pedro Eugênio, posteriormente chegamos à conclusão de que se tratava alguma coisa ligada ao assalto no Quartel da Aeronáutica, que, posteriormente soubemos que foi o pessoal do PCR, Zé Nivaldo.

02:34:25 – MANOEL MORAES – Eu vou ter que sair. Aí eu só quero registrar que eu vou ter que sair por causa da atividade da AMATRA, que vai ser realizada hoje e a gente vai participar, eu sou o representante lá da Mesa. Queria muito agradecer Romildo pelo seu testemunho, para a gente foi extremamente importante. Continue conosco até o final. Muito obrigado.

02:34:39 – ROMILDO MARANHÃO- Continuo à disposição. Qualquer dúvida...

02:34:40 – NADJA BRAYNER – Eu vou tentar ser breve, mas eu tenho...o adiantado na hora...vocês me desculpem, mas eu teria algumas questões para esclarecer. Veja só, Romildo, é...esses documentos a que você se referiu...

02:35:08 – ROMILDO MARANHÃO – Que documentos?

02:35:09 – NADJA BRAYNER– Não...eu estou dizendo esses depoimentos a que você se referiu, lá no DOI-CODI, e posteriormente, estariam no prontuário. Veja só: a Comissão, a nossa posição aqui, como você bem sabe, em nenhum momento é de fazer julgamentos...a função da gente não é essa. A nossa função é exatamente levantar os dados para que a gente possa entender as circunstâncias, o que de fato ocorreu. Aí eu tenho uma pergunta para você, que é o seguinte: eu li seus vários depoimentos. Inclusive que você deu em diversos momentos. E, você me diz se eu estou enganada ou não, no primeiro momento, você disse que quando foi...logo que você chegou no quartel, você teria se apresentado, não é isso? Você não foi, você não teria sido preso em casa, porque Sônia foi presa em Arquitetura, Sônia Coutinho foi presa em casa, e Ivaldevan. No seu caso, você se apresentou, não é? E, eu suponho, claro, você se apresentou na suposição de que, na verdade, como você não tinha nada, você não era orgânico do partido...

02:36:35 – ROMILDO MARANHÃO – Eu já tinha uma certa experiência de DOPS, reiterada experiência.

02:36:39 – NADJA BRAYNER– Você talvez tenha pensado que você...enfim...numa conversa ia ficar tudo claro que você não estava, não tinha nenhum envolvimento, como de fato, você não tinha, tanto é que você disse que a primeira conversa que você teve com o comandante, com o Confúcio, foi a entrevista. Não foi um interrogatório. E que, posteriormente, após esse encontro, as coisas mudaram, e eles te jogaram dentro de uma caminhonete, e te levaram para DOI-CODI. E aí a conversa foi outra.

02:37:15 – ROMILDO MARANHÃO- Perfeitamente. Era exatamente isso.

02:37:17 – NADJA BRAYNER– Então, veja. Porque é que eu estou colocando isso: Como eu estou dizendo a você, do ponto de vista nosso, o objetivo é de tentar entender exatamente como a Polícia chegou às diversas pessoas. Pedro Eugênio me parece, Sônia Coutinho me falou...falou aqui, não é...que foi no dia 04 de abril que ele teria sido preso. Porque quando foram buscá-la, ele estava jogado no carro, não é? Em abril você tem razão quando você diz que do período de Ezequias...esse longo período, as prisões só foram realizadas posteriormente, e concentrou-se num determinado momento. É que aí, de fato, a gente começa a ver que foi naquele momento que os policiais, os agentes, eles começaram a tentar montar um pouco o esquema e você tinha contra duas questões. Primeiro: você tinha um irmão, Ramires, que já tinha sido procurado, e também você...Rômulo também já tinha sido preso, quando adolescente, junto com Fernando Santa Cruz, inclusive...ah, desculpe, foi Ramires!!

02:38:35 – ROMILDO – Não, Ramires é que foi com Fernando. Rômulo esteve antes.

02:38:38 – NADJA BRAYNER – Rômulo foi com três ou quatro pessoas mais, não é?

02:38:42 – ROMILDO MARANHÃO – É...Nelson Tadeu, Carmen Chaves...isso, isso.

02:38:46 – NADJA BRAYNER – Carmen Chaves...uma manifestação...

02:38:49 – ROMILDO MARANHÃO – Uma manifestação estudantil. E ficou nesse nível...movimento estudantil.

02:38:54 – NADJA BRAYNER– Eram aqueles processos, não é? Bom, aí eu te perguntaria o seguinte: a partir daí, você foi torturado também. Claro. Psicologicamente, sem discussão. Como os outros. Socorro Diógenes, provavelmente, eles queriam...

02:39:17 – ROMILDO MARANHÃO– Torturadíssima...Ramires.

02:39:19 – NADJA MARANHÃO– Procurando Ramires. Você também, que era ponto com Ramires. Inclusive, Ramires teria vindo aqui em determinada época...

02:39:26 – ROMILDO MARANHÃO– Eu estava deixando isso para o finalzinho, para o fechamento.

02:39:29 – NADJA BRAYNER– Tá...então, eu paro aqui...

02:39:30 – ROMILDO MARANHÃO– Tudo bem. Tudo bem.

02:39:32 – NADJA BRAYNER – Não...veja. Para a gente tentar entender...

02:39:37 – ROMILDO MARANHÃO– Deixa eu adiantar uma coisa. A partir do dia 28, quando me levam para uma cela do DOI-CODI, primeiro me pedem para eu fazer um depoimento de próprio punho. Está no dossiê. Está no meu prontuário, você deve ter tido acesso. Onde eu conto a minha história. História essa que é usada depois da primeira sessão de interrogatório, sob espancamento e choque elétrico. A partir daí eu posso dizer que o nome de Pedro saiu. A partir daí, ao final da primeira sessão. Só que Pedro já sabia que eu estava preso e não foi encontrado em casa. Não sei detalhes de como Pedro foi preso, dia quatro. Veja, eu fui preso dia...entrei no DOI-CODI dia 28, devo ter sido torturado com violência dia 30, dia 31. E Pedro foi preso dia 4. A partir disso é que eu identifico toda essa onda de prisões, a partir desse momento, aí eu não tenho condição de...eu acho que tem que ouvir Pedro, tem que ouvir Carlos Alexandre. Tem que ouvir...Sônia já foi ouvida. Sônia Coutinho já foi ouvida. Então, dezoito pessoas. Eu acho que o depoimento de Maria do Socorro Diógenes é um depoimento importante, ela está viva. Tem contato conosco. Mora em São Paulo, está sempre por aqui. Geralmente época de Carnaval, não teria o menor problema, não tem nenhum problema em ela comparecer.

02:41:22 – NADJA BRAYNER– Pois não. Mais uma informação. Uma outra coisa dentro do que você já falou, e eu queria voltar a essa questão do sargento Antônio Prestes de Paula. Porque veja...num primeiro momento aqui, Sônia Coutinho falou que Miriam teria pedido para ele ficar lá. Depois aí, eu questioneei um pouco isso, por que? O sargento estava na casa de Miriam.

02:41:57 – ROMILDO MARANHÃO– Na casa de Miriam até o dia nove de março.

02:42:02 – NADJA BRAYNER – Exatamente. O dia do acidente.

02:42:03 – ROMILDO MARANHÃO – O dia seguinte.

02:42:05 – NADJA BRAYNER– Que funcionava, na verdade, como um aparelho.

02:42:06 – ROMILDO MARANHÃO – É...um aparelho, é o que se denomina de aparelho. O apartamento do casal dedicado a uma atividade ...revolucionária.

02:42:17 – NADJA BRAYNER– Então, realmente essa coisa de...Pedro vai poder ajudar muito com relação a dizer qual foi a trajetória, porque se ele foi...provavelmente, Pedro, é...tinha contato com Ivaldevan e Sônia,e ele foi pra lá. Certo? Ficou até abril. E depois de lá, ele saiu. Fugiu.

02:42:42 – ROMILDO MARANHÃO – Fugiu. Conseguiu se evadir.

02:42:43 – NADJA BRAYNER– Conseguiu se evadir, e depois daí a gente não tem mais nenhuma referência, porque eu falei nos documentos que a gente tem...

02:42:50 – ROMILDO MARANHÃO– De quem? De Prestes de Paula?

02:42:51 – NADJA BRAYNER– Sim. Você sabe...

02:42:55 – ROMILDO MARANHÃO– Em 73, nessa entrevista que eu tive com esse oficial...que eu acho que é oficial das Forças Armadas, se vestia à paisana, mas estilo militar. Camisa Lacoste, cabelo cortado à la militar, camisa...e...fui levado na madrugada. Altas horas da noite. Ele mandou tirar minhas algemas, mandou tirar meu capuz. Mandou eu sentar num banco, ele numa escrivaninha. Conversamos coisa de uma hora ou mais. E Pedro Eugênio ficou na cela. Nós tínhamos conseguido trocar algumas palavras e eu não tinha sido torturado. E num determinado momento, essa criatura, de modo bastante civilizado, conversa, só eu e ele na sala. Ele disse, aí citando, o que tinha acontecido, como é que estava a minha vida, como é que eu pensava, o que é que eu queria fazer...Aí ele disse "Você sabia quem é que estava na casa do Arquiteto?". Eu disse "Não tenho a menor ideia!". "E parece pessoa de alguma importância", mas, realmente eu não sabia. Realmente, eu não sabia. "É. Era o Prestes de Paula". Eu, para mim, continua na mesma. Eu não tinha nenhuma informação de partido, de história de partido, não. "É, ele conseguiu escapar de nós naquela ocasião, mas nós estamos acompanhando ele. Ele hoje está no Chile". Isso era março, abril.

02:44:44 – NADJA BRAYNER – De setenta...

02:44:47 – ROMILDO MARANHÃO - Setenta e três!! "Ele está no Chile, mas ele vai voltar, e nós estamos acompanhando ele, e nós vamos pegá-lo quando ele voltar". Pronto e passamos para outro assunto. É a única informação que eu tenho do Prestes de Paula. E eu acredito que ao sair da casa de Miriam, no dia nove, ele deve ter conseguido recontactar Pedro Eugênio, que de alguma forma teve de arrumar um local para ele ficar e esse lugar seria a casa do Ivaldevan, do Arquiteto....

02:45:30 – NADJA BRAYNER– É, de lá ele ...

02:45:32 – ROMILDO MARANHÃO – De onde ele conseguiu se evadir, de maneira, eu diria, espetacular, no cerco do DOI-CODI por cima dos telhados de Olinda.

02:45:47 – NADJA BRAYNER– (perguntas inaudíveis) Não, hoje eu não tenho. Hoje...

02:45:51 – ROMILDO MARANHÃO – Faleceu de câncer, ligado ao Partido dos Trabalhadores, militando na área do Paraná. Morreu já faz uns dez anos. Mas ele circulou aqui em Recife, a Sônia até falou que ele veio. Procurou Pedro. Ele casou com uma...alguém daqui de Recife. Pelo que me consta. Não é isso? Então ele circulou por aqui, ...eu acho que um depoimento de Pedro Eugênio é fun-da-men-tal!! Sobre esse período e as prisões do PCBR de 72. É fundamental. Aí teve uma vez que eu vi Anselmo. Ainda em dezembro de 72. Eu já tinha saído da prisão, já tinha sido absolvido. Aliás, todo o nosso grupo foi absolvido e, inclusive, Ezequias. É, inclusive, Ezequias. À revelia, claro.

02:46:51 – NADJA BRAYNER – Chegaram a expedir uma prisão preventiva para ele... morto. Exatamente.

02:47:01 – ROMILDO MARANHÃO– É. Isso é uma coisa que não se entende, eles incluíram no processo gente que não tinha nada a ver com aquele caso. O Zé Moreira Lemos, quando nós chegamos no DOPS, o Zeca estava lá hospedado no DOPS já fazia meses, a gente sabia. Eu acho que eles não sabiam o que fazer com o Zeca. Aí botaram o Zeca no nosso processo. Acho que eles sabiam que íamos ser absolvidos, processo mal montado, baixíssimo nível de responsabilidade do grupo. Uma série de coisas desse tipo. O grupo todo tinha quatro ou cinco militantes, o resto era estudante...era...

02:47:46 – ROBERTO FRANCA – O Zeca no...

02:47:47 – ROMILDO MARANHÃO– Sim! no DOPS!

02:47:48 – ROBERTO FRANCA – Sim, o Zeca se apresentou também...o partido sabia, nós temos documentos do partido...

02:47:50 – ROMILDO MARANHÃO – Ordolito, tem a questão do Ordolito no meio...ele participou de luta armada...

02:47:58 – ROBERTO FRANCA - Aí depois parece que deram a meia volta e voltaram a prendê-lo, porque ele estava com a documentação...

02:48:04 – ROMILDO MARANHÃO– Eu acho que ele não sabia o que fazer com o Zeca. Colocaram o Zeca no nosso processo. Ele ficou preso conosco até dezembro, no mesmo grupo. Foi absolvido. Foi cuidar da vida dele. Não o vi mais. Esporadicamente, tal. Mas na semana que estava indo para Fortaleza, a família de Sônia exportou ela para Brasília e a minha família me exportou para o Ceará, nos primeiros...nas primeiras semanas após a prisão. Para deixar a poeira baixar e tal. Eu morava em San Martin ainda, no Cordeiro, e o ponto de San Martin era a Rua da Aurora. Ali perto da Rua da Imperatriz. Final da tarde eu fui entrar na fila e aquela confusão de gente.e quando eu bato de cara, eu quase que dou um encontrão no Paulista. Eu desmontei quando...

02:48:57 – NADJA BRAYNER– Quando isso?

02:48:59 – ROMILDO MARANHÃO– Final de dezembro. Em setenta e dois. Logo após. Na semana seguinte, digamos.

02:49:04 –ROBERTO FRANCA – Aqui no Recife?

02:49:05 – NADJA BRAYNER – É.

02:49:06 – ROMILDO MARANHÃO – Eu bato...eu me assustei muito, mas a impressão que me deu é que ele se assustou mais do que eu. Porque imediatamente, eu parei e dei meia volta e saí andando rapidamente. No sentido contrário. Dei dez passos e disse “Por quê que eu estou fugindo? Não tem porquê. Eu estou, digamos, limpo com a lei, não é? Eu fui absolvido. Acabei de ser absolvido”. E voltei atrás. E procurei. Não encontrei mais. Eu acho que, do mesmo jeito que eu fugi para um lado, ele correu para o outro. Eu ainda procurei e andei e tentei localizá-lo.

02:49:59 – ROBERTO FRANCA – Desculpe. Mas esse fato aconteceu antes das mortes na granja?

02:50:01 – ROMILDO MARANHÃO– Foi.

02:50:02 – NADJA BRAYNER – A granja foi em janeiro de 73.

02:50:05 – ROMILDO MARANHÃO– Na primeira semana de janeiro. Dez de janeiro.

02:50:07 – ROBERTO FRANCA – De setenta...

02:50:07 – NADJA BRAYNER – E três!

02:50:08 – ROMILDO MARANHÃO– E dois!

02:50:10 – NADJA BRAYNER– Da granja, setenta e três.

02:50:11 – ROBERTO FRANCA – Então, a granja, setenta e três. Janeiro.

02:50:13 – NADJA BRAYNER– E esse relato dele é de dezembro de setenta e dois...

02:50:16 – ROMILDO MARANHÃO– Dezembro...depois do dia o quê...depois do dia doze! Foi antes.

02:50:24 – ROBERTO FRANCA – A informação nunca chegou à ... Essa informação de que era o Cabo Anselmo que estava aqui...

02:50:33 – NADJA BRAYNER– Estava ele, como estava o Fleury, não é?

02:50:38 – ROMILDO MARANHÃO – Não, o Fleury ele vinha aqui...Daniel era radicado aqui. Ele ficava aqui.

02:50:44 – ROBERTO FRANCA – Mas a informação de que se tratava de uma pessoa infiltrada nas organizações...porque, se foi anterior às mortes da Granja de São Bento, se foi anterior, as pessoas continuaram sem saber das informações que, para vários presos, já tinha se caracterizado como sendo...

02:51:08 – ROMILDO MARANHÃO– Eu acho que pelo que eu li, posteriormente, essa suspeita sobre Anselmo foi anterior. E ele conseguiu dentro da organização virar essa situação. Só que depois da granja, isso ficou explicitado de uma maneira tão...que essa foi a última ação aberta do Cabo Anselmo. Foi essa. Depois disso ele é tirado de circulação. Completamente. Não tem mais nenhum relato de Cabo Anselmo depois disso.

02:51:39 – NADJA BRAYNER– Bom. Eu sei do adiantado da hora, vocês estão cansados. Você também, Romildo. Todos nós, mas eu ainda tenho...eu queria voltar para o caso de Ramires e Ranuzia.

02:51:49 – ROMILDO MARANHÃO– Vamos lá. Encerrando, dando o fecho.

02:52:00 - NADJA BRAYNER - Quero perguntar para você o seguinte: você conhece o documento do CISA, claro. O documento do IV Exército e a versão do Cláudio Guerra. Diante dessas três coisas, o que você acha que de fato aconteceu?

02:52:19 – ROMILDO MARANHÃO– O meu último encontro com Ramires foi perto do Carnaval de setenta e dois. Foram dois encontros. A organização permitiu que ele viesse para o Recife para encontrar com a família e ver a Maria do Socorro que estava engajada como operária na fábrica da Torre. Ela era formada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. E nesses dois encontros, o primeiro encontro com a família, que foi uma coisa mais emocional, familiar, aquela coisa, numa boate, Boate Cancela, em Boa Viagem...Piedade! Ele compareceu ... Piedade não, no Cabo, ficava na beira da BR. Então, numa noite, meu pai e minha mãe, Sônia, Socorro, Ramires, com João Gondim, como segurança dele. Nós nos encontramos, jantamos, média luz, aquela coisa mais, reservada e, dias após, na saída dele do Recife, nós marcamos um almoço na Churrascaria Cancela, do Cabo. Na beira do antigo traçado da BR. Hoje não passa mais, não é? E nesse segundo encontro, ele comprou uma passagem na Rodoviária e iria pegar o ônibus no Cabo. Até por uma questão de segurança. E nós chegamos lá, dez e meia, onze horas. Ele chegou logo depois, com a Socorro. Eu, Sônia, Socorro, e ele. Almoçamos e ficamos até a hora do ônibus passar. O ônibus, salvo engano, se a minha memória não falha, o ônibus sairia da Rodoviária três ou quatro horas da tarde. E, teve até um determinado momento que ele disse "o ônibus deve estar chegando". Conversamos muito. Ele manifestou sempre a determinação dele de não sair do país apesar de reconhecer a situação difícil, o cerco, aqui as organizações estavam sujeitas às mortes, às perdas, mas ele claramente declarou a firme disposição de ficar até quando fosse preciso. Assim, alguém tem que ficar. E antes que você pergunte, nós perguntamos pelo Help. (risos) Porque o Help esteve hospedado, digamos assim, na minha casa, em 69, quando ele veio da Paraíba, fugido lá do movimento estudantil, procurado, ficou na nossa casa, porque eu acho que era o pior lugar que ele tinha para se esconder, era a minha casa. Mas ele ficou pouco tempo, porque entrou em conflito com meu pai. Ele sempre foi uma figura muito polêmica. Eu diria, até, provocadora. De relacionamento difícil

e, quando ele saiu, Ramires saiu em solidariedade com ele. Eles chegaram no Rio em fevereiro de 71, pelo partido, os dois. Mas nós até conseguimos mapear o local onde ele ficou, a pessoa que o recebeu e tal... E em fevereiro de 72... ele chegou no Carnaval de 71, lá no Rio, quando ele esteve aqui, nós perguntamos “e o Help? Você saiu daqui com ele, como ele está?”, ele disse o seguinte, de alto e bom som, Sônia ainda pode testemunhar, Maria do Socorro também, “Ele está afastado da organização. Por desvio de comportamento”. Ninguém vai entrar em detalhe num momento desse e naquele contexto em que se vivia, que diabo de desvio era esse? “Porém, apesar de ele estar totalmente afastado da organização, ele continua a gozar da minha confiança pessoal”. Durante esse tempo todo, na abertura dos arquivos do DOPS, na nossa entrada, eu com o Grupo Tortura Nunca Mais, nos arquivos do IML, das passagens por dentro de necrotérios, recuperação de fotos de local da criminalística, eu tenho que reconhecer que o Lúcio se aproximou, tentou colaborar com os trabalhos. Uma coisa eu digo, independente de qualquer coisa, a vinculação pessoal dele com Ramires pra mim é uma coisa muito clara. E incontestável. Uma coisa pessoal dele. Não tenho muita coisa a dizer mais sobre o Lúcio, ele hoje é funcionário público federal concursado do INPI, no Rio de Janeiro, ele foi casado, após todos esses acontecimentos de 72, com a irmã de Luiz Benevides, no Rio de Janeiro. Tem filhos com a Ângela Benevides, salvo engano, três filhos, uma menina e dois meninos. Durante o tempo do Tortura Nunca Mais, pesquisas dos arquivos do DOPS, do IML, nós nos aproximamos de alguma forma, eu sempre na esperança de conseguir alguma informação sobre meu irmão. Ele nos passou alguns escritos. Poesias, onde eu identifico a letra do Ramires, mas muito pouca coisa além disso. Além de ele afirmar...eu nunca falei para Lúcio essa afirmação de Ramires. Nunca achei necessário contestar coisas que ele diz hoje, que se coloca hoje como comandante militar do PCBR, cargo que lhe teria sido atribuído por Getúlio. Que morreu em dezembro de 72. Ele se coloca em eventos públicos, inclusive já fui em um, em que ele falou em nome de Bruno. Em nome do PCBR, ainda existente. Olha é...não dá. É uma coisa, na minha opinião, no terreno do psi, eu sou engenheiro, entendo muito pouca coisa...(risos)

02:59:12 – NADJA BRAYNER– Você acha que ele aceitaria um convite da Comissão?

02:59:19 – ROMILDO MARANHÃO– Com certeza! Com certeza, ele aceitaria o convite. Porque ele esteve na Comissão da Assembleia Legislativa de Direitos Humanos, onde os casos de Jacarepaguá foram abordados. Agora, ele tem a visão dele. É importante que se diga que, por volta do dia onze de novembro de 72, meu pai recebeu um telefonema onde meu pai trabalhava, rápido o telefonema, há de convir que a telefonia naquela época era uma coisa complicada, e ele se apresenta como Help, que papai conhecia, dá a notícia da morte de Ramires, diz que Ramires teria que...diz que ele deveria ter morrido também, que ele deveria estar no mesmo local, leia-se a Praça Sentinela, e que, por muita sorte, ele faltou a esse ponto. Ele deveria também estar morto, mas que o telefonema dele era para dar a notícia da morte. Foi assim que nós soubemos, num primeiro momento, da morte de Ramires. Não tenho muita coisa a dizer sobre Lúcio porque eu nunca obtive muita informação sobre ele a não ser essa do Ramires, um ano antes.

03:00:49 – NADJA BRAYNER– Então, só concluindo, Romildo, me diz uma coisa: você, de tudo o que você, nesses anos todos, recolheu de informação sobre Ramires e Ranuzia, você acha que eles foram de fato presos, torturados, e que foi armado todo aquele cenário...

03:01:11 – ROMILDO MARANHÃO – É...é um bom fecho. Todos os documentos que nós conseguimos recuperar eu destaco que são documentos deles, e entre eles. É informação daqui para aqui, dentro do esquema, onde eles assumem a versão que lhes é mais, digamos, favorável. Nós não temos nenhum documento primário, mas, por exemplo, as fichas de interrogatório, que eu tenho do meu...equipe A, equipe B, equipe C. Não temos. É CISA dando informação para o DOPS, o 1º Exército dando informação para os outros. Mas mesmo nesses documentos, eles entram em contradição. Num eles são

reconhecidos, seguidos, identificados. Num Ranuzia é presa de manhã, os outros dois são presos depois. Noutro, os três são presos, num mesmo momento. No outro, do CISA, é um tiroteio. E a versão do Cláudio Guerra...eu acho até que no depoimento dele aqui, ele chegou a admitir que é completamente fantasioso, aquela questão do Perdígão ter convocado e ele não poder comparecer e delegar isso a dois elementos da confiança dele. Esse é o cerco que tem uma coisa meio cinematográfica. E eu concluo. Para mim é isso. Eles foram presos. Talvez a versão de que foram identificados a partir do Almir, que tinha uma vida legal de operário numa metalúrgica no Rio de Janeiro. Talvez tenha sido isso...

03:02:59 – NADJA BRAYNER– Seria a mais plausível, não é?

03:03:01 – ROMILDO MARANHÃO – Todos foram presos, torturados e já existia, na época, no estado brasileiro, a decisão de não ter prisioneiros, nem sobreviventes num determinado nível de implicação. E com isso, com essa certeza, eu não afasto sequer a possibilidade desse grupo ter passado pela Casa da Morte em Petrópolis. Porque existe uma lacuna muito grande entre não ter sobreviventes da Casa de Petrópolis, a não ser a Inês Etiene. Existe uma lacuna de pelo menos dois anos. Entre Fernando Santa Cruz e Eduardo Collier, e o anterior, que é o Breno, que é o companheiro de organização da Inês. Eu não acho crível, não acho razoável, o bom senso não admite que se tenha montado aquela estrutura em Petrópolis, que eu cheguei a conhecer, que eu cheguei a ir ao local, uma estrutura daquela de tal forma organizada, para ficar inativa durante dois anos. Ociosa durante dois anos. E a gente sabe que para ali só iam os condenados à morte. Isso é uma certeza. E o próprio Cláudio Guerra relata dessa forma, não é?

03:04:30 – ROBERTO FRANCA – Romildo, e também o fato de que não era interessante executar prisioneiros antes de ouvi-los. Eles precisavam saber mais informações, então, sempre tentariam a tortura antecipada, no caso de Ramires, a prisão antecipada, é mais provável, a prisão anterior.

03:04:49 – ROMILDO MARANHÃO– E eu acho que o Bairro da Tijuca, o quartel da PE, é ...não estou dizendo que foi desativado, provavelmente ficou para coisas menores. Os casos importantes, os condenados a morrer, iriam ser ouvidos e serem executados é, não temos certeza, os tais arquivos da repressão eventualmente poderão nos ajudar nisso. Não temos ainda documentos de prova, mas é uma possibilidade que as Comissões todas, inclusive a Nacional, não pode afastar. Fico à disposição da Comissão no Rio de Janeiro para qualquer esclarecimento...

03:05:35 – NADJA BRAYNER– Você falando sobre esse documento do CISA, e realmente no documento do CISA tem alguns momentos lá que aparece assim: “declarações de Ranuzia”, “declarações de Ramires”, umas três ou quatro vezes.

03:05:46 - ROMILDO MARANHÃO- ...de Ranuzia, de Fernando Sandália...declarações de...até mais antigas de 70...

03:05:52 – NADJA BRAYNER – Exatamente. Eles fazem um roteiro das ações todas, não é? E aqui na Comissão nós ouvimos José Adeildo Ramos, e o pessoal afirma que o Fernando Sandália morreu aqui...

03:06:08 – ROBERTO FRANCA – Morreu aqui, com certeza.

03:06:09 – NADJA BRAYNER - E quando foi feita toda aquela armação usando o cenário do Rio naqueles dois episódios, que envolveram Lurdinha Wanderley, que foi na tal rua, e o outro, o Sandália, Silton, três em cada uma.

03:06:26 – ROMILDO MARANHÃO – Me parece que o Sandália foi assassinado aqui e, no Rio, eles pegaram o resto do grupo e...

03:06:33 – NADJA BRAYNER– Divulgaram depois, fizeram o cenário...

03:06:35 – ROMILDO MARANHÃO– É interessante que esse teatrinho de rua é muito parecido com a da Praça Sentinela, do bairro do Grajaú, um fusca branco, onde você tem Fernando Sandália fora do carro, com o corpo da Ranuzia, com dois atrás no carro, totalmente carbonizados, tirou o Bartolomeu e o Silton, e na frente, no banco do carona, com o corpo parcialmente carbonizado, o Getúlio. São coisas muito parecidas.

03:07:10 – ROBERTO FRANCA – Um momento, só *en passant*...você tem algum conhecimento de que o Perdigão tenha estado aqui em Pernambuco?

03:07:19 – ROMILDO MARANHÃO– Não. Não. Eu acho que o Guerra fala rapidamente sobre isso...

03:07:26 – ROBERTO FRANCA – Ele lembra essa hipótese como uma possibilidade de armação, desse modelo de construção de acidente poderia...era do estilo do Perdigão, é...pode ser um chute completo? Mas o fato de ele vir aqui...ele disse "não, vocês tem que rastrear as vindas dele", olha é muito difícil, não deixa registro nem...mas o fato é que a gente não tem esse conhecimento da vinda dele. Tínhamos de Fleury, com frequência e, hoje, com antecipação, num período grande, o ...

03:07:56 – ROMILDO MARANHÃO – Eu acho importante só encerrando, Ramahiana. Eu destaco que, pelo que eu ouvi aqui, Ramahiana foi preso dois dias antes de Benevides. Eu destaco que as comunicações naquela época eram muito complicadas. Eu quando entrei no DNPM, em 81, a tecnologia da época era Telex. Outra coisa que eu destaco, Ramahiana é citado no documento do 1º Exército, num alegado depoimento, interrogatório de Ranuzia, como sendo uma pessoa marcada para justicamento por conta de ter aberto nomes do PCBR no processo de prisão. E eu destaco...eram três destaques que eu teria para encerrar...

03:08:53 – NADJA BRAYNER– E consta no documento...daquele documento do IV Exército, não é?

03:08:56 – ROMILDO MARANHÃO – Está aí. Vocês têm ...ele seria...eu confirmo...

03:09:00 – NADJA BRAYNER– Ele seria executado, não é? Exatamente, porque seria...

03:09:03 – ROMILDO MARANHÃO– Mesmo assim, como o outro, o que foi executado...como justicamento...

03:09:09 – NADJA BRAYNER– Salatiel.

03:09:10 – ROMILDO MARANHÃO– Como Salatiel; ele estava destinado a ser justicado pela organização. Não vou entrar no mérito, nem em detalhes, porque eu não tenho. Eu tinha essa informação que ele é baiano, mora na região do cacau, Ilhéus, e parece-me que a internet está ajudando nisso. Eu não sabia que ele tinha esse contato no dossiê na Família Benevides, eu não sabia. Não tenho, nunca tive contato com ele. Eu destaco apenas que a prisão dele foi dois dias antes, salvo engano, da prisão do Benevides e que na época essas comunicações não eram tão como hoje que tem computador, internet, a rede! A nuvem! Falam na nuvem, né? E, apenas eu levanto, e eu quero que Pedro Eugênio seja questionado em relação a isso, e durante todo esse processo de...não tenho mais informações a dar para Ramires, além do que já está aí, que durante essa questão da morte do Benevides e de Miriam Verbena, a minha amiga Miriam, foi muito discutido por nós, durante os oito meses, foi...reuniões...eu acredito que no Bom Pastor deve ter havido um processo semelhante, entre vocês lá do Bom Pastor, não sei, mas no "buque", no DOPS, isso foi discutido o tempo todo, ponto por ponto, evidências, e suposições, e pequenos detalhes de cada um, do interrogatório de cada um, e tal. E a conclusão mais

viável, não é nenhuma certeza, eu acho que tem que investigar, tem que ir a fundo nisso. A nossa conclusão na época, apesar de eles dizerem, se vangloriarem no DOI-CODI, diz que “nós sabíamos...”, “você estão em nossas mãos, e...tal”. mas não explica, por exemplo, que durante vinte dias ninguém foi preso. Entre a morte de Ezequias e a minha prisão, e conseqüentemente a prisão de Pedro Eugênio, e a prisão de Sônia...não, aí vêm, eu perco o controle. Durante vinte dias ninguém foi preso. Ezequias foi preso dia nove. Dia dez...

03:11:45 – NADJA BRAYNER– Ele diz que depois desse tempo, não é? Até o final...

03:11:46 – ROMILDO MARANHÃO– Eu quando entrei no DOI-CODI no primeiro dia, eu acho que eles soltaram Dosa e ficaram com Aluizio. Porque eu vi Aluizio.

03:11:56 – NADJA BRAYNER– Ele foi sequestrado depois.

03:11:57 – ROMILDO MARANHÃO– Eu vi Aluizio no DOI-CODI, eu no fundo da cela, ele passou para ir no banheiro. De cuecas. Era uma ala que tinha três, quatro celas e o banheiro, e outra cela onde ficou Sônia Coutinho com Guilhermina. Eu as vi, por conta dessa arquitetura. Em determinado momento, o Aluizio passa e olha para a minha cela. Coisa que ele não poderia ter feito. Principalmente estando sem capuz. Ele viu e tomou um susto. Mas não falou nada. E depois ele voltou e não olhou mais para dentro da cela. Quer dizer, investiguem isso. Tentem montar esse quebra-cabeça. Por que não houve prisões entre a última prisão e a minha prisão, que teve como consequência as demais prisões, a partir da prisão de Pedro, que eu não sei como aconteceu. Porque Pedro não estava em casa. Ele não foi preso em casa. Pedro já estava fora de circulação quando foi preso. O depoimento de Pedro é chave nesse caso.

03:13:12 – NADJA BRAYNER– Eu...eu (aplausos) quero agradecer, mais uma vez, a Romildo e aos demais depoentes e dizer, e pedir a vocês, também a Rildete, o que vocês dispuserem mais de documentos que possam passar para a gente, é fundamental. Sem dúvida, tudo interessa. -----



COMISSÃO ESTADUAL DA
**MEMÓRIA
 E VERDADE**
 DOM HELDER CÂMARA